

A  
VIDA

ME

CRÔNICAS  
DA VIDA  
SERGIPANA

QUER

BEM.

AMARAL  
CAVALCANTE



EDISE



A  
VIDA  
ME  
QUER  
BEM





## GOVERNO DO ESTADO DE SERGIPE

### **Governador**

*Belivaldo Chagas Silva*

### **Vice-Governadora**

*Eliane Aquino Custódio*

### **Secretário de Estado do Governo**

*José Carlos Felizola Soares Filho*



## SEGRASE - SERVIÇOS GRÁFICOS DE SERGIPE

### **Diretor-Presidente**

*Ricardo José Roriz Silva Cruz*

### **Diretora Administrativa-Financeira**

*Maria das Graças Souza Garcez*

### **Diretor Industrial**

*Milton Alves*



## EDISE

### **Gerente Editorial**

*Jeferson Pinto Melo*

### **Conselho Editorial**

*Antônio Amaral Cavalcante*

*Cristiano de Jesus Ferronato*

*Ezio Christian Déda Araújo*

*Irineu Silva Fontes*

*João Augusto Gama da Silva*

*Jorge Carvalho do Nascimento*

*José Anselmo de Oliveira*

*Ricardo Oliveira Lacerda de Melo*

A  
VIDA



ME

CRÔNICAS  
DA VIDA  
SERGIPANA

QUER

BEM

AMARAL  
CAVALCANTE



ARACAJU, 2019

Planejamento e Organização

**MÁRIO BRITTO**

Planejamento editorial, projeto gráfico  
e diagramação

**GERMANA G. DE ARAUJO** (UFS)

Capa

**GERMANA G. DE ARAUJO** (UFS) - Arte com  
fragmentos das ilustrações dos artistas  
convidados.

**VITOR RODRIGUES** - Tipografia FITAS

Seleção da Crônicas e revisão dos originais

**MARIA ROSENEIDE SANTANA DOS SANTOS**

Revisão

**GUSTAVO ARAGÃO CARDOSO**

Textos

**CARLOS CAUÊ**

**ILMA FONTES**

**JEOVÁ SANTANA**

**JORGE CARVALHO**

**LUCIANO CORREIA**

**MARCOS CARDOSO**

**MÁRCELO DÉDA**

**MÁRIO BRITTO**

**RIAN SANTOS**

**SÍLVIA LEROY**

**TEREZINHA DE OLIVA**

Ilustrações

**ELIAS SANTOS**

**FÁBIO SAMPAIO**

**FELIPE XOCÓ**

**GABI ETINGER**

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)**

Associação Brasileira das Editoras Universitárias (ABEU)

C376v

Cavalcante, Amaral

A vida me quer bem : crônicas da vida sergipana / Amaral  
Cavalcante. – Aracaju : Editora Diário Oficial do Estado de  
Sergipe - Edise, 2019.  
356 p.: il.; 22 cm. . Ebook PDF.

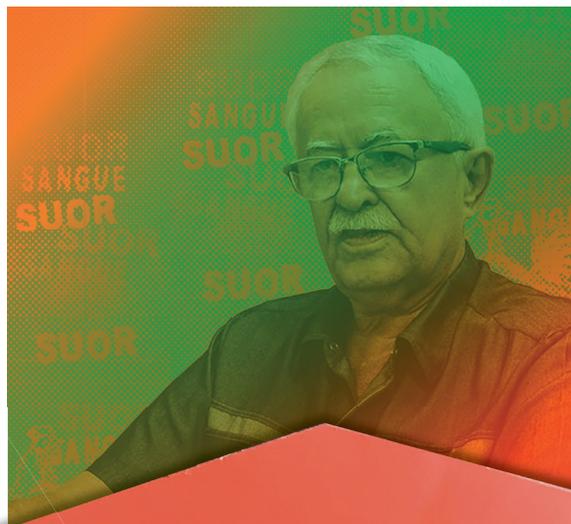
Modo de acesso: world wide  
web: <https://segrase.se.gov.br/>

ISBN 978-85-53178-45-2

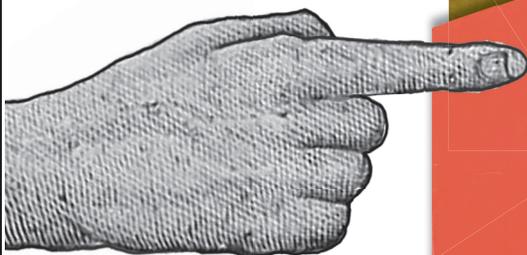
1. Crônicas. 2. Vida. 3. Sergipana. 4. Literária. I. Título.

CDU: 869.0(81)-34

Elaborado por Neide M. J. Zaninelli - CRB-9/ 884



“ Para Jorge Samuel,  
filho do coração ”



# NOTA DO ORGANIZADOR

Dividido em quatro partes, ***A Vida me quer bem – Crônicas da Vida Sergipana*** é, de fato, uma inequívoca demonstração de quanto a vida quer bem ao poeta Amaral Cavalcante, assim como a todos nós – seus amigos, fãs e leitores – que terão o privilégio de ler esse compêndio de crônicas, que aborda temas não só do cotidiano, como também outros de teor cultural, social e político; tudo com a mesma espontaneidade.

Personagens conhecidos desfilam por essas crônicas, que enchem de orgulho os nominalmente citados, e de ciúmes os que gostariam de ter vivido essas histórias com o cronista. Mas conformemo-nos, pois a magia da escrita, técnica dominada com maestria por Amaral, faz com que – ali e acolá, de uma forma ou de outra, pela menção de um lugar ou de um fato – sejamos todos inseridos nessas memórias que, definitivamente, cingem a vida de Sergipe nessas últimas cinco décadas.

A curadoria literária – trabalho paciente e primoroso – foi confiada à Maria Roseneide Santana dos Santos, que teve que selecionar 110 crônicas em um fecundo celeiro, o que não configurou tarefa fácil... Nessa primeira leva, muitas crônicas não entraram, mas, felizmente, resta-nos o acalento de uma nova publicação em breve.



Esta obra conta com a revisão de Maria Roseneide Santana dos Santos e Gustavo Aragão Cardoso; com as ilustrações graciosas feitas por Elias Santos, Fábio Sampaio, Felipe Xocó e Gabi Etinger, artistas escolhidos por Amaral; com a apresentação da lavra do publicitário Carlos Cauê, o prefácio do poeta Jeová Santana e, ainda, textos dos amigos, que o acompanham desde os tempos joviais: Ilma Fontes, Jorge Carvalho, Luciano Correia, Marcelo Déda, Marcos Cardoso, Silvia Leroy e Terezinha de Oliva, e, do mais recente, Rian Santos.

Como não poderia ser diferente, à talentosa professora da Universidade Federal de Sergipe, Germana de Araújo, foi delegada a missão de fazer todo o projeto gráfico e a diagramação deste livro, papel que executou magnificamente.

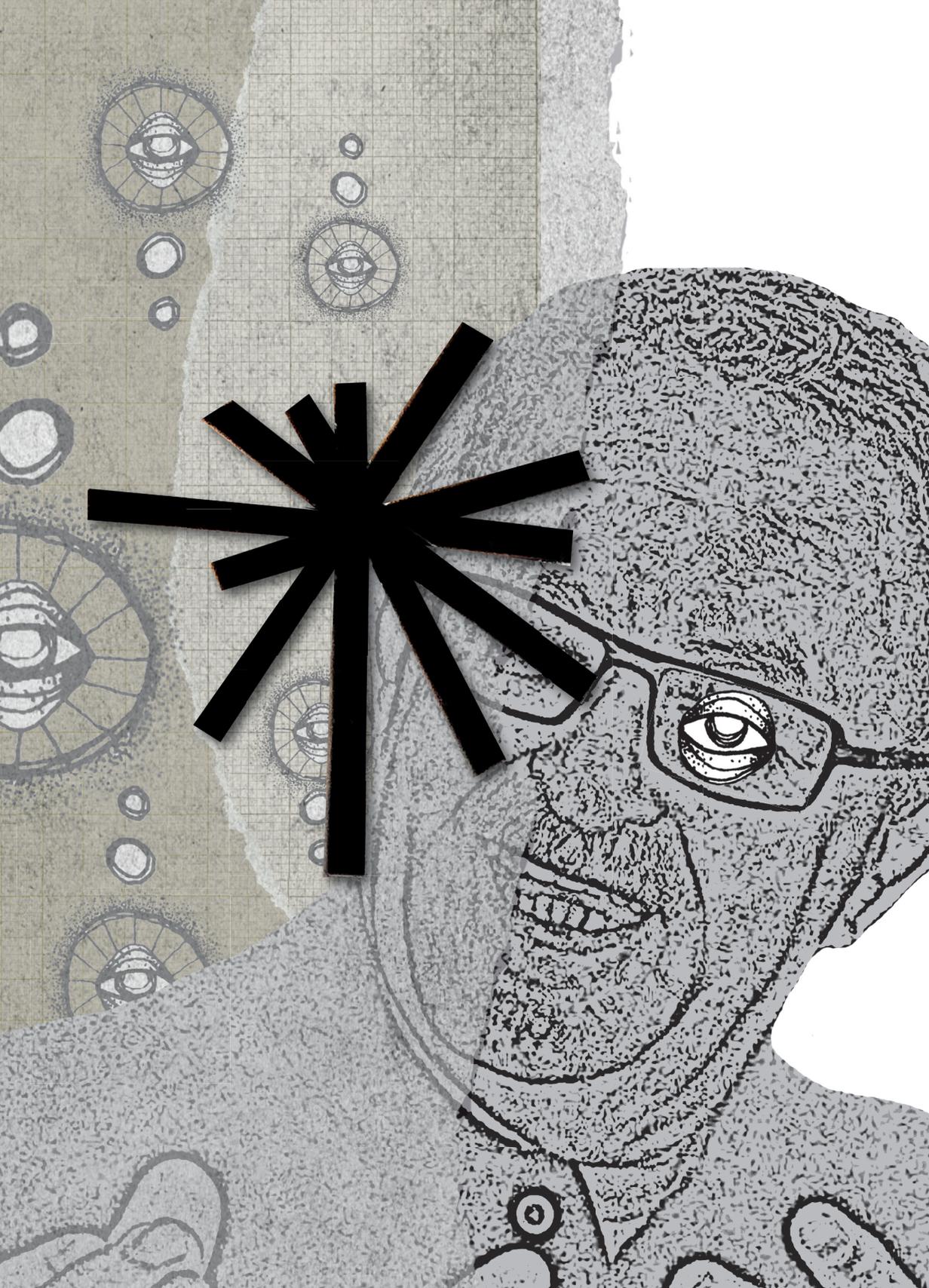
A mim, coube a prazerosa missão de organizar este livro, que, com imenso orgulho e inarrável honra, apresento a todos, absolutamente convicto de que a sua leitura será motivo de muitas alegrias, porque ler Amaral é se deparar com os acontecimentos mais divertidos, ocorridos no eixo Simão Dias-Aracaju. São crônicas escritas com o ardor de quem ama e vive intensamente cada dia dessa loucura chamada vida.

Tenham uma boa leitura!

**Mário Britto**



OR  
GUE  
OR  
SUOR  
GUE  
OR  
SUOR  
ANCHE  
GUE



# APRESENTAÇÃO

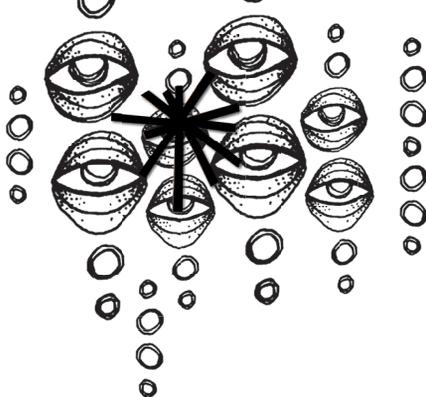
**Carlos Cauê**

— Sou todo amor — escreveu ele um dia para nós.

Nós, quem? Eu, Sales Neto, Luciano Correia, Eduardo Almeida e Marcelo Déda.

Mas, na verdade, éramos muitos mais. Talvez a humanidade inteira contemplada naquele *e-mail*, a quem ele lançava o grito pra revelar sua natureza mais primeva, sua gema mais sagrada e nuclear. Amor.

Foi e é assim que se reconhece no mundo: através da formidável capacidade de amar. Seja a um cão cujo brilho crepita até hoje em seus olhos. Seja a uma velha cidade, cuja torre da igreja lhe deu asas para voar mundo afora. Sejam as paragens que veio colecionando no trajeto de suas viagens, guardando-as num imenso caçuá de palavras, até fazer-se imortal delas e nelas. Seja um jovenzinho franzino, que cruzou a rua com o descuido das ondas e não regressou ao mar, ou mesmo o eterno menino, que ainda lhe vigia o sono e os sonhos, disfarçado de profeta.



O poeta Amaral Cavalcante, se nada soubesse da vida, bastaria saber que ama e isso já é tudo. Aliás, isso já lhe explica da cabeça aos pés, com diabetes e diatribes, com artrites e agora as maçantes hemodiálises, com sua inevitável queda para fazer comidinhas de denngo, acepipes que a alma traga com prazer. E com o verdadeiro prazer do corpo — aquele, de sujar lençóis e reputações, de delirar na escada, de liberar todos os fluidos na madrugada, sob o olhar de um felino que volta pra casa chamuscado.

Nas suas compoteiras cabem as melhores cabeças e as nem tanto. Todos cabem na sua cristaleira de memórias, porque o poeta coleciona gentes e as envolve a todas num melaço de afeto que só ele produz: no parque, no Scooby Doo, na casa da rua Luis Chagas, no Folha da Praia, *bunker* do qual lançou petardos, que abalaram o mundo e do qual nunca saiu, guerrilheiro que se fez das causas do homem.

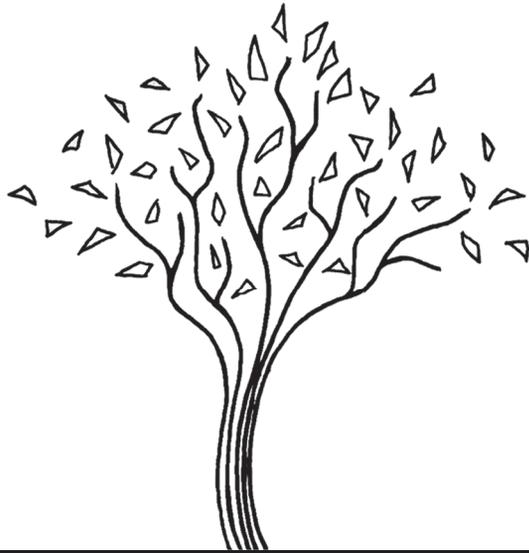
Mas se pensa que esse amor é daqueles de janelas e varandas, camélias no peitoril, engana-se. Ele é capaz de



regurgitar a si mesmo, entranhar-se com as entranhas, fétido, putrefato e viscoso, e disse revirar-se poesia. A mais pura. Odienta e pura. Cafajeste e pura. Dolorosa e pura. Poesia, aliás, que é o seu verdadeiro amor. O visceral, de onde todos os outros provêm. Foi ele mesmo quem me avisou:

*“Sou fedorento, Cauê, guardo o cheiro de virilhas, subacos suados, mãos grossas, laboriosas, pescoços vergados, ombros curtidos de sol, pernas lambidas de mar, odores sofridos que se me entregam ao gozo e disto tudo arregimento a beleza da minha poesia cotidiana. É assim que consigo exalar o cheiro elísio dos poetas.”*

Nunca duvidei. É na fertilidade milenar desse pântano que eu chafurdo, aprendo com ele a ser mais humano.



PREFÁCIO

# CRÔNICAS DE AMOR E VIDA

**Jeová Santana**

Se há uma particularidade na presença da crônica da literatura brasileira, como aporte de nossa riqueza cultural é o fato de ela ter sido praticada, ontem e hoje, por escritores pertencentes, ou não, ao chamado cânone. Sabemos que essa tendência não se deu apenas por razões estéticas. Premidos por demandas materiais de toda ordem, foi por meio da crônica escrita para o jornal, que muitos encontraram uma forma de complementar suas parcas rendas, enquanto tocavam seus projetos para a criação de romances, contos, poemas e peças.

Outro fator soma-se a essa especificidade: a entrada, para o estrato seletivo do citado cânone, de um autor que somente exerceu o ofício de cronista: o capixaba Rubem Braga. Seu legado, dividido entre dezenas de livros e milhares de crônicas, deu a esse “gênero menor” o devido reconhecimento estético, pois nele o Velho Urso soube, como ninguém, olhar o prosaico e o sublime da vida sob o ritmo de sua prosa poética.

---

Marcado pela escolha individual, mas sem atender, de início, a maiores ambições que as de ser um observador do seu tempo, retirando do cotidiano e da memória a sua matéria, o cronista continua sendo um ser capital, principalmente, quando olhamos à nossa volta e percebemos o perigo de o homem se tornar apenas uma peça de reposição no maquinário do capitalismo. O fato de não estar presa a certas amarras estruturais também faz da crônica o lugar da experimentação e da quebra do rigor na separação dos gêneros literários. Por esse prisma, já estava mais do que na hora de o jornalista e poeta Amaral Cavalcante sair do casulo virtual e da dispersão do jornal para reunir, em livro, seu contributo a essa valiosa escrita que observa o mundo e suas criaturas.

Dividida em quatro partes, nesta recolha apresentam-se todos os componentes que caracterizam o gênero Crônica. Na primeira, “No mundo doce dos açúcares imemoriais”, desfilam traquinagens, proustianos sabores culinários de parentes, aderentes e vizinhos, episódios quixotescos e tipos que parecem saídos das oficinas novelescas e dramatúrgicas de Dias Gomes. Na segunda, “A vida me quer bem”, o fio da memória continua esticado entre o passado e o presente. Este nos cenários da Atalaia e de Aracaju; aquele nos de Simão. Hora de acertar os ponteiros com as perdas, trazidas pela Indesejada das Gentes sob o consolo das lembranças: “Adriano”, “Hernane”, “Adônis”, “João Broco”, “Cleomar Brandi”, “Jajá”, “Cabo Tripa”, “Fernando Sávio” etc.

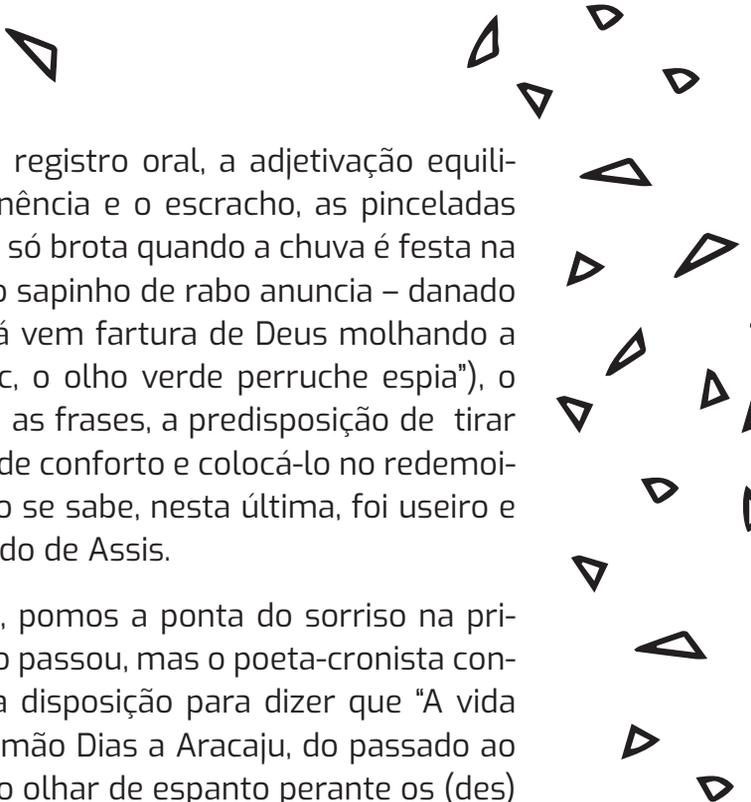
---

Na terceira, “Guardiã de inúteis segredos”, a crônica “A morte da agenda velha” pode muito bem ser vista como uma metáfora para o esforço de não ficarmos à mercê das intermitências da memória: “Doeu, claro que doeu, mas eu tinha o direito de me livrar de tantos mortos guardados, apontamentos que não deram certo (...)”. Assim, o cronista enfileira viagens, amizades, causos automobilísticos, picaretagens, práticas sociais do passado, já desaparecidas, como as do “Baile dos Artistas” e “Natal no Parque Teófilo Dantas”, ou mais recentes, como a moda novidadeira e consumista, que fez da “Tapioca Alagoana” uma ameaça ao nosso milenar beiju.

Por fim, na seção “De bar em bar”, uma valiosa incursão por espaços etílicos que marcaram as veias renais de tantas gerações. O cronista foi testemunha do nascimento, do apogeu e da morte de muitos deles. Não se rende à nostalgia, pois ainda sai de casa à procura de algum que lembre os que teve o privilégio de desfrutar. Infelizmente, volta se perguntando: “Amigos, amados, por andam vocês?”. Esta lacuna é tudo depois de encarar uma “Cleide Lanches” que, nem de perto, lembra suas beberagens coletivas “no Bar 315, no Furna da Onça, na Cascatinha, nas 4 Bocas, no Corno Velho, no Vaqueiro, no Burguesia, no China, no Barbudo’s...”.

À leveza e à concisão, marcas prementes na crônica, Amaral ainda acrescenta o humor. Este advém tanto dos episódios quanto dos muitos tipos que atravessaram sua vida, quanto do próprio estilo, no qual in-

---



cluem-se a valia do registro oral, a adjetivação equilibrada entre a imponência e o escracho, as pinceladas de poesia (“Teimosa, só brota quando a chuva é festa na mata e, na aguada, o sapinho de rabo anuncia – danado de contente – que lá vem fartura de Deus molhando a plantação. Ploc, Ploc, o olho verde perruche espia”), o modo como articula as frases, a predisposição de tirar o leitor de sua zona de conforto e colocá-lo no redemoinho da cena – como se sabe, nesta última, foi useiro e vezeiro certo Machado de Assis.

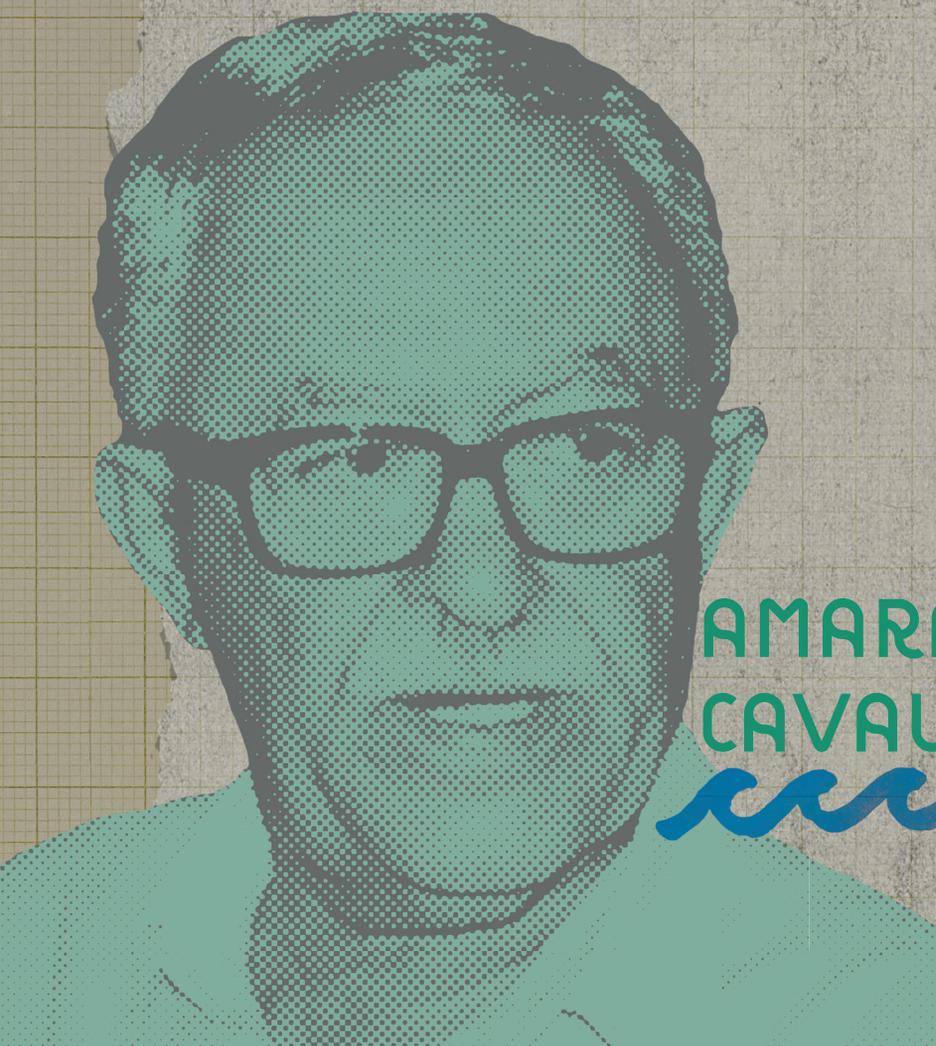
Em muitas crônicas, pomos a ponta do sorriso na primeira frase. O tempo passou, mas o poeta-cronista continua com a mesma disposição para dizer que “A vida lhe quer bem”. De Simão Dias a Aracaju, do passado ao presente, é o mesmo olhar de espanto perante os (des) encantos oriundos do humano, demasiado humano. O menino que “pescou” um urubu em Simão Dias, o jovem que teve um carro chamado “pereba”, incursionou por visagens psicodélicas e literárias, hoje é um senhor, cheio de idos na (ainda) bucólica Atalaia; um homem maduro, mas não ranzinza; curioso e propenso a circular e ver o que pode compensar, minimamente, tudo que se foi sob a enxovia do tempo: bares, livrarias, jornais, pessoas. Aqui, se tem, portanto, uma visada sobre a vida que não pode ficar restrita aos limites geográficos do “menor do Brasil” e sua capital tingida, cada vez mais, por exíguos cajueiros entre o avançar implacável da feia e fria arquitetura vertical.

Amaral Cavalcante fala para o mundo.

---



“ CRÔNICAS  
DA VIDA  
SERGIPIANA ”



AMARAL  
CAVALCANTI



# 25 NO MUNDO DOCE DE AÇUCARES {MEMÓRIAS}

## SUMÁRIO

- A DESCENDÊNCIA, **27**  
AS COMPOTEIRAS, **30**  
À LUZ DOS CANDEEIROS, **33**  
JOANA DOCEIRA, **36**  
O SORVETEIRO VALÉRIO, **39**  
FIADO, SÓ BOSTA!, **41**  
PIRÃO DE CAPÃO, **44**  
SEU LIMINHA EM UмбаÚBA, **47**  
URUBU DE CHOCALHO, **50**  
ALÇAPÃO DE PEGAR SANHAÇO, **52**  
FOGO PAGÔ, **54**  
DESCREVENDO WANDERLEY, **56**  
NA BODEGA DE SEU CIPRIANO, **60**  
A BUZINA DA MARINETE, **63**  
O ZUNIDO DAS CIGARRAS, **66**  
O SULTÃO DAS ARÁBIAS, **69**  
ÊH, PERRUCHE!, **72**  
UMA FOTOGRAFIA, **74**  
BRILHO, **77**  
O INQUILINO, **79**  
VISITA INUSITADA, **81**  
FREDERICO CIDADÃO, **83**  
CONVERSA DE FUSCA, **86**  
A SANTA QUARESMA, **90**  
MEMÓRIAS DO ESCURINHO, **92**  
OS CHEIROS OU A PERMANÊNCIA  
DO SABÃO DE ALCATRÃO, **95**  
O MONSTRO CASCU DO, **98**  
AVENTURAS NA PRAIA FORMOSA, **100**  
O FOGARÉU DE FÁTIMA, **102**  
ITAPORANGA, **104**  
MEU PROBLEMA É UM SARIGUÊ, **106**  
NA CADÊNCIA DO SAMBA, **109**  
O APARELHO DE JENNY, **111**  
ALAGOANA, **114**





# 117

## A VIDA ME QUER BEM

CLAIR DE LUNE, **119**

ADRIANO, **122**

HERNANE, O PERFORMÁTICO, **124**

ADÔNIS, **127**

JOÃO BROCO, **132**

VISITEI UM FAUNO, **135**

O JEEPÃO DE JAJÁ E AS HONORÁVEIS SENHORAS, **137**

A TURMA DO CABO TRIPA, **140**

A SOMBRA ETÍLICA, **143**

FERNANDO SÁVIO BRANDÃO DE OLIVEIRA, **145**

UM BRINDE A SANTO SOUZA, **147**

DEUS QUERIA MANOEL, **149**

O POETA DO AMOR BEDUÍNO, **151**

O PIROTÉCNICO EZEQUIEL, **155**

O JORNALISTA ZECA DÉDA, **157**

CARMELITA FONTES, **160**

CLODOALDO DE ALENCAR FILHO, **163**

O ATELIER DE FLORIVAL SANTOS, **165**

NOS TEMPOS DO VÍDEO CASSETTE, **168**

FALTOU GÁS, **171**

O ELEITO DE DEUS, **174**

PLANTEI UMA UMBUZEIRA!, **176**

EM BUSCA DO CORAÇÃO DE LUIZ ANTONIO, **178**

ALÉM DO HORIZONTE, **181**

HOMENAGEANDO UM FOTÓGRAFO, **183**

DONA BERTILDES, **185**



# 189 GUARDIÃ DE INÚTEIS SEGREDOS

- A MORTE DA AGENDA VELHA, 191  
A ARMADILHA DAS RUAS, 193  
EM CIMA DE UM CAMINHÃO, 195  
MOCHILEIRO NO TREM DA MORTE, 198  
NO COLODIANO, 201  
TEM MALUCO NO PRÉDIO!, 204  
DO GORDINI E OUTROS CAUSOS, 206  
A CAMINHO DA PRAIA, 209  
PREÁ DE BAZAR, 213  
AQUILO SE CHAMA BEIJUI!, 215  
VOLVER, 218  
FOI BOM PRA VOCÊ?, 220  
ANO NOVO, 222  
A IMPRENSA DO ARCO DA VELHA, 224  
ANTIGOS CARNAVAIS, 227  
A LOURA ERA O BENEDITO, 230  
O MEMBRO EXPLÍCITO, 233  
A AMEAÇA DA LUFTWAFFE, 236  
A RUA VISTA DA INSÔNIA, 239  
HÁ MAR?, 242  
A TOPADA, 244  
CRISTÃO DESCOLADO, 246  
O CONTO FRUSTRADO, 249  
BOLETIM MÉDICO, 252  
QUERIDO SENHOR DO TEMPO, 254





# 257 DE BAR EM BAR

- O PAINEL DA ARTE, **259**
- DO VAQUEIRO AO MANEQUITO, **262**
- DO LUMIAR AO CIO DA TERRA, **266**
- O BARRACÃO, **269**
- O BARRACO DE BOA-MORTE, **271**
- O PIANO'S BAR DO ZENÓBIO, **274**
- O CIRCO AMORAS E AMORES, **277**
- O REVERTÉRIO DE BETTY DAVIS, **280**
- O BARBUDO CISMOU, **283**
- PENETRANDO NA ATLÉTICA, **286**
- O RANGO NO MERCADO, **289**
- O BAIXO BARÃO É MODAI!, **292**
- A YARA, **294**
- O CACIQUE CHÁ, **297**
- A CASCATINHA, **299**
- O CACHORRO QUENTE DE SEU JOÃO, **302**
- O BAR DO MEIO DA RUA, **305**
- O BAR DO PINTO, **309**
- O BAR DOS MUITO MACHOS, **311**
- BAR *SCOOPYDOO*, **313**
- MEU REFÚGIO, **317**
- O BAR BOSSA NOVA, **320**
- O GOSTO GOSTOSO, **322**
- A BOATE LOURINHA, **325**
- UM BAR DE OTÁRIO, **328**

# 331 CONVIDADOS

## ARTISTAS

**Felipe Xokó**, 24

**Fábio Sampaio**, 116

**Gabi Etinger**, 188-189

**Elias Santos**, 256 e 330

## AMIGOS

**Ilma Fontes**, 332

**Jorge Carvalho**, 334

**Luciano Correia**, 339

**Marcelo Déda**, 340

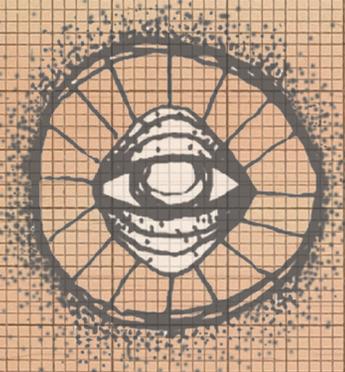
**Marcos Cardoso**, 342

**Rian Santos**, 346

**Sílvia Leroy**, 347

**Terezinha de Oliva**, 350

170  
160  
150  
140  
130  
120  
110  
100  
90  
80  
70  
60  
50  
40





no  
MUNDO  
DOCE  
DE  
AÇUCARES  
{MEMÓRIAS}



25

CRÔNICAS  
DA VIDA  
SERGIPANA





NO MUNDO  
DOCE DE  
AÇUCARES  
IMEMORIAIS

## A DESCENDÊNCIA

Sou filho de José Cavalcante Lima – chamado “Seu Liminha” – e Corina Hora Amaral. Neto dos varões Hermínio e Corcino e de suas senhoras, Terezinha e Maroca. De vó Maroca, lembro o queixo fino, empinado e do pé de sapoti no seu quintal, onde a algazarra dos nicos me conduzia às matas de Tarzan. Já Terezinha, curvada sob o peso de um mau-humor dolorido, era rasquenta e braba, mas boa de Magazine, que os netos dela tinham que luxar. Corcino, caboclo do cabelo bom e bem-penteado, era um belo homem. Conta-se dele que sua mãe era índia, pega a dente de cachorro nas matas das Caraíbas. Daí sua arrogante elegância bigoduda, olhão de corta-mortalha, sempre de terno e colete, as mãos morenas sobre o castão prateado da bengala.

Vovô Hermínio – capaz de nem caber aqui, imenso, com o seu cajado de jacarandá e suas calças largas, qual bombachas – morava com Maroca mais não, “aquela velha feia”! Tinha era trinta namoradas novas na feira de Simão Dias o velho fanfarrão! Bamboleado com uma



Amaral, Nery e primos.



Primeira comunhão.

hérnia nos “quiba”, lá vinha ele todo manemolente, arrastando um cacho de pitombas e meia banda de jaca, todo sábado. Era dia de festa no quintal.

Meus pais namoraram contra tudo e todos, e vai que se amigaram por amor ou teimosia. Ele deve ter feito mal à donzela. Então, a família Ponphilo do Amaral exigiu reparação. Ponphilo era comerciante de secos e molhados, e dele mãe Corina sempre dizia: meu tio Ponphilo tinha tinas de bacalhau na despensa e só comia queijo do reino. Foi se engraçar de Liminha...

Vó Terezinha nunca se conformou, mas abafou o escândalo e foi deixando para ver como ficava aquela história de casal enamorado. Foram tendo filhos: primeiro José, depois eu. Quando dei por mim, já havia mais três: Tereza, Édila e Jorge.

O que resta hoje dessa prole é bonito de se ver. Zé Nery, o primogênito, foi embora pra Bahia e lá virou senhor



Primeira casa.

de próspera família, avô de amáveis caduquices, um correto cidadão já com três netos. Tereza envelhece tranquila, viúva de dois grandes amores, dona de si e do mundo, avó de muitos quereres. Édila, a mais nova das mulheres, inteligente e dedicada ao trabalho, casou-se juntando sonhos com o amado, Lisboa, e hoje tem dinheiro e amor, filhos e netos. Jorge, conhecido como “Sabiá”, viveu cantando de galho em galho, sem se preocupar consigo nem com o quintal do vizinho. Vai ver que veio aqui só para constatar como a vida familiar é inadequada aos pássaros. Eu, arrimo que acabei sendo, estive algum tempo encarregado de cortar suas asas, único pecado que carrego irresolvido, digamos assim, na alma. Traído pela *cannabis*, “Sabiá” morreu morando em minha casa, onde batia do chinelo o pó das ruas, quando bem entendia.

E eu, chamado “Tonho”, sou o que vosmecês já sabem: um poeta da província, cronista dessas saudades.



## AS COMPOTEIRAS

Decido espanar o pó da memória nos armários da cozinha. Rever o sorriso apatetado do *biscuit*, polir a esbelta compoteira até que surja, translúcida, a lembrança dos doces guardados. Cheio de trechos inúteis, o armário da cozinha era o tesouro da família; uma peça delicada, com pés de pantera e detalhes floridos, toda emvidrada. Nas portas, uma lâmina de cristal levemente bordada e ao fundo um espelho já carcomido, onde a umidade desenhava impingens. Lá, salvo da danação das crianças, estava em louça e quinquilharias a genealogia matriarcal da casa: uma xícara de Macau (sem asa); cumbucas de louça inglesa, com algumas rachaduras; bonequinhos de alabastro namorando no jardim; um incompreensível jarro de galalite; saleiros de vidro e prata; talheres remanescentes de fino labor e belas, maravilhosas, compoteiras.

Decido salvar as compoteiras. A majestade delas se erguia altaneira em meio à nostalgia e à decadência da prateleira. Sobressaíam-se como incorruptíveis damas de honra do passado, empertigadas cortesãs

de um reino carcomido. Eram as nobres guardiãs dos doces caseiros, eram, no final das contas, a elegância que nos sobrava incólume. Se houver glória em minhas “Cruzadas” infantis, que seja a de buscar naquelas compoteiras o Santo Graal das delícias. A chave do armário, guardada numa perfumada caixa de pó compacto, fora a primeira honraria conquistada. Ficava na primeira gaveta da cômoda, no quarto matriarcal, entre antigos (e secos) frascos de perfume, num porta-joias de bronze, tão patinado quanto fedorento. Com ela em mãos, aos portões da cidadela! Honrado cavalheiro em nome do Deus das travessuras e grão-senhor do butim, eu pilhava – guloso, e como! – rodela púrpura de banana em calda, groselhas carmins, doces torrões de leite, bolotas de amendoim, jaca dura boiando em calda e, Deus meu, o supremo prazer do araçá batido. Decido olhar em volta. Era uma cozinha enorme no casarão da Praça “Barão de Santa Rosa”, em Simão Dias. No centro, majestoso, um velho fogão a lenha, de ferro inglês, com seis bocas, encimado por uma chaminé simãodiense, um arremedo de lareira que não souberam fazer, onde se penduravam as tripas e o toucinho para defumar. Mas fora um nobre e aristocrático fogão, até perder o quarto pé numa faxina desastrada. Manco, sobre plebeus tijolos, ele soube cumprir com dignidade estoica a sua danação republicana. Dom Fogão em sertanejos cuidados: da carne frita aos lombos, dos sarapatéis de carneiro ao miolo de boi e, no domingo,

sempre, aos camponeses cuidados com o frango de quintal dourando na panela.

Decido acendê-lo, num sábado. Oito horas. Graveto e querosene, pavio velho, casca de laranja seca e abano. Chegam da feira as partes de alcatra, as mantas de porco, as quartas de carneiro. Mamãe e auxiliares cortam que cortam em lombos, bifés, carne frita, torresmo. Cuidam de temperá-los que o *vinhad'elho* era a conserva de tudo, pois não havia – e nem nos faltava – geladeira lá em casa. Era em torno do velho fogão que se cozinhava aquele amor de família e é a memória dele, movido a achas de lenha, que ainda me cozinham as delícias da alma.

Decido salvar o fogão e as compoteiras.



NO MUNDO  
DOCE DE  
AÇUCARES  
IMEMORIAIS

## À LUZ DOS CANDEEIROS

Doutor Celso vai trazer luz da Hidroelétrica de Paulo Afonso! Que nada, era promessa de coronel. Tanta luz pra quê? Perturbar o xiriri das cigarras, quando, de tar-dinha, anunciavam chuva nas palmeiras da praça? Des-sesconder segredos nos oitões, apagar estrelas? Care-cia não. Um velho motor zuadento bufava de vez em quando na praça do Hospital e sua proficiência, arran-cando das tripas coração em bufos-bufos, acendia aqui ali um fifó elétrico nos postes, até as nove horas da noi-te, quando piscava duas vezes e logo logo nos devolvia à bendita escuridão. Era o que bastava. De noite, Simão Dias acendia suas Pletomax nas casas vetustas, ou era mesmo no candeeiro – doce gomo de luz, alumando as calçadas – que a cidade se via. Noites gostosas de escuridão e frio. Terá sido daí, do querosene inalado, do penumbrento lusco-fusco nos aguçando o tino, que nos tornamos únicos? Ou foi da elegância dos capotes, das lanternas de pilha recortando as ruas (cada indivíduo um farol de holandesas medidas), do boa-noite indis-tinto nos contrafortes dos becos. Algo noturno fez da minha cidade uma aldeia do mundo, eis que ficamos assim, simãodienses.

Depois do cuscuz ralado com manteiga sublime, noitinha, eu visitava o Padre Mário Reis. Padre macho, diga-se logo. Morava na praça a trinta metros da minha casa, mas o rito exigia lanterna, capa e circunspeção. Era somente lá, numa vitrola a manivela, que se podia ouvir a Cavalaria Rusticana, os doirados pomos de Chopin, o descabaço wagneriano em tímpanos heróicos, o doce Liszt, coitado, roendo a danação dos altares. Cadeiras confortáveis, semibreves e silêncio. O Padre só dizia: "Beethoven, Sinfonia Inacabada". E nada mais havia o que falar. Quando não, na Rua do Coité, o Bar do Sinuca me fazia moleque. Na bola sete, depois de um Jurubeba com mel, todo mundo botava dez tostões. Era prazer de derrubar cabra frouxo no cataplá das caçapas, a escolha certa dos tacos, o campeão ranhendo o giz em grave silêncio. Grave como um Aquiles atento ao fragor da batalha. O pano verde enseadas de Tróia – ele punha sobre a cruzeta o taco maior e pá! A bola branca saía exata, inventando geometrias, trisca aqui, tabela boba fazendo que não, depois cumpre o toque sutil: bola preta na caçapa.

A luz chegou depois de décadas de desesperança. Chegou com pompas de papel crepom, decorando os postes no estardalhaço dos dobrados. Lá estava a orgulhosa Lira Sant'Ana, toda engomada, com seus contrabaixos

encantando os meninos. O regente, Seu Mestre Raimundo, metido em terno azul de linho belga, esfogueava. Era desses brancos sardentos de bochechas róseas, cabelo de milho, dedinhos miúdos. A gravata grená, torta clave de ré apertando o gogó, inda hoje me fascina. Como podia aquele desgrenhado organizar tanto som de tal modo encantador? É que Seu Raimundo era belo regendo o patriotismo da cidade, qual cisne branco em noite de luz.

Mas não foi muito boa aquela luz de Paulo Afonso. Quando a festa acabou veio a praga dos baratões. Cada uma, meu irmão! Invadiram a cidade. Não se tomava fresca na calçada, não se abria um baú, não se dormia sem uma barata nos lençóis. Praga da peste! Elas chegavam por volta das seis, ritualísticas em volta das lâmpadas, depois davam a louca no mundo. Tivemos grandes problemas.

Pois lá vem Candhão (Dona Candhão é melhor), espavorida a xingar meio mundo de cão. Um intrépido baratão achara melhor se alojar no seu imenso califon e lá estava o danado, arranhando luxúrias no seu túrgido, imaculado peitão. Dona Candhão gritava: "A fia do cabrunco tá roendo minhas partes!" e chacoalhava, aflita, os berloques de ouro (pra conta de três), pendurados na cordilheira dos seios. Eu fui lá e os tirei.



## JOANA DOCEIRA

Joana Doceira vendia iscas de mamão cristalizado, jeni-papo seco, umas balas de mel pegajosas e doce batido em tacho de cobre. O de batata vinha com grânulos esquisitos, o de goiaba açucarava em cima. Agora, no de araçá, o azedinho enganoso de fruta até que compensava, mas só a meninada lhe fazia freguesia.

Tinha também um quebra-queixo briguento, impossível de morder por cariados e banguelas. Do tabuleiro lodento, ela extirpava, com certo esforço, uma lasquinha do doce, e competia a nós, meninos de Simão Dias, brigar a ferro e foice para degustá-lo com a precária dentição que, descuidada, doía-nos em cáries e incomodações.

O quebra-queixo na boca resistia um tanto, mas ia liberando pouco a pouco os seus mistérios de açúcar: lembranças de cocadas velhas, tons longínquos de maria-mole e sobressaltos de baunilha. Joana Doceira deixava restar no quebra-queixo o gosto primordial da maravilha: o sabor de goiabas amassadas, um gosto de chão arrematado nas frutas do quintal, maduras de preguiça e alumbramento.

Ficava no oitão da minha casa a venda dela, que nem platibanda tinha. Lá dentro, após o batente de ardósia polida por gerações de pezinhos, um escuro balcão paupérrimo de festa. Prateleiras destroncadas expunham pucumãs e intrincados alfenins de bosta de mosca. Falanges de baratas bêbadas crocitavam babadinhos de celofane, tão senhoras de si, que pareciam coadjuvantes, aprendizes da cozinha se apresentando à rara freguesia que chegava com seus tostões em punho.

Sá Joana Doceira estava muito velha! Tínhamos que gritar três vezes e esmurrar o balcão com vigorosos chamamentos para que, lentamente, balançando os peitões e arrumando a carapinha, ela aparecesse. Adernava a bundona enorme, parcamente disfarçada num camisolão de madrasto. Vinha desentalando os panos do fiofó, certamente imundo, enquanto abria um sorriso de negra velha com o olho derramado em nossos dez tostões.

Um dia, fui além do balcão. Tinha vontade de ver os armários de imundície de onde imergiam o corrompido sabor dos meus doces queridos. Desci dois degraus. No catre à esquerda, lençóis sujos. Na parede, uma Senhora Sant'Ana ensinava Maria a rezar. Um cotoco de vela na prateleirinha pedia por Joana, que adjutórios queria ela? Depois, a cozinha: trecos, pandarecos, um fogão de lenha, crepitando aceso, cozinhava doces. Eis que, daí, uma meia porta de tramelas me levou ao quintal!

Esta crônica chega até aqui para maravilhar o leitor. O quintal de Joana era um segredo palato, guardado nas assombradas cavernas da infância. Sombreado de goiabas e romãs, tomado pela natureza afável dos quintais recônditos, era um lugar de sonhos. Um pé de maracujá guerreava com as telhas sob as bênçãos de um sapotizeiro, tão velho quanto a cristandade. No chão, acompanhando o rego de águas detritas, a colorida procissão de cravos. Lá longe, ao pé da cerca, uma roseira tenaz ria-se de tudo, com seu cheiro de amor e rococós de pétalas. Um pé de abacate havia, goiabas perebentas, uma floresta de araçá. Dois mamoeiros heráldicos e um jenipapeiro decente sombreavam verbenas de vários matizes, adálias de tronco esguio e dezenas de enxeridas margaridas.

Nunca voltei de lá. Fiquei no mundo doce de açúcares imemoriais, onde Joana vivia a inventar paladares.

Bruxa velha, imunda e boa, a Joana Doceira dos meus sujos sabores.



## O SORVETEIRO VALÉRIO

Na esquina principal da cidade, havia duas sorveterias. Ambas do mesmo dono, o sorveteiro Valério. A mais nova era moderna. Vendia Coca-Cola e um *sundae* magnífico, com três bolas de sorvete, xarope por cima, salada de frutas em taças de vidro marchetado e saborosas travessas de banana *split*. Mesinhas de fórmica com pés de metal, balcão vistoso com tampo de vidro, onde transpareciam desde os quitutes da casa às guloseimas da Embaré. Integrava-se ao modernoso prédio do Cine Brasil, que ostentava uma singela marquise de cimento armado, rara modernidade arquitetônica naquela Simão Dias dos idos de 1960. Virou moda.

A outra, bem em frente, era a decadência em pessoa. Via-se da rua o balcão sebo, com tampo de mármore, uns frascos de bala de mel embrulhados em papel-manteiga e a vitrine com bolos de ovos, sanduíches de mortadela e lascas de cocada-puxa. Na parede, entre um Coração de Jesus, que piscava, e um pôster do Vasco da Gama (1958, assinado pelo capitão Beline), as prateleiras

de pinga, onde imperavam o Conhaque de Alcatrão e a Zenebra Guixá.

De sorveteria mesmo, só havia lá uma geringonça, que rodava duas pás num botijão com salmoura, onde boiavam utensílios de cobre congelando os picolés. Mas era lá o meu refúgio.

Ali, eu podia aventurar mistérios gratuitos nos corredores escuros até os fundos, onde Valério fabricava suas delícias com maestria artesã. Uma alquimia! Era o ralador de coco, a máquina de espremer caju, bacias de tamarindo, baldes de umbu... essências coloridas, que, misturadas ao suco das frutas, criavam novas incitações à gulodice. E, como um ciclope lourão misturando tudo, lá estava o meu tio Valério.

Era meu tio carnal, irmão de Corina. Vermelhão e peludo, Valério arregaçava a cueca sobre o cós da calça e mandava ver na produção. Eu ficava ali, calado como um aprendiz de feiticeiro, vendo Valério extrair das frutas o maravilhoso paladar da minha infância.



NO MUNDO  
DOCE DE  
AÇUCARES  
IMEMORIAIS

## FIADO, SÓ BOSTA!

Desconfio que tia Anete não era doida. Meio lesa, admito, mas doida não! Senão, vejamos. Largou o marido, motorista de marinete, quando descobriu que ele tinha mulher pelas estradas. Mané Ventinha se chamava ele. “A peste é quem fica aqui lavando suas cuecas!” E tomou o rumo de Paripiranga pela estrada velha, com a roupa do corpo e o chinelo de arrasto. Chega-chega na família! Corre que isso vai dar o que falar! Acharam-na soltando passarinhos na feira do Coité, num bafafá dos diabos. Então, pronto: “Estava doida!” Disseram. E foi morar conosco, irmã por parte de pai, da matriarca Corina.

Tida como trabalhadeira de limpeza e cozinha, magra esturricada, caneluda, tia Anete só fazia o que queria e quando lhe desse na telha. Prendada em tacho e costura, doce de caju-ameixa ou de banana batida era somente com ela que se fazia, mas tinha os poréns. Um tiquinho era para Raimunda, a experimeta de Valdice, uma coité pra vizinha e, assim, ia diminuindo o nosso cabedal, findando em parcós bocados na compoteira da cozinha. Chegasse a dona da casa lhe atanazando o

juízo, costumava dizer: “Mulher, é você que é rica, pois cuide aí desse tacho que eu vou pra rua”. E ganhava o mundo, cheia de argumentos.

Numa velha Singer, de designer barroco, costurava os seus vestidos; todos de chita e invariavelmente iguais: decote pouco, mangas curtas, bufantes, e um cinto de gorgorão recoberto, dividindo a blusa da saia. O detalhe surpreendente estava na fivela que ela escolhia e comparava dias a fio. Fazia e desfazia e, em função da fivela, tia Anete reformava tudo não sei quantas vezes. Podia ter sido costureira afamada, mas qual, o grilo da fivela assustava a freguesia.

Liberta de obrigações maternas, nunca quis saber das filhas largadas no abdicado lar, definitivamente alheia a tudo o que lhe lembrasse Mané Ventinha. E deu pra beber escondida no quarto de engomar. Saía de lá alegre, mas não era mulher de se apresentar cachaceira. Quando muito, dava umas carreirinhas pelo quintal pra “arriar o fogo”, dizia. Sacudia a saia rodada e requebrava as cadeiras. Se aquilo não era o demônio no corpo, era a alegria de viver dona de si, alforriada da razão.

Fumava Astória, de retalho. Foi com ela que eu achei bonito fumar, mandar pras picas a sabedoria paterna e inventar rebeldias. Mocosados em seu guarda-roupas, havia sempre cigarros, comprados com as moedas ao léu, que sobravam de bobeira na casa. Tia Anete me dizia: “Fume que a vida é sua. Sacou?”

Não se confiava nela nem pra comprar caju no sítio de Juca Matos. De lá pra casa, ela vinha distribuindo os comprados com quem quer que lhe pedisse. Caldeirão vazio em casa, enfrentava Corina: “Pois é, mulher, os po-bre-zinhos com o olho pidão...” e ria angelical na cara da poderosa chupando o que restava na vasilha.

Um dia, tia Anete resolveu vender as lindas flores que fazia com cera de carnaúba e papel-manteiga. Só ven-do como ficavam! Botou o buquê na janela, quem não se enterneceria? Acrescentou aviso em vistoso papelão: “FIADO, SÓ BOSTA”. Na janela lá de casa, reino de Corina ciosa de nobreza e rebuscada educação, foi devastador. Foi-se a elegância da Matrona. De pau-da-porta em riste, ameaçava destroncar de pancadas a pobre da meia irmã. Tia Anete saiu para a rua: “Mulher, é você que é rica...!”



# PIRÃO DE CAPÃO

Põe-se a mesa. Na terrina de louça com flores brancas em relevo, o pirão dourado aguarda fumegante. Posta, exatamente em cima do bordado central na toalha de linho, a terrina reina. Deu-se a ela, naquele almoço da festa de Senhora Sant'Ana, o privilegiado centro de tudo, e ela, com a nobreza de prato principal, traz para perto de si um respeitável séquito: um guisado capão-mor com batatas-do-reino, boiando em calda, a farofa de água com ovos desmanchados, a quiabada esquisita, um arroz soltinho de alvuras memoráveis e o enferruscado feijão numa cuia de ágata, destituído de qualquer nobreza naquele reino festivo, senhor que sempre fora nos cotidianos de comilança simples na velha casa senhorial dos Cavalcante, em Simão Dias.

Começara no dia anterior com o pega-pega no galinheiro, a família alvoroçada, na cerca, aos gritos:

– Tange pro canto! Cai por cima dele, molenga!

Agarrei-o pelo pé, quando o condenado escorregou no poleiro e, num voo em direção a nada, passou perto de-

mais. Foi pro toco morrer por nós. Três batidinhas no pescoço e... corta! Lá está o finado capão pelado e tratado, derramando gorduras no alguidar.

– Tá na meeesa!

Que nada! Falta o pai que foi comprar refrigerantes na padaria de Seu Oscar e nenhum de nós, as crianças, arriscaria largar a sentinela no batente da rua; cada qual disputando a primazia de ganhar a primeira Coca Cola geladinha de estufar vermelhidão nos olhos e provocar arrotos permitidos: “Senão, o gás estupora!”. Lá em casa, os refrigerantes eram raríssima confirmação de grandes festividades gastronômicas.

Sentemo-nos, finalmente. A tia-avó Miliana, visita em missão de bisbilhotagem, tida como espiã de Vó Tereziinha (sogra malquerida de mamãe Corina), que já achara a costela de porco mal-assada, endireitou os óculos de falsa tartaruga no nariz adunco, a mãozinha do anelão de rubi sobre o peito estufado e atacou:

– Essa toalha foi da minha mãe, como é que veio parar aqui?

Herdáramos, com a casa senhorial em decadência, alguns baús de panos. Entre anáguas e outras roupas de baixo, aquela toalha de linho branco, profusamente bordada em ponto cheio, fora o nosso melhor proveito nobiliárquico. Mãe Corina, sanguínea e boa de briga, sibilou certa: “Tava junto com suas calçolas de morim, naque-

le baú velho que ficou”. E sorriu raro sorriso, querendo mais. Emiliana Néry, professora jubilada às voltas com o inaceitável caritó, enrubesceu. E, balbuciando “Quero a titela de capão!”, entregou-se em silêncio à escandalosa lembrança das suas calçolas, agora memoráveis, mas sem grande serventia, esquecidas lá em casa.

Nós, as crianças, metidas em engomadas roupas de festa, tínhamos direito a tudo: choramingos “não gosto disso”; briga de macarrão; bicudos por baixo da mesa. Até que alguém, disputando a moela, entornasse o caldo na alvura impecável da toalha e aí, até para ministrar boa educação em presença da visita, o pai assumia:

“Pro quarto de castigo, os três!”

Era essa a festa lá em casa: comida farta e cascudo.



NO MUNDO  
DOCE DE  
AÇUCARES  
IMEMORIAIS

## SEU LIMINHA EM UMBAÚBA

Seu Liminha, já maduro, foi nomeado para os Correios e Telégrafos. O Dr. Celso foi quem arrumou, em troca de uma fidelidade eleitoral caprina que incluía aderentes e agregados, *per omnia saecula saeculorum*. Mas que diabo! Liminha teria que ir com família e tudo para Umbaúba, nos cafundós do mundo, onde gozaria honras de chefe de repartição e gordo ordenado. A família deve ter avaliado que um emprego federal desse porte, para Liminha, que nunca se empregara, era o santo remédio. Vai não vai, ficou decidido: vó Terezinha, com sua respeitável corcunda e seu molho de chaves tilintando no cós da saia, ficaria tomando conta da casa ancestral e Liminha que fosse trabalhar!

Eu, seu segundo filho ainda meninote, achei foi bom o chamego da mudança. Trepado na carroceria de um caminhão poeirento, maravilhado com a desorganização do meu universo, ali resumido: colchões mijados, penicos de ágata, moringueiras e panelas, espelhos e baús atravan-

cados, uma roseira cotó, três galinhas poedeiras (nunca se sabe) e a velha cadeira de balanço, onde os fantasmas da casa costumavam se balançar. Achei foi bom.

Chegamos. Umbaúba era uma praça e duas ruas sem graça, não tinha luz elétrica nem coreto, cinco bodegas e uma barbearia caindo aos pedaços. Nossa casa ficava ao cimo de um morro, meio afastada, cercada de pastos e pomares, ao fim de uma estradinha de piçarra, que começava no beco da padaria, no largo principal. Lá, pendurada no frontispício, a tabuleta oficial: "Correios e Telégrafos".

Adorei. Tinha um mundo novo a conquistar e era filho de autoridade federal, com direito a invadir qualquer sítio sem pedir licença. Ao chefe supremo dos Correios, o Dr. Juscelino Kubitschek, que fossem reclamar! Acordava azoado com tanto pio-pio e, logo, de badoque em riste acertava as contas com o cupinzeiro medieval, que ornamentava o galho mais vetusto do umbuzeiro no quintal. Daí para as propriedades vizinhas não havia arame farpado, nem cancela que me detivesse. Um Átila de suspensórios.

Mas Liminha era um sujeito bom de papo, amigueiro e conversador. Começou a atrair para o nosso terreiro as pessoas gradas da cidade, toda seis da tarde, para pitar cachimbo e conversar potoca. Saía um beiju, um mungunzá, de vez em quando umas rolinhas torradas.

Foi, então, que eu me iniciei na conversa de pau oco, na maravilhosa arte de contar mentiras e inventar assombração, o que me vale até hoje.

Cada um trazia a sua esteira, e a conversa rolava sob a luz dos fifós. Seu Miguel viu um Fogo Corredor; Zequinha Cabeça de Pombo mijou no rastro da Caipora; Dedé Tatu gostava era de Pedro Malazartes e ria, uma gaitada catarrenta, que não acabava mais. As mulheres só ficavam no “Eita peste!”. Mas tinha Zefa Cotó com a mania de falar de Jesus Cristo, aparecendo nas roças de mandioca. Muita mentira, confissões, tudo ponteadado por baforadas no cachimbo, até que lá pras oito, já noite muita, os candeiros embelotassem. Cada um para sua casa.

Aprendi, em Umbaúba, a atinar na conversa dos mais velhos. Deitadinho numa esteira, o coração pela boca, mas todo-ouvidos, fui aprontando a imaginação, construindo novos medos e valentias, aprendendo as técnicas sutis das conversas no sereno do terreiro. Como vocês estão vendo, ainda hoje gosto de uma prosa molinha se arrasando, preguiçosa, no terreiro da memória.

Depois, nem sei. Liminha deu de voltar para Simão Dias, a trabalhar esculpindo miniaturas numa varinha de maçaranduba. Eu era muito pequeno para saber, quanto mais para avaliar as inadequações funcionais, meu pai. Dele, restou-me um grande exemplo. Também não deu para funcionário público.



# URUBU DE CHOCALHO

Crueldade em criança é tema pouco estudado. Freud explica a saudade uterina, o malfadado desejo de voltar à tepidez recôndita nas entranhas da mãe. Alguns cuidam da intrepidez infantil na vida começando sempre. Outros (quase todos), da inocência das crianças. Tão belas! Balela! Da crueldade ninguém fala. Passa esquecido o prazerzinho de arrancar, uma por uma, as pernas dos besouros; de espetar a bunda das tanajuras num palito para ouvir, zunindo, a agonia delas. Ninguém se lembra do bicudo no sapo, da lagartixa enforcada num cipó, do gato alvejado – brincadeiras cruéis da nossa infância.

Antes que se desse às crianças o canhão de nêutrons do *videogame* para destruir o mundo, era na baleadeira, na espingarda de chumbinho socado, no canivete mesmo, que exercitávamos nossas malvadezas.

Nossa malvada ternura... Acho que a ideia foi de Carlinhos, meu primo. Escondidos no quintal lá de casa, olho firme no anzol camuflado sob a carniça (tripa de galinha matada ontem), espreitávamos. Era sábado, dia em

que a feira deixava guloseimas podres na pedra. Qual urubu da vizinhança não arriscava uma incursão às maravilhas da feira? Sair por aí em missão de faxina, que era dia da cidade produzir carniça.

Pois bem, lá vem um famélico urubu sonsando no beiral. Pé ante pé, cuidou: o cheiro das tripas podres lhe aguçando o apetite. "Será que vou? Ora, manjar fino no quintal de Corina, vou que vou". Foi! E engoliu o anzol da nossa crueldade. Pegamos ele.

Já a ideia do chocalho foi minha. Senhor da vida, rei do urubu cativo, eu queria o espetáculo da tortura, judiar da criatura aprisionada e dominar de vez sua liberdade. Fui buscar um chocalho de boi nos teréns do meu avô, Hermínio, uma peça que ele guardava de lembrança dos tempos em que a vida lhe fora mais pródiga, nos tratos com a vacaria de leite, que lhe rendeu meia fortuna.

O velho chocalho de bronze acabou amarrado no pescoço do tal urubu. Foi-se ele com o anzol na goela e o chocalho no pescoço, aos tropeços, certamente descrente da humanidade, mas se vingou, o peste: ninguém dormiu com o blém-blém no telhado, a família inquieta, o pai virado no cão, os vizinhos reclamando, o remorso sob os lençóis a me jogar no inferno. "Deus viu, ele vai me pegar". Depois, o pior. "Foi Carlinhos, meu pai, eu bem que não queria, mas ele é doido, sabe? Pobrezinho do urubu". Dez lapadas no lombo.

Deus me perdoe a infância.



# ALÇAPÃO DE PEGAR SANHAÇO

Vou ensinar como se arma um alçapão de pegar Sanhaço. Caçar passarinho tem procedimentos metódicos, ciência dos cafundós, que deve ser aprendida desde o “Bença, mãe!”, “Bença, pai!”, junto com as sutilezas da infância e suas tenras maldades.

Será preciso que o dia amanheça pianinho no quintal. A luz dele subindo de mansinho até os potes de guardar água de chuva; o beiral desenhado no chão como um relógio de areia se cumprindo lento. É hora! Cuidemos de arrumar no alforje as balas de celão para o badogue, o de comer numa coité tampada e, no bolso do gibão, o canivete afiado. É bom trazer também um fitilho de São Francisco, apetrecho essencial para quem crê que Deus acorda cedo e não terá nada melhor a fazer nesta manhã do que armar um alçapão para pegar Sanhaço.

Passe cera de bode nas alpercatas de couro cru, ou ela morde o calcanhar e tira sangue do pé. Nova, ela não

tem remédio, mas meio usada e amolecida no querosene dá para calçar. Meus pés, estes aqui, já pegaram panaríço. Que Deus me ajude! Incharam cururu, pisaram em corgo malcheiroso, pestilências de urubu, bosta de bicho e de gente. Têm calo grosso de andanças, grossuras de sertanejo, mas se amofinam nesta alpercata Loré.

Então, chegamos. No meio da malhada, alto demais para o nosso alcance, reina o mamoeiro pesadinho de frutos. Uns peitões amarelos, sensuais e belos, a natureza aguardando madura a bicada dos pássaros. Mamão é assim: uma fruta sensual. É ele lá se oferecendo, e nós, cá, preparando o bote.

Eis o alçapão: uma gaiolinha de nada, feita de cipós macios e palitos de dicurizeira e mais uma tira de pneu de bicicleta e um pedaço de banana armam a armadilha. O sanhaço vem que vem ...E pou! Vira prisioneiro. Quando sente o drama, pia um pio meio grasnado, coitado. Mas agora é tarde, o sanhaço é nosso.

Pois bem: "Sanhaço é bicho besta, não vale nada na feira, porque nem canta nem faz gracinha".

Ninguém entra em sua casa e diz: "Ah, você tem um sanhaço na gaiola! Não vale nem pra comer."

"Eu tenho um sanhaço gordo, qualquer dia asso ele pra nós, com farofa e guaraná, quem diria?"

"É mirradinho de peito, nem enche o buraco do dente. Então, pra quê?"



## FOGO PAGÔ

Branquinho, mirrado e meio gibudo, o velho Juca era um Adamastor defendendo o seu pomar. Dava tiros de sal em quem se atrevesse a invadir seu paraíso, xingava a mãe, mandava prender. Mas qual, seu pomar era o empório de frutas da cidade! Lá tinha caju de lama, mamoeiro comprido que só sanhaço come, melancias atapetando o chão, tinha manga de toda espécie, jaca dura e jaca mole, carambola, cajarana, goiaba branca e da outra também, dicurí, araçá de travo e alguns pés de ingá. Tudo isto a quarenta metros da praça principal, guardado por uma cerca cai não cai, toda enramada de melõezinhos, daqueles que nem merecia comer, mas eram tão bonitos de se abrir amarelos em flor, só pra ver lá dentro o vermelho maravilhoso das sementes docinhas. Dava pra resistir? Dava não.

Dia de sábado, quando Seu Juca saía pra feira, era um festival de afanos: panelas, cestos, sacolas de palha, mochilas de madraço, vasilhas vindas das mais nobres famílias simãodienses – ali representadas pelas empregadas – se aventuravam a abastecer suas compotas

sem pagar um tostão. Até Marinalva, acólita doméstica do padre Mário Reis, chegava com o alguidar para aventurar umas pitangas, santo remédio para o reverendo. Depois, abençoava, com padre-nossos e desconjuros, o pecado guloso da cidade. Foi assim que eu conheci Seu Juca da Malhada:

– Eu vim buscar minha espingarda. É o seguinte: baleei sem saber que era sua rolinha. Foi num cabeça que eu atirei, mas pegou nela. Tenho culpa?

– O que moleque? Tem vergonha não? Matou minha rolinha com mais de cinco anos. Quanto me paga pela Fogo Pagô?

– Tenho cinco mil-réis.

– Me paga agora? É tome lá dê cá. Tá feito?

– Tá feito! Então vou andando. Posso ir?

– Não, vou buscar um bico doce e você fica aqui me esperando.

– Pra que, Seu Juca?

– Ora, pra prosear mais um pouco. Não quer?

E o velho Juca Matos era mesmo bom de prosa:

– Se não chover, meus inhames vão pecar...



# DESCREVENDO WANDERLEY

Sará enferrujado, cabelo pixaim dourado: crespa cocada-puxa, cercando quase toda a cara desbotada. A barriga extrapolando o cós da calça. Os bagos dele, apertados numa protuberância imoral, sobravam muito abaixo da braguilha, arrumados na calça de linho, geralmente amassada. O cinturão, acima do umbigo um palmo, dava-lhe a aparência de corno manso; reforçada pela bunda de mochila, que exibia indolente, por causa da costura da calça, que lhe invadia as papadas.

Não era de se respeitar aquele metro e meio de gente, capaz de duas léguas de encrenca! Wanderley era desses que se põem na ponta dos pés, com o dedo em riste, retesando as orelhas em assertivas e perorações. Parranceiro, dizia-se bom de cachaça, mas com três milones bem-servidos perdia o pescoço como um galo-mutuca em rinha de campeões. Nos mais entocados bares de Simão Dias, acabava-se o valente Wanderley grunhindo sextilhas incompreensíveis, decassílabos de

pé quebrado, numa conversa empinada que ninguém entendia, até que um condóido o devolvesse à família.

O pai, abrindo a porta, agradecia em xingamentos guturais o favor dos amigos: "Fi duma égua, esse menino me trai a descendência!". Ao que Dona Mariinha, desganhada de sono, um fifó lhe iluminando a cara de matrona excelsa, quase enfartava: "E a égua sou eu, né, seu porco gazo?". Aí, então, cabia ao ilustre bêbado, fazendo beijo de mimo, retrucar: "Tá vendo, mãe?". Mas eu gostava mesmo era de pronunciar o nome dele. Esticando a elegante sonoridade língua afora, buscava, no meu parco cabedal de palavras, a mais estrambólica delas: Wan-der-ley. O poderoso vocábulo me conduzia ao exercício das novidades: o elegante "W", fincado com dois pés no chão da língua, num revolteio aglomera-se a outros tantos sons de majestade implícita: "Wanderrr..." de erre, reverberando teatral na glote, demorava-se em honras retóricas para depois, finalmente, numa entrega apaixonada, derramar o "derley" pelas frestas gozosas do lábio inferior. Pronunciar esse nome me enchia a infância de honorabilidades.

A fascinante bodega de Fabrício, na Avenida Coronel Loyola, era o Centro Social dos cachaceiros e afins, para onde peregrinava, desde as sete da manhã, uma horda de aferrados biriteiros. Vinham a duras penas e tremosos passos, dos quatro cantos da cidade. Chegavam se desculpando: "Tava passando!", "Entrei pra ver se fulano

já estava aqui”. E, num sussurro, confessando às prateleiras o imperioso vício que os trouxeram ali, capitulavam: “Bote uma!”. Só Fabrício os ouvia em atenta diligência, ao passar e repassar um farrapo lodento no balcão. Nada melhor que um ambiente desses para educar um menino, paupérrimo de motivos para embater-se contra a normalidade da vida interiorana. Acomodado num canto, invisível e atento, eu aguardava o herói: o sarará que, mais ou menos às nove, adentraria no recinto. Era o momento sublime de pronunciar o seu nome em espaventada saudação: “Wanderley!”. E Wanderley tinha modos. Chegava tomado banho, a fragrância Liferboy se sobrepondo aos cheiros da bodega, a saber: uma mistura de bacalhau e querosene, perpassada sutilmente pelo perfume incompreensível do sabão pintado, que Fabrício, sem cerimônias higiênicas, partia e embrulhava sempre no mesmo lugar do balcão, em que cortava um naco de mortadela. Nada de mal, o cheiro de qualquer bodega é esse mesmo. Meia hora depois, era batata: Wanderley citava Homero – um cabra viciado em ninfas e principescas glórias, tio-avô do seu pai, que aprendera a ser macho nas galeras com Ben-Hur, mas que, libertário e sensível, defendera em outras circunstâncias os delicados miosótis de Nabucodonosor quando as hostes de Roma, com seus meganhas civilizatórios, as atacaram em nome da vida-merda ocidental. “Onde um jardim era nada”, ele dizia pondo-se na ponta dos pés e ajeitando agoniado a frouxidão da calça.

Bebia, no único cálice disponível, uma cachaça exclusivamente sua, onde Fabrício tinha que misturar canela em pau, cinco cravos-da-índia, raspas de gengibre e uma medalha de Santa Joana d'Arc, sua devoção incontestável. Afogada na garrafa, a santa guerreira agonizava bêbada, cercada de ferrugem e fé. Ele a bebia contrito. Era o gosto dele.

Meu amigo finou-se morador de um quartinho malcheiroso, no Beco de Miné, tentando descrever em papel pautado a glória familiar que imaginava ter. Calhamaços. Ia do parentesco com a Princesa Theodora às cavalgadas do Rei Arthur pelas praias de Avalon. Com o olho triste, envergonhado lia empertigado, a saga do seu tio Menelau, dono de um jazigo perpétuo nos Campos Elíseos, para onde deveria a municipalidade enviar os seus restos mortais. Foi enterrado numa cova de chão no inglório cemitério de Simão Dias, com o seu nome grafado na cruz sem o honorífico ypsilon do nobre Walderley.



## NA BODEGA DE SEU CIPRIANO

Sabido era seu Cipriano, pai de Dalmo e da bela Damaris. Tinha uma respeitável bodega na praça do hospital, de onde se resvalava para o Bico da Aza, o malajambreado puteiro de Simão Dias. Indo-se pela rua do comércio chegava-se a ladeira pedregosa do Cine Ypiranga, calçada com pedras gordas, arredondadas, já chegando pras beiras do rio Caiçá. Acabava de repente na cabeceira do pontilhão, que levava ao Vapor de Seu Pedro Valadares - beneficiador de algodão - onde a brincadeira era escorregar nos dutos e cair lá em baixo nas montanhas macias do algodão sem caroço e viajar no comando de uma nave interplanetária para acudir a Flash Gordon na saga pelo domínio da Federação Galáctica. Dalí em diante, era a mata dos curiós e nhampumpés - nosso corriqueiro destino. Aqui, acolá, uma jaqueira carregada de sombras e muita bosta de vaca. Quando me aventurava por ali, eu não era mais criança, era um aventureiro

cinematográfico, um caubói de badogue, enfrentando o oeste perigoso, um xerife juramentado, um Serigy caçador de penachos, um herói passarineiro.

Sim, porque havia gradações e honrarias entre os meninos: pegar um sanhaço, por exemplo, passarinho besta, comedor de mamão, não valia tanto quanto armar uma arapuca e esperar na moita que um cabeça, ou mesmo um curió - a glória! - se interessassem pelo alpiste na armadilha. Tinha que chamar assoviando, tinha que ter paciência para saber a hora certa de puxar a cordinha do alçapão; havia-se de afinar o bico chamando, chamando, até que a presa iludida se chegasse, pé ante pé avaliando a desgraça... “E é agora que ela é minha, tão linda e tão besta”.

A bodega de seu Cipriano, na volta, era o portal do reino, onde um refresco de groselha e uma mariola com biscoito Aymoré nos cobriam de honrarias e parranças. Seu Cipriano comprava cobre e pagava bem por fios elétricos e tampas de cisternas que fossem de ferro, tesouros, que sonhávamos encontrar de bobeira nos quintais da vizinhança. Garrafas, também rendiam bons cobres. Tanto que o Grêmio Padre Mário Reis do Ginásio Carvalho Neto – quando precisava de fundos para comprar, no armarinho de seu Guerra, o gorgurão dourado e as lantejoulas que enfeitariam a nobre faixa da Rainha do Ginásio (Dulcineia, talvez...) – saía de carrinho de mão pela cidade em tarefa estudantil, importantíssima e gre-

gária, a recolher garrafas para vender a seu Cipriano. Ele era um agente reciclador. Muito antes que nos preocupasse a lixeira do consumo, antes da invenção do saco plástico, antes mesmo desse horror de lixo, que não sabemos onde botar, ele já sabia o que fazer e ganhava com isso, o sabido do seu Cipriano, comprador de cacarecos e garrafas; de castanhas de caju que quase me tornaram o menino mais rico de Simão Dias.



NO MUNDO  
DOCE DE  
AÇUCARES  
IMEMORIAIS

## A BUZINA DA MARINETE

Quando a marinete da Viação Nossa Senhora de Fátima subia a Ladeira de Roque para alcançar a Praça da Matriz, em Simão Dias, buzinaava com tanto espalhamento, que o meu coraçãozinho infante se espatifava em ansioso alvoroço. O buzinaço era preciso, para avisar à cidade que a marinete chegara com as encomendas aguardadas, as cartas saudosas dos entes queridos e as novidades do Aracaju.

Lá dentro, um cheiro forte de maçã e vômito; o sombrio de sonos mal-dormidos, o resto de estoicismo que restava nos passageiros, mortos de tanto sacolejo, enjoados do fedor da gasolina, ansiosos por chegar. Finalmente em casa, depois de uma tortuosa viagem em estrada de barro sacolejando a curiosidade pelos pastos e grotas. Grandes manadas, santas cruzes dolentes, casinhas de sopapo e casarões avarandados; gente no eito ou na preguiça das redes, adeuses, cenas esquisitas que passavam céleres na imprecisão da paisagem.

Desde Itaporanga, onde eu fora entregue pelas tias-avós aos cuidados de Seu Didi, cobrador e confiável mensageiro de embrulhos e encomendas, que incluíam meninos amarelos como eu, entregue como um embrulho precioso, eu metia o nariz na paisagem célebre, que cinematografava na janela, ávido expectador de inusitados cenários.

O que me incomodava era o temor de vomitar na marinete, empestecendo tudo com o azedume da minha última comida. Mas eu viajava guarnecido por uma porção de cascas de laranja, santo remédio que a sabedoria das velhas tias de Itaporanga prescrevia para tais incômodos. Bastava esfregar no nariz e pronto: o enjoo já era.

Dava para aguentar as dezenas de paradas, ora no meio do nada, ora em precárias lanchonetes de parada obrigatória, onde muita gente descia para um pastel, um ovo cozido, uma coxa de galinha, precedida por um solene arroteo de Coca-Cola.

Durava quase um dia essa viagem. Passava por Salgado, com suas bananeiras carregadas, entrava em Lagarto e parava na última lanchonete da viagem, hora de comer um substancioso pastel de carne de bode. Depois, era só esperar a Fazenda de Dorinha e já se avistavam as torres da Igreja de Sant'Ana, primeira aparição a nos prometer a doce recepção na amada cidade.

Já de tardinha, chegávamos ao coração da cidade: a Praça Barão de Santa Rosa. E era exatamente na Ladeira

de Roque, quando o motorista buzina espalhafatoso para que todos ouvissem, que, finalmente, tínhamos certeza de que chegáramos em casa.

Lá em cima, depois de uma volta triunfal por trás da igreja, a marinete parava bufando em frente ao Abrigo de Seu Juca Cotó, diante dos rostos queridos da família que nos esperavam, geralmente com lágrimas nos olhos. De modo que a Ladeira de Roque Boca Preta, onde ele mantinha sua oficina de moldar enxadas e estrovengas, e onde nenhum menino deveria ir, sob pena de virar carvão, era, também, o lugar da alegria da marinete ao nos anunciar, finalmente, a chegada na querida Simão Dias.



# O ZUNIDO DAS CIGARRAS

Em Simão Dias, morávamos na esquina da Praça Barão de Santa Rosa, à sombra de palmeiras centenárias, onde, ao cair da tarde, a cantoria agoniada das cigarras nos cobria de melancolia. Um zunido cortante que parecia rasgar-se em desespero, trouxe essa minha aflição pela poesia, imponderável e certa saudade do silêncio imemorial, onde todas as palavras sucumbem satisfeitas. Sentadinho no alto batente de ardósia, eu curtia a algazarra nas palmeiras, a inocência exposta no clamor primitivo das cigarras por um fortuito amor, que sobrevivesse àquelas friorentas tardes de acasalamento.

Era uma casa com fachada em azulejos portugueses, 12 janelões envidraçados e um portal emoldurando a velha porta de almofadas trabalhadas. Amplos salões e muitos corredores. No salão principal, o das visitas, mantinha-se um conjunto de cadeiras de braço e sofá de palhinha, rodeando uma mesinha, onde se expunham os únicos objetos, propriamente decorativos da

sala: um cristal tão bruto quanto o gosto estético do meu pai, uma florista de alabastro levantando a saia e um caramujo gigante, tão raro naquelas bandas, onde eu costumava ouvir como numa cornucópia, o barulho de hipotéticas ondas regurgitando distâncias na areia da praia. O mar, tão incompreensível para mim, ainda era uma quimera desconhecida e distante.

Seguindo o corredor central, chegava-se à sala de jantar, onde somente havia duas vetustas mesas para muitos comensais e uma envidraçada cristaleira, que guardava as sobras ancestrais das louças e cristais familiares. Dali, chegava-se à cozinha, dominada por um velho fogão a lenha, de ferro trabalhado, rodeado de prateleiras, onde serenavam os alguidás, os tachos de cobre, os panelões de barro, os cacos de frigar lombos e os utensílios de temperar. Ainda hoje, quando sonho com a casa onde nasci, é na cozinha, onde a minha saudade vai parar. É lá onde reencontro a família cuidando de prover, com os cheiros do cominho e da hortelã miúda, a memória do meu paladar.

A casa transformou-se em pousada ou, como se chamava naquele tempo, numa pensão. Minha mãe era industriosa e quis transformar aquela casa, com seus 12 espaçosos quartos, em hospedaria. Graças a isto, conheci grandes artistas circenses, como Marinêz, Jackson do Pandeiro, Wilson Simonal, Milionário e Zé Rico, o cantor José Augusto e palhaços sergipanos, como Gravatinha

e Batalhinha, que foram nossos hóspedes. Era a época dos caixeiros viajantes e, dentre tantos, recordo o velho Seu França a serviço de "A. Fonseca", pai do imberbe Zé Brasil, que o acompanhava e que depois se tornou um lendário repórter policial no Diário de Aracaju.

Dos hóspedes memoráveis na pensão de Liminha, lembro-me também de um mestre do Tarô, que se instalava regularmente lá em casa e recebia a fina flor da sociedade simãodiense em consultas cabalísticas. Era uma frágil figura, de hábitos esquisitos e olhar perturbador, que recebia no quarto as suas consulentes. Instalei-me, muitas vezes, no quarto vizinho para aprender com ele, quando conseguia decifrar os seus murmúrios, o jeito certo de falar ao coração das pessoas.

Acho que vem daí, da compartilhada habitação na minha casa ancestral, a capacidade de conviver com pessoas diversas, a respeitar o espaço dos outros, a servir – com dignidade – aos que me solicitam e, principalmente, a me tornar transitável. Tornei-me uma provecta cigarra, tardes e tardes zunindo amor à sombra de palmeiras fugidias.



NO MUNDO  
DOCE DE  
AÇUCARES  
IMEMORIAIS

## O SULTÃO DAS ARÁBIAS

Nunca consegui me fantasiar. Morria de inveja dos primos que, no Carnaval, vestiam as anáguas das irmãs e saíam por aí, de calçola rota e sutiã de concha, arrastando o xibiu no chão. O estreito gosto carnavalesco do meu pai, Seu Liminha, só admitia aos filhos usar um velho chambre, mijado, para acompanhar o bloco de sujos, que percorria as ruas de Simão Dias, batendo lata e azucrinando os ouvidos dos mais velhos. Era assim que eu ia, menino grandão, brancão, das canelas finas, me juntar à turma da Rua Cônego Andrade para curtir a batucada.

Fantasia, nem pensar. Aliás, em termos de maricagens, nada me era permitido. No dia em que mamãe Corina comprou uma camisa de listinhas azuis e um chinelo Havaianas para mim, foi um bafafá dos diabos! Que filho dele não ia sair por aí como uma mulherzinha, com aquela camisa de fresco, inda mais com um chinelo de plástico verde, enganchado no de-

dão. “Nem pensar!” Camisa de homem era branca ou cáqui, de preferência, admitindo-se, claro, o cinza-escuro ou o preto para luto fechado. Sapato, somente Fox, de cadarço e com o bico normal. Já o cabelo era Príncipe Danilo, sem muita brilhantina.

Mãe Corina se vingava desse enquadramento comprando roupas caras para nós na loja “Dernier Cri”, do contrerrâneo Zé Rico, em Aracaju, onde mantinha uma caderneta de débitos. Mas ficasse sabendo: “Nada fantasioso para os meninos, que filho meu eu quero é muito macho!”

Por volta dos 12 anos, mancomunado com a minha tia Anete – a da pá virada – comprei uma seda verde e ordenei a confecção de uma camisa de mangas bufantes, com elástico na cintura, para encarnar um sultão no Carnaval do Caiçara Club. No turbante, estaria pregado um velho broche encaestado em rubi falso, surrupiado da minha avó Terezinha, e dois dragões, guarnecidos de lantejoulas mil, que seriam aplicados em cada lado do peito. Para brilhar em criatividade e fulgor, um largo cinto em napa dourada e fivelão trabalhado na cintura. Uma maravilha que me custou semanas de planejamento e dedicação, ora a riscar os dragões em papel de debuxo, ora a acompanhar o seleiro Oscar Prata na confecção do cinto. Tardes e tardes a escolher lantejoulas no Armarinho de Seu Guerra, sem contar a trapalhada que era fazer tudo isso escondido de Seu Liminha.

No primeiro dia de Carnaval, cada um de nós, já com sua caixa de lança-perfume Rodouro; Corina toda pronta com um diadema de *strass* e dois berloques no pulso; Liminha em mangas de camisa, com o sobrolho carregado de má-vontade; apareço eu: o irradiante Sultão das Arábias, inda pingando areia prateada no olho do dragão, certo de que estava abafando. Liminha tirou o cinto e avançou como um cruzado sobre este Saladino de araque, com ira santa e bastante força. Lapada a lapada, gritando: "Cê é besta? Filho meu tem que ser é homem!"

Doeu tanto que até hoje eu não consigo nem botar um chapeuzinho de malandro na cabeça, nunca botei brinco, nem uso penduricalhos, que dirá fantasia de mouro para brincar o Carnaval.



## ÊH, PERRUCHE!

– Você conhece doce de perruche? É gosto de sertão brabo, de alpercata rangendo o couro cru na Caatinga. Bolinhas de um verde encabulado, que estalam no céu da boca os trincos do tatu-peba.

– Gosto de quê?

– De nada não, não tem parecença.

– É bom, porque não se iguala. Não tem cereja que lhe tome a formosura, nem outro doce assim, tão carinhoso, que afague com maciez e ternura, a boca, o paladar, o coração sertanejo.

– Ela nasce como os gravatás no mistério das pedras, ou será como o umbu, mais pertinho do rio?

– Isto eu não lembro. Sei que só dá na trovoada.

Teimosa, só brota quando a chuva é festa na mata e, na aguada, o sapinho de rabo anuncia – danado de contente – que lá vem fartura de Deus molhando a plantação.

Ploc, Ploc, o olho verde perruche espia.

Seu Tibúrcio, grandão como uma rês de cria, amanhece no telheiro da choça. Ajeita o cinturão no cós da calça, cospe o primeiro catarro no caco da galinha e palita contente.

– Êh, mundão-d'água! Este ano dá! E volta a escarafunchar um restinho de rapé, que é pra mostrar, espirrando, que também verte água pelas ventas.

– Êeba! Tchibum!

Lá dentro, Nanã areia uma bacia grande pra colher maracujá perruche.

– O danadinho é sestroso, só sai do galho se for numa bacia-d'água e é assim mesmo que vai pra feira, vendido por lata.

– E o doce, como é que faz?

– Despela um por um e cozinha em caldo grosso de açúcar, com cravo. Tá feito.

PS: Texto para D. Caçula Valadares, que me enviou, dia desses, uma coité de perruche; uma lembrança verde como os olhos dela.



## UMA FOTOGRAFIA

O baixinho do meio é Mané Roncôio, filho de Seu Bida, da caminhonete. Ao lado dele, chupando manga-rosa pelo furinho, vem Cacáio; os filetinhos de catarro escorrendo do nariz. Cabra bom, esse Cacáio! A vó dele, D. Santinha, doceira pras bandas do Caiçá, comprava latas de leite Ninho e goiabadas vazias, para acondicionar os seus doces batidos. Vendi muito pra ela. Cacáio é podre de rico. Tem uma caixa de charutos Suerdieck, cheia de dinheiro de cigarro, tudo dobradinho em camaços. Tem Yolanda que vale mil, um bolo de Columbia, que deve dar uma baba, e o resto é Continental e Astória, valendo merreca. Todo domingo, na porta do Cine Brasil, a gente levava o montão de dinheiro de cigarro, para apostar no pio ou no carteadado a fim de ganhar gibi velho ou trocá-los por estampas Eucalol, que também rendiam bem. Uma Eucalol de passarinho conhecido valia dez Hollywood.

Eu tinha uma Camel de valor incalculável, que ganhei de um gringo hospedado na pensão de Raimunda Filipe, mas troquei com Cacáio por uma latona de araçá batido e duas cascas de bala de mesmo, revólver 38. Saí

ganhando. O araçá eu comi em dois dias, mas as cascas de bala, enfiadas na cartucheira de couro, rebordada por seu Déda seleiro, davam-me o direito de escolher o papel de Hopalong Cassidy nas brincadeiras de Cowboy. Nunca mais tive de fazer o papel de doidelo, nunca mais.

Doidelo era papel para Carlinhos de Zé do Arroz, aquele ali de camisa cáqui na fileira direita. Faltam-lhe dois botões na farda mal-cuidada. Só vive assim, destrutado, com os fundilhos sujos, a barriga sobrando pelo cós da calça. Dizem que não conhece o pai, mas é Zé do Arroz, cagado e cuspidor. Olha a cara de bolachão dormido, o olhar esbruguelado de quem viu o cão, as pernas muito curtas para tanta bunda. Só pode ser filho de quem é. A mãe dele vende gasosa na feira. Tem de maçã e baunilha em belos frascos de vidro, enormes, onde ela enfia uma mangueirinha engatada num fole de pedal. Quando ela pisa no pedal, a espuma sobe nos frascos, uma maravilha! Tentei refazer aquele fenômeno em casa, com uma bomba de bicicleta, mas acabou numa melação danada.

Na feirinha do Natal, a gasosa de D. Mariinha passou a se chamar Amorosa e vendia que era uma beleza, porque todo mundo, no Natal, tinha como luxo comer um prato de arroz de galinha e beber uma Amorosa depois, para arrotar.

Vejam ali, no segundo plano – sentadas na calçada alta –, estão as meninas do Mestre Gregório. São três negras

velhas, vitalinas, gente do mais absoluto respeito, a conferir pelo camafeu que ostentam, com a efígie do venerando pai, saudoso mestre da filarmônica local. Nunca se casaram, porque escolheram demais. Cada uma delas mais orgulhosa da memória do pai, não queria se entregar a um pretendente menos apetrechado que os das outras. Valquíria, a caçula, inda rolou numa história escandalosa, que teria acontecido no muro do Hospital com um caixeiro viajante de "A. Fonseca", chamado Miro, mas esta história ficou encubada. Miro mudou-se de praça, e todo mundo fez de conta que nada houve. Valquíria é a única que está sorrindo nesta fotografia. Na rabada, ostentando um ar de príncipe das Astúrias, estou eu de calça tergal e sapato Vulcabrás. Tenho a cara escovada e o ar empertigado. O queixo proeminente, um malajambrado pimpão, ameaçando derramar sobre a testa a brilhantina, que o mantém ereto. Este sou eu, com o peito juvenil arfando sob o escapulário, um misterioso rapaz, orgulhoso e magérrimo, ainda se achando a remissão literária do mundo. Deu no que deu.



NO MUNDO DOCE  
DE AÇUCARES IMEMORIAIS

# BRILHO

Brilho era um cão de alta linhagem – como dizia o amigo Fernando Sávio – nas paradas psicodélicas da década de 1980. Morava comigo na saudosa casa da Rua Luiz Chagas, na Atalaia, mas pertencia aos malucos que a frequentavam: uma tribo heterogênea de artistas, surfistas, intelectuais desgarrados e gente inteligente da melhor espécie, que coabitava o nosso lar. Nossa casa era um entreposto de cultura e vida saudável, uma espécie de abrigo, onde os malucos de então guardavam pranchas, skates, biquínis cavadoes, filtros solares e outros apetrechos essenciais às aventuras praianas. Trazê-los aos domingos para a praia, na marinete da Bomfim, seria um suplício.

Várias foram as manhãs em que eu acordava, e não encontrava Brilho em casa. Achava um bilhete me comunicando que ele fora surfar nas ondas da Atalaia e que voltaria depois do meio dia. Ele mesmo abrira a tramela da porta e se fora, cooptado, o meu cão da mais alta linhagem, a se aventurar nas ondas em companhia de amigos surfistas.

A beleza daquele Weimaraner grandão e desajeitado, inteiramente marrom, com musculatura atlética e patas enormes, estava, principalmente, nos seus olhos azuis de candura desconcertante, no seu afeto por quem quer

que o afagasse, e na elegância do seu corpo viril, coberto de pelos sedosos e brilhantes. Era belo, e sua companhia nos valia. Sua presença em nossa casa nos confortava.

Tinha um quintal enorme para brincar, mas preferia bagunçar tudo espalhando o lixo do quintal pela casa, toda vez que o deixávamos só. Quando voltávamos da rua, ele nos esperava, cheio de alegria e saltava em nosso peito, grandão que era, a imprimir na roupa que estivéssemos usando, com as patas sujas do lodo em que brincava, a marca suja da sua alegria. O grito "Não!" nunca foi capaz de impedir sua efusiva demonstração de afeto. Cabreiro, ciente de que cometera uma tremenda indignidade ao redecorar a casa com o lixo do quintal, Brilho enfiava a cabeça debaixo do deck da tv e murchava o rabo, sentindo-se escondido, livre dos carões que merecia, até que alguém o chamasse para novos e libertinos afagos.

Morreu aos oito anos da leishmaniose, que ainda hoje vitima os cães criados na Atalaia. Nesta cidade, onde a medicina veterinária não vai muito além dos vermícidias e prefere condenar os bichos domésticos à eutanásia a tratá-los convenientemente. Naqueles tempos, e acho que ainda hoje, a sentença dessa doença era a morte certa, e só cabia a nós, trespassados de dor pela perda dos nossos bichinhos queridos, apressar a sua morte com uma injeção letal. No dia em que Brilho foi levado ao veterinário para a eutanásia, eu perdi um filho e um possível companheiro de velhice. Deixou saudades.



NO MUNDO  
DOCE DE  
AÇUCARES  
IMEMORIAIS

## O INQUILINO

É um nadinha de nada esse pardal na minha varanda, mas a pose, minha gente, é de gavião. Ele me olha atravessado, o coisa miúda, toda vez que passa transportando a feira – um galhinho de mato, uma casca de barata, de vez em quando uma formiga braba – rumo ao cano do alambrado, onde sublocou um buraco e fixou residência. E empina o peito, torce a cabeça como que matutando: “Deixa eu olhar de novo pra ver se esse bicho grande se bole”. Na cama, eu faço o lençol de burca, só um olho de fora espiando ele. E ficamos nessa, sem pé de conversa, um tempão. “Esse pardal quer missa!”

Que conversa terá essa bolota de plumas? Que amanhã vai chover forte e o mundo não se acaba? Que ouviu dizer que a rolinha do vizinho botou três ovos? Ou será que é doido o moleque? Não, isto aí não me parece. Pai de família responsável como ele, não se veem tantos: é todo o santo dia pra lá e pra cá, provendo o ninho e, quando passa desocupado, trata de trinar alegremente, saltitante, coreografando o dever cumprido. “Taí? Taí?”

Só sabe isso. Um trilili cristalino, algo como bolinhas de gude numa taça de cristal, nada polifônico, pouco musical, um dizer que ele aprendeu a cantar nas florestas antigas. Foi o que seu pai lhe ensinou e é o que lhe serve.

Um dia, eu deixei mamão. Besteira. Noutro, movi o pé na direção dele – esta geringonça assustadora e feia – qual! Foi-se depressa rumo ao seu buraco, não sem antes demonstrar superioridade: “O bicho grande se bole, mas não voa. Eu, sim!”

De modo que estamos nos aprendendo, o inquilino pardal e eu. Tenho a humilde certeza de que ele quer conversar comigo. Mais dia, menos dia, a imensa e ancestral dificuldade de comunicação vai virar tolice. Então, seremos bons vizinhos, cada qual no seu buraco, cada quem com a sua coreografia, vizinhos amigos de estourar champanhes. Eu e o meu pequeno inquilino.



NO MUNDO DOCE  
DE AÇUCARES IMEMORIAIS

# VISITA INUSITADA

Ontem, visitou-nos um periquito australiano. Veio disfarçado de andarilho e se chegou de tardinha, quando lavávamos o carro na porta de casa. Pediu água, bebeu um tiquinho, agradeceu com medidas e deu para fazer graça abrindo as asas para o esguicho da mangueira e espanando água ao derredor. Parecia de casa.

Como já batia a sagrada hora do cuscuz, convidei-o a entrar, estendendo-lhe um galho da arruda que tenho no quintal e matutando, no fundo da alma, sobre os benefícios da planta macumbeira, boa para quebrar encantos e expulsar malquerências. Vai que isto é arte do cão!

Mas que nada! Ele aceitou faceiro o singelo convite e, com um pulinho certo, abancou-se no galho. A casa imediatamente se virou em cuidados e salamaleques. Todos nós, ocupados com a visita. Um bichinho encantador, tão pequeno e tão leve, com tanta personalidade.

Que será que ele come? Será que toma café? E vai dormir onde? Comeu que ficou bronco: arroz, semente de girassol amassada e farofa de bolacha Cream Cracker, levadas até o seu minúsculo bico na palma da minha mão. Bicadinhas leves, naturais, vindas da mais delicada mansidão interior. Depois, num copi-

nho de tomar pinga, bebeu água e arrotou, com certo espalhafato, o que comprovava o grau de confiança entre ele e seus anfitriões.

Ontem à noite, só ele conseguiu dormir nesta casa abençoada! Vez por outra, alguém se levantava, pé ante pé até a Biblioteca, para ver se o galho, enfiado entre os livros, ainda estava ocupado. E lá estava ele, indiferente aos chamegos domésticos, não se abalava nem com a nossa chatice ao tentarmos acordá-lo com toisinhas binitas na língua dos bebês. Tunco! E enfiava o bico no próprio cangote, como gostam de dormir os periquitos.

Cinco horas da manhã, cantava estridente como a solicitar nossa atenção. Queria comer. De novo, lá vou eu com a palma da mão, aproveitando-me da sua confiança para tocar com a ponta dos dedos naquela imponente coisinha viva, liberta de compromissos e preocupações, que estava ali, mas podia ir-se embora, quando bem quisesse, sem carregar saudades, nem dívidas ou gratidões.

Foi-se no começo da tarde, depois que compráramos comida apropriada no mercadinho e já engendrávamos planos para contê-lo entre nós. Subiu na minha mão, deu umas corridinhas pelo meu braço, depois pulou no galho, inventou uma dancinha de baile funk com o rabo balançando, agoniado, e voou para o sol da tarde. Como se vê, nada de extraordinário aconteceu, mas a poesia tem dessas coisas.



## FREDERICO CIDADÃO

Esse meu papagaio é um revolucionário! Quando chegou aqui, ficava casmurro, sem se importar com o bafafá da família: não dava bola pra nada. Trinava o seu cru-cru bossa-nova, espalhando melancolia pela casa. Se muito, quando as visitas eram do seu agrado, declinava o nome: "Frederico!" Mas logo arrematava zangado: "Qué o quê?" Logo vi que a dele era reivindicar independência e paz, *status* de cidadão com direito de mando em seu poleiro. Mal-humorado, pousando na gaiola com majestosa indiferença ao bestirol doméstico, Frederico passava imune à algaravia familiar. E foi assim, sem conceder um pingão de intimidade, que o Guevara plúmbeo tornou-se respeitado.

De passarinho besta virou proprietário do seu galho no jardim da escada, impondo-nos sua cidadania avícola, com um barulhento espanar de asas e outras ameaças ruidosas. Era a luta armada: o bico ameaçador, o olho furioso até para mim que lhe servia a comida. Fiquei preocupado. Então, escancarei as portinholas da gaiola – se quisesse ir embora que fosse!

Ele deu pra sair de vez em quando, botar a cara na janela avaliando a extensão da liberdade oferecida, mas qual! O subversivo não voou, dava-se por satisfeito pulando de galho em galho, no velho tronco de amendoeira, colocado ao lado da gaiola. O papagaio encenqueiro queria mesmo era conquistar o direito de mandar em seu pedaço, entendi. Não deixei mais ninguém chegar perto dele com desconsiderações, do tipo “Louro dê cá o pé”, que Frederico não é dado a frescuras. Quando levo o capuco de milho ou as sementes de girassol que o alimentam, primeiro arrulho, peço vênia, vou como um serviçal falando manso: “Frederico, trouxe sua comidinha”. Aí, ele me recompensa gritando: “Vôinho”. Depois coreografa alegre uma dança guerreira digna de Aquiles. Em seguida, abre as asas ao máximo e diz, vitorioso: “Qué o quê?”.

Frederico ganhou, recentemente, uma companheira. Trata-se de uma papagaia aleijada da garra direita, que anda mancando por sobre um caminho de cabos de vassoura, que implantamos no velho tronco de amendoeira para lhe dar acessibilidade. É enferruscada, baixinha e vem se revelando tão autoritária quanto o marido. Chama-se Lôla, nome que remete às marafonas dos cabarés afrancesados de antigamente, com suas boquitas carmim, pronunciando “oui, chevalier”, enquanto liberam da cabeleira “a la garconne” um insinuante cachinho rebelde sobre a testa.

Madame Lôla é a nova dona do pedaço, com feições de mundana parisiense a manquejar grasnando impropé-rios e exigindo a parte dela no naco da maçã. “Primeiro eu”, a safada impõe ao pobre Frederico. Ele se aboleta num galho e me pede socorro: “Essa mulher me mata!”. Mas, depois, vai coçar o cocuruto dela – com tanto amor e sem-vergonhice – que dá para ver como ficou feliz com uma mulherzinha ao lado.

Lôla ainda não aprendeu a dizer nada amoroso, prefere o som desesperado das matas de onde veio, onde tivera sido dona absoluta dos seus instintos femininos, mas, vez por outra, flagro-a revirando os olhos no resguardado poleiro da gaiola, onde os mexericos da casa não os alcançam. Já Frederico revela-se um perfeito cavalheiro quando tenta ajudá-la a galgar o caco mais alto, onde está o cuscuiz com leite do desjejum. Ela o bica, mas ele lhe acaricia com tal carinho as plumas do pescoço, que ela se faz corajosa fêmea e consegue chegar lá.

No momento, estamos alcovitando esse namoro desastado entre Frederico e Lôla, torcendo que dele restem uns peloquinhos.



## CONVERSA DE FUSCA

Eu tinha um Fusca chamado Pereba que veio a falecer por insuficiências múltiplas. Mas aí eu estou começando a história pelo final e não tem graça nenhuma apresentar o meu intrépido 68 (branquinho, com rádio de 3 faixas e tudo), falando das mazelas que lhe renderam o apelido e o levaram à morte. Vou começar de novo.

Pereba foi assim. Eu trabalhava com João Gama na Cultura Artística, amigão meu de muito tempo! Um dia, ele me chamou: "Amaral, o pessoal da Dimave anda puto com você. Vão mandar lhe prender! Vá lá e procure não sei quem e vá logo que o caso é grave".

Pobrezinho de mim: assalariado fudido de vida e morador de pensionato, eu era um rapazinho mais ou menos ordeiro, com um único entrevero na polícia: foi a recepção de uma TV sebosa, que um safado me vendeu como se fora da sua tia-avó falecida, e que era afanada. Inda hoje me arrependo. A prensa quem me deu foi o detetive Saia Justa, na porta da delegacia: "É, eu estou

vendo que você é um rapaz direito, trabalhador, mas sabe como é, o repórter do Diário já anotou o seu nome, e se eu não molhar a mão dele, amanhã sai no jornal. Paguei a propina com as mãos pro céu - Muito obrigado, seu Saia Justa, nunca mais faço isso. E me escafedi.

Onde é que eu estava? Na mesma hora fui na Dimave. Era um fusquinha usado que o Dr. Gama comprara para mim, ele mesmo se responsabilizando pelo pagamento, descontado, imperceptivelmente, do meu ordenado. Meu primeiro carro! Tá tudo muito bom, mas e eu lá sabia dirigir? Nem tinha carteira nem dinheiro para a autoescola. É aí que entram Sucupira, Jason e Delmano, os meus (in)competentes instrutores. Fui aprendendo a dirigir com as maluquices deles.

Uma noite vinha eu pela rua de Capela a caminho do Mini-Golfe, o som bombando e os vidros fechados num providencial fumacê, quando, no entroncamento com a Laranjeiras, pou! Eita, porra! Era uma ambulância doida, vexada, com a sirene preferencial, que eu não ouvi, por causa dos baticuns de Pink Floyd no toca fita. Bateu de relepada, mas ainda me jogou de encontro a outro Fusca, este, propriedade do jornalista Ivan Valença, que filava o cuscuz na Funerária Satélite do papai, Hugo Valença, e ali estacionara o seu precioso automóvel. Foi uma moossa no pára-choque, mas eu paguei uma fortuna a prestações. Ivan não perdoou. Ainda por causa dele – que já era famoso – a “sensacional batida,

ocorrida ontem" saiu no Informativo Cinzano de Silva Lima e todo mundo ficou sabendo.

Fui vivendo com o meu fusca, um amor de companheiro. Para prestigiá-lo, economizei um dinheirinho e comprei um Kadrom de segunda mão-leve, tendo encarregado o duvidoso Zé Catraca, no Bairro Industrial, de instalá-lo como se dele fosse. Não fosse o arame de segunda, que o celerado aplicou no arranjo, teria dado certo. Quando ele roncava na curva do late, se ouvia na Fausto Cardoso. Se peidasse no trânsito, alguém chamava a polícia: podia ser tiroteio!

Um, dois, três anos depois, sem nenhuma manutenção, ele já apresentava sintomas terminais. Além das peribas na lataria, que lhe valeram o apelido. Não tinha buzina nem ignição. Vidro traseiro, meu Deus!, eram dois sacos plásticos do G. Barbosa! O piso exibia grandes crateras, e o banco do carona, solto dos parafusos, com as arrancadas caía pra trás. Uma vergonha!

Vergonha maior se deu quando, perto do meio dia, descendo a Laranjeiras, já perto do sinal com Itabaianinha, carquei o pé no freio, e nada. Chamei a segunda, e ele reagiu, mas o sinal fechou. E agora? Pulei pra fora e segurei a porta do teimoso, como quem atraca um touro à unha. "Para, porra!". A sola do tênis fedendo no asfalto, e eu em desespero: "Tá sem freio! Chega minha gente, ajuda aqui!".

E sem freio ficou o resto da vida, o venerando Pereba. Pra parar, exigia grandes rituais: primeiro, só parava na Rua da Frente, devagar no ponto morto até encostar no meio fio. E dali era pra casa, na Atalaia, numa aventura digna de qualquer Discovery, fazendo graça e engolindo estrada o velho Pereba.

Morreu numa manhã simplória, estacionado na calçada lá de casa. O certo é que estávamos os dois batendo biela. Quando eu cheguei para sair, ele não respondeu aos meus bicudos. Enfiei um palito de picolé no motor (ele gostava), não funcionou. Lixei giclê, assoprei carburador, dei tombos até a esquina, e nada. O Pereba havia falecido. Foi velado com muita cachaça e enterrado num ferro velho.



## A SANTA QUARESMA

Papai não nos permitia um assovio sequer na Sexta-feira da Paixão. Deus que nos livrasse da alegria doméstica, das brincadeiras de manja, do entusiasmo com o pião dormindo na palma da mão. Não! Nossa casa se encobria de tristezas místicas pelo filho de Deus crucificado.

Lá fora, o sacristão batia a matraca chamando a meninada para ver em que situação deixaram o Senhor morto, posto num caixão de vidro sob o altar, todo sangrento e triste. Genuflexão... furtivas lágrimas. A nave de Sant'Ana fundeava em tristeza e arrependimento ao som de cânticos gregorianos. Eu mesmo, menino, chorava meus pecados de mais intensa gravidade, como o prazer onanístico, o desejo de matar os desafetos com ganas de crueldade e as incursões ao cofrinho de moedas, escondido na terceira gaveta da cômoda. Confesso-me devedor desses pecados.

Nossa Semana Santa era tão triste! Mas não há sacrifício sem recompensa. Ao meio dia, o almoço da família era silencioso e inesquecível. Numa mesa forrada com pa-

nos brancos, assentava-se a moqueca de atum, o arroz de coco, o feijão amassado, o bacalhau com lascas de mamão verde e uma farofa de manteiga da boa. Tudo isso escorregando como uma bênção de Deus ao paladar da nossa infância.

Ainda hoje, graças à inspiração de Jesus crucificado, minha família se dedica ao prazer da comida ancestral na Sexta-Feira da Paixão, como um sagrado reencontro. Cada um traz um prato, que melhor nos lembre o prazer de antigamente, as delícias de mamãe Corina. É um dente de alho a mais, uma raspa de gengibre, colocada no final da fritada, a suprema delícia do bacalhau ao forno, com ovos cozidos encharcados num bom azeite e, finalmente, o camarão-pitu com manjangome ao coco, coisa pra comer contrito e rezar ao céu, pedindo mais. Encerro essa Sexta, certo de que o filho de Deus não morreu em vão.



# MEMÓRIAS DO ESCURINHO

No tempo em que os cinemas tinham cortinas no palco, o espetáculo cinematográfico não começava antes das três badaladas: tommmm... somente uma gambiarra azul iluminava o palco, e um silêncio de catacumba se instalava. Depois, a luz vermelha e, finalmente, a verde, seguida dos últimos acordes de um Glenn Miller meio arranhado. Então, a cortina se abria e era hora da meninada, no escuro, soltar de vez os seus demônios. Quem não gritava era porque estava ocupado, arremessando rolete de cana, caroço de pitomba, papocando saco de pipoca na cabeça do vizinho, grudando chicletes no assento ao lado, ou, os mais espertos, na mais silenciosa sonsidão, apalpando os peitinhos da namorada.

No Cine Brasil, em Simão Dias, era assim. Mas lá tinha dono: Seu Antônio Borges, um sujeito grandão de rosto sanguíneo e língua afiada, temerário guardião do seu negócio, irrompia no cinema de lanterna em punho gritando: “Fi d’umas égua, vão esculhambar a tabaca da mãe, seus peste...” e colocava ordem no recinto, para que

Hopalong Cassidy, montado no seu cavalo branco, tivesse paz para exterminar metade dos índios do Alabama.

Já em Itaporanga, onde vivi a meninice, era no Cine Operário, uma vetusta construção, erguida pelos padres na rua principal, desgraçadamente inacabada: não tinha cadeiras nem cortinas. Em dias de exibição, anunciada pelo alto-falante da igreja na hora do Ângelus, a cidade desfilava a caminho do cinema; cada família com seus assentos mais nobres, trabalhados em jacarandá, de palhinha à francesa, raras chipandelles e outros móveis de *status* duvidoso. A família viesse de onde viesse, sempre quebrava pela rua principal, desfilando com seus acólitos carregados de trambolhos.

A paróquia só tinha três filmes: “Marcelino, Pão e Vinho” de chorosa memória; o indefectível “Vida, Paixão e Morte de Jesus Cristo”, que muita gente já não assistia, porque o galã morria no final; e “Joana D'arc”, com a inesquecível Ingrid Bergman, de rosto redondo e dolorosos sofrimentos.

Certo dia, cansado de vê-la torrar na fogueira, um moleque aproveitou o momento em que a pobre condenada voltava-se para a plateia em doloroso *close*, pé ante pé subindo os degraus do cadafalso, o fogo já crepitando, o rostão pedindo um sinal de Deus... gritou: “Joana!”. Ela olhou. Era a última esperança, todo o Cine Operário aguardava um milagre! Aí, o moleque gritou: “Nada não, pode ir!”. Joana prosseguiu resignada ao som das

gargalhadas infieis, as labaredas da inquisição lhe sapecando os cabelos.

Já em Aracaju (cheguei, aqui, na década de 1960) era a matinê do Cinema Palace o *point* obrigatório da maluquice reinante. Íamos curtir a lombra do domingo à tarde e desfilas roupas macabras com o bolso cheio da “erva” e a cabeça alhures, onde quisessem Godard, Fellini, Pasolini, Antonioni... Todo mundo ia e era, ali, que neguinho aliviava o gozo guardado no escurinho do cinema.

Consta que, quando exibiram “O candelabro italiano”, um guarda – empregado ali para conter os arroubos da safadeza, que ameaçavam os bons costumes no recinto – estranhou um movimento nas poltronas da penúltima fila e fez valer sua autoridade moral, gritando com voz cavernosa: “Moça, solte a pica do rapaz!”. Pronto! Acenderam-se as luzes. Quem tinha a coisa de fora nem teve tempo de guardar, e a moça, coitada, soltou a moleza e fez de conta que não era com ela, sob aplausos gerais.



NO MUNDO  
DOCE DE  
AÇUCARES  
IMEMORIAIS

## OS CHEIROS OU A PERMANÊNCIA DO SABÃO DE ALCATRÃO

Sou um dedicado apreciador dos cheiros. O cheiro da chuva numa tarde quente, o aroma especial dos domingos; o das panelas lavadas na prateleira da cozinha, lembrando o cominho salpicado nas comidas; o sensor das roupas quarando na cerca, lavadas com sabão pintado; a goma das anáguas, o perfume das rosas “La France” e o dos Cravos de Defunto nos cemitérios.

Os cheiros guardam a senha da minha libido. É num sovaco exalando o fortum do sexo que eu gosto de descansar após o coito. Fico, ali, respirando o cheiro amante, como que revivendo o prazer da conquista, guardando na memória a mais secreta identidade do corpo amado no cheiro do suor compartilhado. Gosto de me enfiar sob lençóis para sentir o cheiro do meu corpo lavado ou de apodrecer dois dias sem banho para curtir o azedume dele em podridões e ocultas

putrescências. De vez em quando, nas mais assépticas ocasiões, cheiro disfarçadamente o meu sovaco para aferir se ainda sou eu que estou ali.

Sou grato ao nariz que me revela novas geografias e que me guia aos territórios do inusitado. Então, tive o grande prazer de reencontrar um cheiro que sempre me transfigura: o do Sabão de Alcatrão, vendido, ainda hoje, nas barracas de ervas do Mercado Central. Ele era usado em minha casa de infância para nos limpar, às crianças, das pestilências adquiridas nas brincadeiras de rua sobre monturos e sarjetas. Havia, sempre, em minha casa, uma barra de Sabão de Alcatrão, comprado na feira, produzido artesanalmente por sábios curandeiros nos brocossós do mato – uma barra preta retinta, envolta em papel de embrulho, vendida aos pedaços por dois tostões.

Veja o que o Google me diz: “O Sabão de Alcatrão é um antisséptico natural, excelente para reduzir parasitários, de ação reparadora, anti-inflamatória e anestésica. Melhora a circulação sanguínea e tem sido utilizado, com sucesso, no tratamento de acne inflamatória e feridas purulentas”.

Mas o maior efeito da sua readmissão ao meu banheiro é o resgate do cheiro ancestral que me remete aos ritos da infância, à fragrância deseducada do alcatrão, que eu era obrigado a exalar nos melhores tempos da minha infância. Depois dele, vieram o sabonete Eucalol, com suas estampas divertidas, e o inesquecível sabonete Gessi,

perfumados com o cheiro de frutas desconhecidas, que se tornaram o aroma da modernidade. Minha maior felicidade, atualmente, é tomar banho com Sabão de Alcatrão e me cobrir todo, da cabeça aos pés, sob os lençóis, para sentir na velhice o meu cheiro de menino.



## O MONSTRO CASCUDO

Eu nunca fui de ver fantasmas: as criaturas misteriosas que assombravam a minha infância, em Simão Dias, resumiam-se à alma do Barão de Santa Rosa a penar nos relatos dos mais velhos e a uma incompreensível chuva de pedras atiradas, dia e noite, ninguém sabia por quem, que atanizou uma casa humilde na Rua do Pastinho. Fui ver de perto o mistério, mas saí de lá descrente da sua veracidade transcendental, achando que tudo se devia à traquinagem dos moleques do bairro, famosos pela ousadia.

Mas tive uma grande comoção nervosa, a ponto de perder o sono, quando vi, de perto, o Monstro Cascudo, que nasceu de uma prostituta do Bico da Asa, na rua do Mulungu, exposto à visitação pública no Cabaré de Maria Preá, ainda vivo e grunhindo.

Era uma criaturinha, absurdamente deformada, com olhos de pitomba e bico de coruja, p s de cabra em cambitos disformes, costelas   mostra, expressão demoníaca e pele cascuda, branca como se envolta em pl s-

tico, com veias azuis entumecidas, que se embolavam no ventre como um bolo de minhocas a lhe perfurar o cascão. Um horror!

O Bico da Asa era o lupanar da cidade, onde residiam as raparigas e vinha desde a bodega de Cipriano, na Praça da Bandeira, até a esquina de Seu Dorinha, na rua principal do comércio. Todo mundo, com um pingo de vergonha, passava por lá virando a cara como se ignorasse a sua existência, mas, nesse dia, gente de toda a estirpe acorreu curiosa à casa de Maria Preá, para ver o fenômeno, certamente causado pela incidência de sífilis entre as mulheres da vida, coitadas, usadas pelos machos em prazeres fortuitos e deixadas lá, contaminadas e esquecidas pela saúde pública.

Confesso que foi a primeira e única vez em que estive no Bico da Asa e ainda tremo de pavor ao me lembrar da intensa comoção que me causou a vozinha gutural daquela criatura dantesca, que me assombrava à noite como um chamado dos infernos.



# AVENTURAS NA PRAIA FORMOSA

Minha tia Luizita morava na Praia Formosa, numa casinha deliciosa, com varanda para as croas, que se formavam na maré baixa, assim de maçonins e gorés. Do quintal delimitado por uma cerca de varas, via-se um imenso manguezal, de lama escura, quase sem vegetação, que se estendia até um sítio de manjelões, lá longe, onde depois construíram o Batistão.

Foi lá que eu conheci o mar em companhia dos meus irmãos. Vínhamos de Simão Dias arrotando valentia, cada um se dizendo mais preparado para enfrentar o banho de mar em Aracaju, na maior inquietação. Afinal, criados na secura do sertão, só conhecíamos a água barrenta do Tanque Novo e, de vez em quando, apenas da margem, víamos as águas enormes do Açude Velho, onde o banho nos era proibido. Minto. Havia também o Chora Menino, uma represa, que se derramava em cas-

cata sobre pedras escorregadias, onde fazíamos festa engiados de frio quando papai nos levava pras bandas da Fazenda Mercador.

Do mar, antes, só conhecíamos o rugido aprisionado num caracol gigante, que enfeitava a mesinha de centro, na sala principal da casa. Era um apavorante rugido em nossos sonhos infantis. Na casa de Tia Luizita, cada um de nós tinha sua toalha e o seu cotoco de sabonete, porque banho sem estes apetrechos não valia a pena. O balde voltava cheio de maçonins e conchas, quando, à custa de muito grito, voltávamos pra casa, devidamente avermelhados, com a pele assada, quase em chagas, onde não se podia nem tocar. Tome-lhe pomada Minân-cora, o que era outra festa; todos lambuzados de branco.

Pela manhã, cedinho, a brincadeira era pegar caranguejo com um talo de coqueiro feito laço. Já lhes disse que no lamaceiro, atrás da casa, tinha tanto caranguejo quanto goré na praia em frente? Vige! Logo, o panelão ficava cheio deles, e era a criançada responsável pelo cozimento numa trempe de tijolos, colocada em terra firme. Ficava até bom o nosso café da manhã, mas a areia mal-lavada trincava nos dentes. A Praia Formosa foi o cenário das minhas primeiras aventuras Aracajuanas. De lá pra cá, deu no que deu.



## O FOGARÉU DE FÁTIMA

Minha primeira grande comoção religiosa deu-se em 1953, durante a visita de Nossa Senhora de Fátima à Itaporanga d'Ajuda. Naquele ano, a comunidade católica promoveu um evento de dimensão nacional, levando às mais reclusas paróquias a Imagem Peregrina de Nossa Senhora de Fátima, recebida sempre com efusivos louvores e festivas procissões. Em Itaporanga não foi diferente. Ela chegou e aportou na parte alta da cidade, na Estação Ferroviária do Sapé, ainda espanando do sedoso manto a fuligem do carvão, que movia o barulhento e azougado trem da Leste, que àquela hora nos trouxe a veneranda imagem de Maria.

A multidão, trespasada de inquieto fervor, orava na esperança de que, do trem, descesse uma falange de anjos que precedessem a aparição de Maria, a própria Mãe Santíssima, que revelara aos campesinos de Fátima as três temerosas profecias para o futuro da humanidade, exortando-nos à oração e ao sacrifício. Quando ela apareceu, no entanto, foi sobre os ombros das autoridades. A majestade dela a tremer no andor enfeitado de palmas

do campo e luzinhas intermitentes. Era, sim, majestosa com seu manto drapeado e seu solidéu de estrelas, as mãos em prece sobre uma profusão de flores brancas. Era como se todos os braços devotos que a esperavam acenassem com submissão e fé. Então, acenderam-se as velas, obrigatórias a quem quisesse acompanhá-la, e iniciou-se a procissão ladeira abaixo.

A procissão virou um dragão vomitando brasas, milhares de corações incendiados como uma onda de fogo descendo a ladeira do Sapé, o Trono divino e suas potestades se derramando em direção à cidade com fúria santa, descendo para nos justicar com sua força apocalíptica.

Lá em baixo, aguardando a passagem da Santa com um cotoco de vela tremendo entre os dedos e o coraçãozinho pecador, cheio de monturos inflamáveis, eu esperava, contrito, a justiça divina. Mas Nossa Senhora de Fátima passou por mim serenamente plácida e me viu tão católico, cantando fervoroso sua ladainha, que me salvou do iminente fogaréu do inferno.

Santa Maria, rogai por nós!



# ITAPORANGA

Dora Garcez, minha vizinha em Itaporanga d'Ajuda, tinha poucos aninhos e só sabia de si e das suas bonecas. De vez em quando, ela comparecia aos aniversários dos filhos de Manoel Conde Sobral, netos do velho Maneca. O comparecimento de Dona Clélia, sua mãe, acompanhada dos filhos, era um acontecimento social, de relevante significado: a elegância da festa estava garantida, bem como certa ordem nas traquinagens infantis, que ninguém ousava desobedecer a um “pito” de Dona Clélia, dito com sobriedade, mas definitivamente severo.

Já eu, cria da veneranda Emiliana Nery – professora jubilada – tinha o convite para a festa como um acontecimento sacrossanto. Sonhava com o enorme bolo confeitado no centro da mesa, uma maravilha rodeada de canapés e olhos de sogra, de balas enroladas em cacheados papéis desfiados, cocadinhas de cravo enfiado, sanduíches de kitut Swift, patês de sardinha e a suprema atração da festa, o gostoso chocolate quente, servido em copos de papel, que eu levava comigo para sentir

ainda o cheiro inebriante e doce da iguaria. Tia Emiliana, com seus quilos e quilos, pendurava os berloques sobre o discreto decote no vestido de surah, estampado, e fazia o sacrifício de caminhar até a praça da igreja, onde moravam os Conde Sobral para me levar à festa. Saudosa Dindinha.

A casa senhorial, com todos os seus cômodos, excepcionalmente abertos à curiosidade das crianças, era um universo de novidades. Ante os móveis negros, reluzentes e circunspectos, minha atenção se voltava para os enormes gavetões, com seus segredos domésticos. Sedas de afago sutil, caixinhas de rapé, fitilhos, sianinhas, cartões postais de Águas de Lindoia, sinais da vida elegante, que eu sonhava ter.

Da minha casa, eu via os dois sobrados ancestrais que dominavam a cidade: o de Dona Zazá, a matriarca dos Sobral, e o de Dona Pombinha, mãe dos Garcez. No sobrado de Dona Zazá, eu costumava ganhar notas de cruzeiro, estalando de novas, sempre que a visitava. Menino conversador, escolado pela tia-avó poeta, eu era posto sobre um tamborete para declamar os discursos e poemas, que Duzanjos escrevia com letra de roseiral, em tiras de papel pautado, celebrando sempre as datas cívicas, mas cheios de contradições e rebeldias. Foi ela quem me instruiu.



## MEU PROBLEMA É UM SARIGUÊ

Faz dois meses que o bichinho chegou à minha cozinha e estabeleceu sua quitanda na lixeira. De dia, ele desaparecia, mas toda noite estava de volta, mais ousado, atacando a cesta de frutas, roendo as bananas, furando o mamão, mutilando as maçãs. Depois, revirava o lixo e cuidava de cagar, em volta, umas bolotinhas chinfrins, delimitando o seu espaço. O safado comia o que queria e depois ia, sariguê refestelado, aboletar-se na gaveta de gordura do meu fogão.

Por duas vezes, tentei levá-lo para longe, já que matá-lo não era cogitável. Ele voltava, não aceitava o despejo. Da última vez, deixei-o nos mangues do Bar Mineiro, uma Atalaia-e-meia longe daqui. Pois não é que o pestinha voltou ao meu fogão? É mole? Todo dia, pela manhã, tenho que limpar o fogão com álcool e desinfetar a cozinha, por uma teima de difícil solução.

Acredito que essas coisas me acontecem por carma. Sabe aquele papo oriental de faturas mal pagas em vidas ante-

riores? Pois eu acredito nelas. Cuidar de gente e de bichos é minha sina. Aliás, seres muito mais danosos que rato já habitaram o meu fogão com excelentes resultados afetivos. Que dirá um sariguê, que só tem de maldade o fedor? Ele tem um truque espetacular: quando tocado, se faz de morto. Cai de lado, duro e fedorento, juntando as patas em volta do nariz em compungida prece. Dá até pena. Inerte, é de se fazer dele gato e sapato. Noutro dia, munido de guardanapos e carontinhas de nojo, agarrei-lhe o rabo e consegui tirá-lo da cozinha. Deixei-o num lugar longínquo e me esqueci dele.

Hoje, ao vê-lo de volta, aproveitei para conhecê-lo melhor, vencida a gastura que me sobe em arrepios. É um marsupial elegante, com aquele pimpão espetado do Neymar que, atualmente, faz moda no ataque do Santos Futebol Clube. Tem um olhar noturno, buliçoso, triste e meio esfomeado. O rabo preênsil é difícil de esconder; tem o longo nariz, atravessado por duas tarjas pretas, que vão do olho à inquieta ponta do nariz. Um narigão onde, por certo, veio a se instalar o cheiro do meu fogão, a deliciosa podridão do meu lixo, a permissividade da cozinha, largada aos descuidos da minha solteirice. O danado estabeleceu nela a garantia da sua sobrevivência.

Tenho, então, uma complicada decisão a tomar: ou o ignoro ou pego o bicho e o devolvo aos pastos, o mais longe possível de mim (lá pras bandas de Propriá), de onde ele poderá se aventurar pelas Alagoas e de lá rumar para

telhados mais promissores nas cozinhas destes Brasis. Será ecologicamente correto mantê-lo aqui, cagando diuturnamente no meu fogão e comendo vorazmente as frutas que eu escolho, semanalmente, nas gôndolas do supermercado?

Eis minha grande questão: que fazer com esse bicho bonitinho que a santidade achou por bem me destinar?

Remeto a você, leitor, esse meu doméstico problema.



NO MUNDO DOCE  
DE AÇUCARES IMEMORIAIS

# NA CADÊNCIA DO SAMBA

Nelson Cavaquinho, o mais dolente poeta do samba brasileiro, protagonizou a mais memorável farra em nossa casa, na Rua Luiz Chagas, na Atalaia. Era uma casinha de pescador, sem maiores confortos, que tinha alguns colchões guarnecidos de velhas almofadas e toscos tamboretos pra sentar, mas reunia, naqueles tempos amorosos, a nata da realeza intelectual e os mais promissores políticos locais em festas, que misturavam a *jeunesse dorée* das ondas sergipanas, os malucos mais inadequados e os artistas de fama nacional, de passagem pela província.

Nelson fora convidado pela UFS para um Festival de Artes de São Cristóvão no início da década de 1980 e foi levado, pela sua empresária, a querida Siomara Madureira, para uma breve visita ao atracadouro local de artes e outras maluquices, o nosso descolado lar, para uma breve palhinha.

Acontece que, na mesma noite, estávamos recebendo o Balet Stagium, com todo o seu Corpo de Baile a saltar pela casa. Nelson Cavaquinho, já abancado, num des-

confortável tamborete, a aceitar pedidos musicais das meninas presentes, via-se a todo instante agraciado pela coreografia sensual de belas bailarinas em volteios e saltos sobre si e declarou, diante daquela prodigiosa visão de encantos femininos, que jamais sairia dali, da casa do Amaral, onde estava sendo tão bem-recebido.

Tocou a noite inteira, abraçando daquele jeito peculiar, que era só dele, com o queixo quase roçando as cordas do cavaquinho, e nos proporcionou a mais autêntica intimidade com a malandragem do samba carioca.

Ao raiar da manhã, o representante da UFS, que armara uma missa na Catedral em sua homenagem – porque era o dia do seu aniversário –, encontrou-o arriado e de bode, babando um velho colchão na casinha animada da Rua Luiz Chagas e só o levou para a acadêmica solenidade religiosa depois de aceitar que o acompanhássemos, todos nós, os malucos sobreviventes, ao culto administrativamente programado.

O nosso mais fiel guardião do samba bem-lezado, o respeitável boêmio Clínio Carvalho estava lá e, ainda hoje, considera aquela farra como a mais inesquecível do seu robusto currículo.



NO MUNDO  
DOCE DE  
AÇUCARES  
IMEMORIAIS

## O APARELHO DE JENNY

Pode-se dizer que o golpe militar, nos anos 1960, pegou-nos de calças na mão. Era mesmo um *jeans* surrado, arrochado pelo cintão de couro cru, com reluzente fivela, que fardava os resistentes de então. Metidos nele e sobre tenros mocassins de pelica, marchávamos pra cima e pra baixo, nesta Aracaju, a subverter a ordem unida dos milicos. Tratava-se de contrapor à burrice dos opressores a sabedoria dos nossos poetas, a ironia das nossas músicas, a arte que se derramava dos nossos mochilões pelas ruas. Formávamos, então, uma brigada psicodélica, temerosamente capaz de tudo, no *front* da contravenção: eles que viessem nos impor urutus, ora, cabia-nos resistir com flores na cueca e perigosos argumentos. Tí-nham-nos como explosivos e letais, os artistas.

Filhos de pais temerosos, um bando de desassombrados: Ilma Fontes, Marcos Mutti, Mara Lopes, Mário Jorge, Luiz Adelmo, Barrinhos, Joubert, Lu Spinelli, Zelita Correia, Alfredinho da Oxente, Augusto do 315, Augustinho Bezerra, Marinice, Alcides Melo, e mais meio mundo de

gente cheia de atitude. Mas tinham os poréns: onde se achar, onde comer, onde se reunir?

Quem iria querer aquele bando de desgrenhados emporcalhando o sofá? Qual mãe zelosa vendo-nos cabeludos, unhas por fazer, suvaqueiras infames, empesteando o recinto, não empunharia a vassoura de piaçava e, como quem enxotasse sapos da varanda, nos retiraria do local; “*vade retro*”? Pois era na casa de dona Jenny, mãe de Ilma Fontes, o nosso providencial aparelho. Mesa farta, sergipana, o belo cuscuz guarnecido, ora jabá, ora ovo estrelado em manteiga da terra pra começar. O pão tostado na chapa, os biscoitinhos de fubá desmanchando na boca e a alva macaxeira com fiapos de lombo! Comer tão bem nos incitava à subversão, tramada sempre para depois do rango, que ninguém é de ferro!

Eu mesmo tinha sempre uma brilhante ideia para expor, providencialmente às oito horas da manhã ou senão às seis da tarde. À mesa, colherinha em riste, a fome derretendo impérios sobre as rodela de inhame, eu era o mais feroz ativista.

A casa de Dona Jenny, elegante modista, de habilidades reconhecidas, assentava-se numa pedra de retidão: seu Aderbal, o marido, alto funcionário público federal, diretor vitalício (pensávamos) da Sunab, cuja retidão sempre nos impressionava, principalmente durante a Semana Santa, quando, invariavelmente, ele anunciava, respeitável e circunspeto, nos noticiários da TV que não

faltaria peixe de jeito nenhum, e que o preço do pescado seria controlado pela sua indiscutível autoridade. A moqueca estava salva!

Havia nela, dentro da casa que Jenny nos abria com o carinhoso humor de sergipana nata, Seu Aderbal, com sua autoridade bondosa e um pacífico desinteresse pelas novidades que infestavam o seu sofá. Era o mundo carburando ao lado e ele, lá, com seus livros e seus jornais, poderosamente indiferente.

D. Jenny, sua amada e benfeitora dos nossos ideais, que se encarregasse de acolitar os sonhos libertários dos amigos da filha Ilma – criatura revolucionária, de predicados intelectuais que ainda agora inspira gerações.

Espero que algum historiador, com maior fôlego que eu – que aborde esses tempos gloriosos – coloque o aparelho de Jenny no merecido lugar, que a História lhe deve.



## ALAGOANA

Nunca soube o nome dela. E se ele me foi revelado, terá sido quando ela se apresentou na minha porta para conquistar o cargo de doméstica: no susto, entrou por um ouvido e saiu pelo outro.

Alagoana era um varapau de saia, se bem que só "pis-suisse" duas: uma de tergal azul, com dois botões enormes, pregados atrás (sem simetria), o que a fazia cofar na região, onde as pessoas normais ostentam a bunda; outra, a do trabalho, de chita com florezinhas vermelhas e cadarço no cós. Da saia, sobravam dois cambitos brancos, encerados de sol, que terminavam em pés esqueléticos como garras de águia velha. Unhas carmins, lodo incorporado ao calcanhar crestado, varizes brutais. A blusa era antiga, pedia voto para Fernando Collor.

E basta cabeleira! Um arapuá rebelde, sem direção certa, amansado à esquerda por um broche prendedor – um mimoso peixinho de *strass*! Veja você, um mimoso peixinho de *strass*! O brilho solitário dele, naquele mar de tormentas cabeludas, me enterneceu. Era revelador o bas-

tante para cobri-la de ternura, tão feminil quanto o olhar dela, desconfiado do mundo, mas faminto e confiante de que este patrão a aceitasse. Por Santa Bárbara, a aceitei.

Só sabia cozinhar bife e carne-frita e, assim mesmo, com gosto de papelão. Macarrão grudado, arroz empapado, o cuscuz desmoronava ao toque sutil da manteiga. No dia em que se arvorou de fazer uma feijoadá, botou a jabá sem antes esquentar-lhe o sal. Não deu para comer. Tanto que dei graças a Deus quando ela apareceu com um panarício no dedão e foi, por algum tempo, impedida de cozinhar e lavar pratos, pelo bem da higiene doméstica. Agora, verdade seja dita: sabia comer como uma retirante. Com as mãos, acocorada no quintal, Alagoana mandava ver.

Serventia tinha pouca, mas só levava carão quando atendia ao telefone. No começo, pegava o aparelho como quem segura cocô de urubu e se admirava, ria de ver aquele troço falando com ela, depois, recolocava-o diligentemente no lugar – interrompendo a ligação – e vinha, com a cara mais feliz do mundo, anunciar: “É um moço chamando seu Amaral”. “Quem, Alagoana?”

Passou quase dois anos aqui, mas no fim queria mandar em tudo na casa sem madame. Deu pra rascar pelos cantos, que seu Amaral não cuida do que é dele, que isso e que aquilo. Aí, ficou difícil. Quando se foi, de saia tergal e blusa nova, me disse a Alagoana: “O senhor é gente!”



32 31 6337

SANGUE

42317987

32

24

12 36 976861

37646132

31822372314756

SUOR

TRADIZIONALE

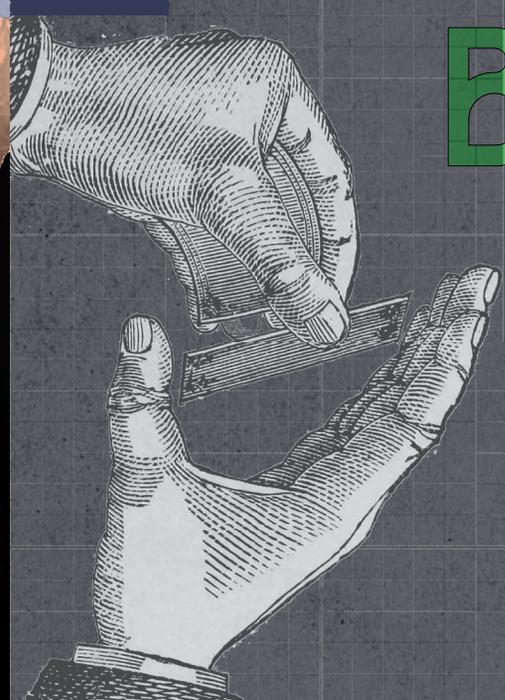
Coca-Cola

4237

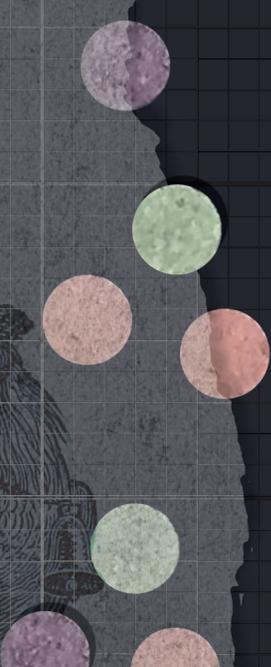
27  
38



A  
VIDA  
ME  
QUER  
BEM



117 | CRÔNICAS  
DA VIDA  
SERGIPANA







A VIDA  
ME QUER  
BEM

## CLAIR DE LUNE

De tardinha, o perdulário aqui costuma ir ao sorvete. Virou luxo. Ali perto dos lagos da Orla, na Atalaia, tem um lugar maneiro com sorvetes dietéticos e mansas mesinhas, com vista pro jardim. Boto um calçãozinho leve, pós-moderno, uma camisa churriada, que eu mesmo reabilitei aparando as mangas. Gosto delas assim. Dá um tom de bofeca-mas-não-tanto, que me delicia. E vou, luxento e faceiro, ao meu Clair de Lune.

O que tem de turista de chinelões novos, com ar de babaca, nem dá pra contar, mas é um sossego delicioso, que me permite matutar a vida e espanar da cabeça a poeira do dia, abancado entre estranhos, que não me cobram nem um boa-tarde. Uma delícia!

Disse é? Mas já era. Arquibaldo, também chamado, no Colégio Agrícola, de “Sarrabuio do Cão”, me descobriu lá. Inda me fiz de manco, numa retirada infeliz, que não deu certo. Arquibaldo partiu gritando: –Tonho! Tonho Amaral, quanto tempo! E não vinha só. Arrastava dona Ilka aos trancos, entre mesinhas e imprecações.

Encangado nela, um Arquibaldinho choroso, querendo já o seu sorvete. Balbuciei com a boca cheia de mangaba: – Oi! Você é Sarrabuio do Colégio Agrícola? Não mudou nada! Ele, impando e feliz, abancou-se: – Esta é a minha esposa! E você, já casou? Dona Ilka, um chouriço de cinta e colares de conta, atalhou o vexame: – Muito prazer! Arquibaldo, o menino quer sorvete!

Sabe como é, leitor, casar, casei uma caralhada de vezes, mas quem vai explicar ao Arquibaldo que não é bem assim? Que há casamentos e casamentos, outras opções, sinuosas justificativas? Enfim, que trabalho danado me deu lhe responder: – Não, fiquei pra titia. Daí, seguiu-se um baita constrangimento. Ele arrastando os pés sem saber o que dizer até que dona Ilka, percebendo o impasse, acudiu: – Venha, menino, vamos se servir. E com o jeitinho que as matronas têm, como quem abre pregas numa saia justa, salvou o momento: – Vocês têm muito do que lembrar.

De fato, Arquibaldo fora companheiro meu nas molecagens do Colégio Agrícola do Quissamã, internos na década de cinquenta em regime prisional. Ele, rei da contravenção, e eu, seu fiel adjunto. Cré com cré. Se havia que roubar goiabada no refeitório ou mesmo impor moral na fila do banheiro, “nóis tava lá”. Fugir, fugimos muito para os pomares da vizinhança e tínhamos na palma da mão os rios da região. Fugimos, certa vez, de carona na carroceria de um caminhão

de carvão e chegamos em Aracaju tão sujos e desabonados, que foi só chegar e voltar mais que depressa, que “assim a polícia prende”.

Ficamos, então, na sorveteria, frente a frente, pela eternidade de dois suspiros, até que Arquibaldo me fitou com a meiguice juvenil, que eu julgava perdida: – Tonho, eu me lembro sempre de você. E tocou, como um anjo remido, a minha infame cabeleira branca. A lua inchou em busca de horizontes, e eu fui pra casa ouvir Debussy.

A vida me quer bem.

## ADRIANO

Na sexta pela manhã, preparou-se todo; o sonho radiante no bernal, a prancha, o pé de pato, um carregamento de maçã, entocada no colchonete e se apresentou: – Já vou! Volto com um troféu.

Não voltou. O ônibus chocou-se com uma árvore a caminho de Pernambuco, e a morte o colheu. Tinha 17 anos e nenhum pecado. Era doce, carinhoso e nos fazia rir. Recentemente, entrou numa academia para ordenar as novidades do corpo, que explodia em beleza juvenil e graça. Era para impressionar as namoradas, tantas, uma no Robalo, outras na Coroa do Meio e mais dezenas delas diariamente no MSN, onde passava grande parte do dia, atarefado, clicando o seu lugar no coração da vida.

Chegou um dia se oferecendo para trabalhar e foi ficando, essencial à alegria da casa, dessas coisas que nos acontecem, Deus sabe por quê.

Adriano era chamado aqui em casa de Tazz (Demônio da Tasmânia), porque devorava três pães de hambúrguer toda noite, cada um recheado com duas carnes,

um ovo estrelado, pingando nas bordas, não sei quantas fatias de queijo e um tsunami de catchup. Toda noite.

Aprendeu a fazer o cuscuz da tardinha que era, majoritariamente, dele, batizado com o feijão que sobrara do almoço. Enfim, era um grande predador de geladeira, o Tazz Adriano.

Ele só pulava na piscina com um belo mortal, surpreendente, inundando a nossa casa com sua adolescência tão avassaladora quanto à imensidão do mar.

Adriano tinha um sonho: ser campeão, um *bodyboarder* no *ranking* nacional, capaz de grandes manobras radicais, o menino pobre de Aracaju surpreendendo as ondas, para que os *brothers* o admirassem. Aquele moleque da Coroa do Meio, capaz de viajar sem drogas, teria valido à pena.

la toda manhã – com sua prancha velha, cheia de bolhas e um pé de pato emprestado – perseguir o seu sonho. Voltava contando coisas que ninguém entendia: de *beach babes* perdidas, *drops* quase conseguidos, coisas que ele ia aprendendo na intimidade com o mar. Deixou aqui em casa três troféus de iniciante e uma grande bagunça no computador: depoimentos no Orkut, maluquices em “nossas imagens”, uma rádio perene tocando *surf reggae* e a primazia do MSN como página principal. Não sei o que fazer desse legado.

Adriano não volta! Um telefonema no meio da noite me informou que ele se fora. Queremos vê-lo de novo em grandes *drops* no céu.

## HERNANE, O PERFORMÁTICO

Hernane era tudo o que queria ser: Hunfrey Bogart de capote e chapéu panamá, na porta do Cine Brasil; Elvis requebrando lantejoulas no coreto da praça, com o precário pimpão desabado na testa; um furibundo Fausto dos infernos nos becos de Simão Dias. Hernane era o esmoler de Gogol, a cantora careca, o príncipe da Dinamarca enfiando os dedos na caveira do papai, um paxá declamando o Rubaiyat, *Alice no país das maravilhas* – o sapatinho de cetim atolado na sarjeta, a profusão dos babados espargindo a cidade.

Domingo pela manhã, no entanto, Hernane era uma voz precisa no coro da igreja. Envolto em semibreves, ele trinava encantados barítonos, o denso cantochão que transfigurava os altares. Só que a cidade, atenta ao majestoso Kyrie Eleison, que lhe invadia os sentidos, nem o via. E Hernane não se importava nada! Ele era tudo o que queria, e a arte dramática era sua religião.

Performático, na década de cinquenta, secando entre as sertanidades da velha Simão Dias, Hernane era uma figura!

Aos sábados, ele armava uma *Broadway* na porta de casa, no caminho da feira. Escancarava o janelão ao distinto público – geralmente meninos de carrego empurrando carinhos de rolimãs em busca de trocados – e impunha ao crestado olhar dos circunstantes a maravilha dos seus brilhos rebordados, a fantástica ilusão do seu guarda-roupa hollywoodiano. Num dia, era Poseidon, o colosso de Rhodes, ricamente vestido; noutra era Quasimodo aos farrapos, saltando divertido entre gárgulas. Hernane era o que queria ser.

Para a Simão Dias de então, ele adotara a alcunha de Terry Dymm, seu nome artístico venerado na distante Hollywood, jurava ele. Aguardava um telegrama a qualquer momento, chamando-o ao *set*. Tinha deixado em *Bel Air*, na Califórnia, a sua cinematográfica mansão (mostrava a foto na *Variety*, jurando outra vez) e ficara em Simão Dias, aguardando o chamado do seu agente, um feitor de talentos nos estúdios Paramount, que acertaria a custa de propinas e jantares o seu definitivo estrelato: o papel de Gengis Khan na superprodução “A Vingança das Ervas Daninhas” em Cinema Scope e Panavision, onde Hernane haveria de demonstrar ao mundo o seu irrefutável talento. Enquanto o telegrama não vinha, gozando férias que durariam toda a minha infância, ele colhia parques aplausos nos becos de Simão Dias.

Só tinha por si um devotado admirador que era eu. Enfiando a cabeça pela janela, eu vivia o fantasioso mun-

do de Hernane. Estava tudo lá em calhamaços de papel pautado, tim-tim por tim-tim, escrito à mão: roteiros inacabados, *skets*, cenografias em croquis a crayon e lápis de cera, figurinos rebuscados, cópia de contratos legais parecendo autênticos, consignações e arrazoados, tudo doidamente real e tão convincente que me bastava.

Hernane foi o astro da minha meninice.

## ADÔNIS

Cada um tem o Adônís que merece. O nosso era um mirradinho de pouca altura, feio de dar dó. Falava de fazer gastura, atrapalhando as palavras com um gestual maluco que nasceu com ele, sabe-se lá por quê. O rosto engrungujado, com fendas erodidas no canto da boca, o cabelo de milho, espetado, os braços meio cotós. Adônís tinha a beleza do feio definitivo.

Morava na Rua de Estância, quase esquina com Lagarto, onde a turma se reunia toda santa noite pra mais de vinte rapazes, jogando conversa fora. Virou curtição sagrada, chuva houvesse ou lua cheia, todo mundo passava por lá. Era no começo da noite e no fim da farra também.

Adônís era bem-chegado, mas sua augusta presença tinha hora marcada na turma da esquina. Por volta das onze horas, ele desaparecia dali num mistério intrigante.

Acontece que o pai dele, há anos, construía a morada da família. Obra demorada, meio metro de parede por dia ela crescia encubada, por trás de um velho tapume. E

toda noite saíam Adônis e o carrancudo pai, empurrando noite adentro um carrinho de mão. Deveras misterioso!

Foi o vizinho Vicente que, numa noite, ouvindo o guincho da rodeira ao longe, decifrou a parada. Eles traziam, no carrinho de mão, um carregamento de cimento e tijolos surrupiados de alguma construção distante. Os dois afanavam em construções alheias, toda noite, um bocadinho do material que iria tocar, no outro dia, a lenta progressão da grande obra familiar.

Mas o que eu disse até agora de Adônis serve, somente, para introduzir expectativas na cabeça do leitor. Feito isso, prefiro descrevê-lo melhor em versos, à moda do cordel:

O sem-vergonha do Adônis,  
vendia ingresso pra gente  
ver a irmã dele no banho.  
de cuia, nuinha na área  
inconclusa do banheiro.  
E dele era todo o ganho:  
De cada um, um cruzeiro.

Pé ante pé no oitão,  
sem qui-qui-qui, nem zoadá,  
depois escalando a escada,  
que Adônis ali deixara,  
todos iam na hora certa  
por Adônis combinada,  
ver os pentelhos lavados  
de uma deusa de brancura  
- a casta irmã do safado.

O moleque era tihoso,  
mas inútil, era não:  
gostava de ficar nu  
pra cagar onde quisesse.  
E por dinheiro ele ia  
a qualquer hora, cagar,  
onde quer que se mandasse,  
por dois mil réis que lhe dessem.

Era essa a serventia  
daquele deus desterrado.  
Na varanda do Doutor,  
vizinho inconveniente,  
era só baixar as calças.  
No muro de qualquer um,  
no jardim da mulher chata,  
no presépio da varanda,  
no para-brisa dos carros,  
Adônis tinha um pouquinho  
de merda pra despachar.

E disso vivia a vida,  
esse Adônis sem beleza,  
cagando o mundo sem pejo  
no ganho dos seus trocados.

Tinha pinima, porém,  
Adônis com Seu André,  
dono da venda na esquina.  
Os dois não se davam bem.  
Foi a mando dele que Bosco  
- o pai, dono de farmácia -  
trouxe de casa escondida  
a caixa de esparadrapo,  
que certa noite vedou  
as portas de Seu André.

De manhã, foi um sufoco!  
Enquanto riam os moleques,  
sentados no muro em frente,  
debaixo de xingamentos  
e promessa de polícia,  
foi que André abriu as portas  
do seu negócio emplastado.

Seu André, perna de pau  
ganha na guerra da vida,  
toc toc - ele a batia  
no balcão da sua venda,  
ameaçando enfiá-la  
na bunda dos desafetos.

Possuía um Aéro-Willys,  
abrigado na garagem,  
que dirigia faceiro  
com sua perna de pau.

Só que a garagem era estreita  
demais pro seu desajeito  
e cada vez que saía  
Seu André tinha cuidados  
com o prumo das manobras.

Numa manhã ignóbil,  
dessas que o cão não duvida,  
Adônis ficou postado  
no muro da casa em frente,  
atrapalhando a saída  
de Seu André com seu carro.  
A ré, ou era certa  
ou a batida era certa  
nas paredes da garagem.

- Role sempre pra esquerda!  
Pra direita, velho burro!  
Agora pra trás, e sempre!  
Reduza, perna de pau,  
olha pro retrovisor!  
Assim não deu, Seu André,  
inda bem que eu lhe avisei!  
Já o possante raspava  
o paralama vistoso  
nos contrafortes da casa.

Quando o coitado do André,  
catando o chão com o cotoco,  
saía pra ver o estrago,  
Adônis já estava em casa,  
a cara feiosa e lisa,  
buscando o peito do pai.

Cada um tem o Adônis que merece!

## JOÃO BROCO

Havia um Ministério das Endemias Rurais, ou algo assim, cuidando dos barrigas-d'água dos nordestinos, hospedeiros da esquistossomose – uma lombriga insidiosa, que se escondia no caramujo e debilitava de amarelão e inchaço o pobre sofredor. Problema nacional.

Cuidava o governo federal de erradicá-la, nos idos anos cinquenta, usando, pasmem os senhores, de estratégias modernas, como a exibição de curtas em Super 8, didáticos e de fácil entendimento, nos rincões do interior. Eu mesmo tive a primeira emoção cinematográfica, assistindo a curtas-metragens profiláticos, exibidos no oitão da Matriz de Sant'Ana, em Simão Dias.

Um recurso tecnológico nunca visto, tão inovador que acabou me convencendo a jamais cagar na beira do açude e a tomar cuidado com os nefastos caramujos, que infestavam à beira das águas. Vendo o filme, fiquei ciente de que o bichinho saía percorrendo uma linha pontilhada do cocô para o caramujo e dele para um pobre menino, que andava de bobeira por ali, pisando em

bosta. Cadê que eu nunca mais esqueci? A emoção do cinema ficou aquela maravilha na minha cabeça.

Em Itaporanga d'Ajuda, instalou-se um posto médico de referência estadual, onde, por força de lei, todo sergipano devia se submeter a um diagnóstico pós-exame de fezes. Vinha gente de todo canto.

Vai que um dia a minha elegante amiga, Maroquinha, lá estava, esperando na antessala, cheia de conhecidos, quando irrompe o conterrâneo João Broco, doidão respeitável da nossa Simão Dias, sobraçando uma lata de Leite Ninho: – Dona Maroquinha, tá por aqui? Onde é que entrega as bosta?

Vergonha! Maroquinha se escondeu detrás da enorme bolsa em napa dourada que pontuava, naquele tempo, o vestuário elegante de qualquer mulher e saiu de fininho. João, vistoso nos seus 120 quilos de pança, nem percebeu. Adernando o esvoaçante capote, tomou rumo e, com a lata de quilo já aberta no nariz da atendente, lascou: – Será que isso aqui dá, minha fia? Fedor do cabrunco!

Aliás, João Broco merece mais lorota. Consta que era sobrinho-neto do Barão de Santa Rosa e, portanto, o doido exponencial da cidade. Morava numa rua boa, a janela sempre aberta pra vender galinha. Saía de capotão, conciliava bico esfolado e tresloucado olhar, oferecendo galinhas poedeiras para cria e frangotes de abate, bodejando nas janelas das famílias: – Quem não compra

é porque é pobre! Mamãe comprava sempre, que pobre era o que não se podia ser naquela Simão Dias.

Só que era muito displicente, o maluco do João Broco. Trancava a porta de casa, fazendo não sei o que lá pra dentro e deixava ao léu, na rua, o seu criatório galináceo para ciscar besteiras na sarjeta. Conta-se que um dia estavam dois moleques brincando de gude (jogo de cinco búricas, com direito à luz de papone) quando uma galinha pedrês, do sobreco estufado, engoliu uma bola de aço, a preciosa joia do plantel. Grande prejuízo. Era nada menos que a temida Caterpilla, capaz de detonar, no telhado, qualquer besteirinha de vidro que se colocasse entre ela e o pódio, no último buraco. Uma verdadeira lenda olímpica.

Não havia como deixar por menos. Até a meia-noite, cada um ia à janela do doido gritar: – Seu João Broco, a galinha já cagou?

E isso só acabou de manhã, quando João Broco, o sobrinho-neto do Barão, solicitou providências enérgicas na janela dos pais e foi, prontamente, atendido.



A VIDA  
ME QUER  
BEM

## VISITEI UM FAUNO

Cleomar Brandi mora num prédio antigo ao lado do Hyper G. Barbosa, numa ruinha opcional, para quem trafega pela área e quer se livrar do burburinho da Av. Francisco Porto. Estacionei (sempre tem vaga em frente, como num oásis) e entrei na ampla área de lazer do prédio, entre velocípedes, babás bundudas, de olhar pidão, e um senhor semimalhado, de tênis caros e meias soquetes, rumo à caminhada das quatro no Calçadão da 13. Pernocas cinquentonas à mostra, algumas varizes, camiseta regata *Surf Bording*, atalhando a barriguinha teimosa, calção curto, lascadinho, de lado, uma figura plena de si, locomovendo-se com a graça de Deus, tão lépido quanto caricatural. Fiz que não vi. Afinal, fui visitar o sem pernas, cadeirante, um marombeiro cultural, que mora ali e faz daquele átrio tão cheio de caminhantes a antessala da sua perseverança.

Acolhe-me uma mãe heráldica: minúsculas manchas cinzas no rosto – sol de antigas praias – cabelos brancos, em coque elegante, olhar percuto, postura juvenil: “Cleomar se acordou agora, mas ainda não quis sair da cama...”

Saquei na hora. Nesta tarde modorrenta de sexta-feira, Cleomar mandara tudo à puta que o pariu e recolhera-se à lascívia dos lençóis, curtindo o cheiro do próprio corpo nu, desobrigado do fastio dos “boas-tardes” protocolares e do cafezinho insosso na repartição.

Ora! Foi no quarto mesmo que eu o encontrei, cercado de sobrevivências. O monstro sagrado no seu cenário cotidiano, rindo entre guarda-roupas e consoles, cercado de patuás e berimbau da infância, com um livro aberto, cheirando a sono, indícios de sonhos revividos, bilhetes de amigos lhe chamando à farra e uma meiotá de conhaque à mão.

Olho os cartões-postais de terras que Cleomar não viu, dezenas de pôres-de-sol dependurados, paisagens enfadonhas, para quem se acostumou a passear horizontes mais vastos, no universo do seu próprio coração. Vejo, nos retratos de antigos amores, o olhar satisfeito de belas mulheres, derramando o bálsamo do amor sobre o corpo mutilado do velho lobo. Entendi que o que nos intriga nele é o esfuziante amor pela plenitude da vida e a magnitude da sua doação ao amor de nós outros.

A visita foi curta, mas vi o que me interessava: um fauno saltitante em sua relva memorial, soprando na flauta a canção do seu destino.

Absolutamente pagão e belo.



A VIDA  
ME QUER  
BEM

# O JEEPÃO DE JAJÁ E AS HONORÁVEIS SENHORAS

Nos anos 1970, em Aracaju, Jailton Freire era ainda o nosso querido Jajá, um ativista udigrudi, de poucas palavras e muita ação. Basta lembrar que o inventivo Jajá construiu, em cima de uma carcaça de bugre, o primeiro e único carro ecológico a trafegar em nossas lembranças: um Jeepão de designer avançado, com canteiros laterais de avenças plantadas e tulhas de zabumba santa. No teto, em caqueiros pendurados, vicejavam pés de brilhantina e margaridas mil e, naquele bosque automotivo, ao lado do assento do carona, crescia um viçoso pé de *cannabis*, motivo dos nossos maiores cuidados e da nossa mais dedicada veneração.

Imaginem, vocês, a algazarra que provocava o Jeepão de Jajá, quando trafegava pelas ruas da cidade transportando a nata da maluquice local, em incontida alegria.

Morava num sítio, pelas bandas do Saquinho, na Atalaia, com duas tias em idade avançada, a quem Jajá tentava convencer de que o bom mesmo era levar a vida “paz e amor”, que professava. Queria porque queria transformá-las em *hippies* temporãs para melhor adequá-las ao seu amor de sobrinho dedicado.

E tanto fez que conseguiu autorização para promover no sítio ou, mais precisamente, no imenso galinheiro da propriedade, uma festa de arromba para todos nós, os seus amigos malucos, da pá virada, com livre consumo de tudo o que a repressão policial teimava em proibir.

A festa se deu, como o leitor pode imaginar, numa doidera tamanha, que este cronista, de poucos recursos literários, nem ousa tentar descrever, mas ficou famosa mesmo foi por causa de um ponche servido na ocasião.

Jajá diluíra na bebida umas bolinhas alucinógenas, levadas pelo proficiente Popó – o grande fornecedor de pílulas proibidas – no intuito de provocar um clima mais psicodélico ao que já estava pra lá de Marrakech. Acontece que as inocentes tias, animadas com a alegria dos meninos, resolveram tomar um golinho daquela bebida tão requisitada e deram pra rir. Riam riam mais que todos nós, e acabou que Jajá, invocado com aquela demonstração de soltura inesperada, pôs fim a festa. Que todos fossem simhora! Que ele mesmo não estava achando nenhuma graça naquele quáquá.

Jailton Freire é, hoje, um marinheiro de alta patente na Marinha Mercante Brasileira, um viajante de quatro costados e técnico de capacidade reconhecida, numa demonstração de que a vida aparentemente louca que vivemos, nos lisérgicos anos 1970, preparou-nos muito bem para as tarefas cidadãs que o futuro nos reservava.



A VIDA  
ME QUER  
BEM

## A TURMA DO CABO TRIPA

Sabe quem foi Cabo Tripa? Se você gozou a cidade de Aracaju nos anos 1970, pelo menos ouviu falar dele. Ou então, esteve por fora, compadre! Era um moleque esclarecido, desses a quem bastam três livros essenciais e pronto: arremeteu suas questões ideológicas à rua e foi ser o Che Guevara do Parque Teófilo Dantas. Ternura não lhe faltava. Formou, como se diz hoje, uma gangue do mal. Só que o mal era do tamanho das nossas inquietações provincianas e era no murro que tudo acabava resolvido.

Naquele tempo, eu era funcionário do *Diário de Aracaju* e a carteirinha de imprensa me permitia curtir os privilégios das matinês da Atlética, esticados ao Chá Dançante do late Club, onde exibia, crente que abafava, roupas estranhíssimas como um inesquecível *Summer Jack* marrom, em seda brocada, forrado de cetim verde, com faixa drapeada na barriga e tudo. Coisa pra lá de Las Vegas!

Só que, depois da meia-noite não havia mais ônibus para o conjunto Médici, onde morávamos, eu e o Cabo Tripa. Esperando o coletivo das quatro horas, cochilávamos nos batentes da Catedral. Eu, elegante; ele, desgarrado. Eu, saciado de vida social; ele, carente de tudo. Eu, de Summer; ele, de bata. Dormíamos aconchegados em companhia da imortal Nega da Madrugua e da sua fiel companheira Vera Gancho, sem safadezas nenhuma. Quer dizer, safadeza havia sim. Senão, o que estaria fazendo ali a Nega da Madrugua com sua parceira, a tanger menino taludinho pras moitas?

Cabo conseguiu entrar no elenco da peça “O boi e o burro a caminho de Belém”, de Maria Clara Machado, dirigida pelo Prof. João Costa e encenada no Auditório do Conservatório de Música. Na estreia, que começou atrasada por causa da preleção do professor explicando ao público “o que ides ver”, bateu a fatídica meia-noite, hora do buzu final para o conjunto Médici, e não deu outra: Cabo largou a túnica no palco e saiu em debandada para o Parque, chegando ao ponto quando a marinete já fechava as portas. Atrás, esbaforido e me acabando de rir, vinha este que vos fala.

Tripa nunca fumou maconha, detestava; sua droga era a cachaça. Conhecia as diferentes doideiras entre uma catuaba e um milone amarelecido em branquinha de bumba. Líder de uma geração inteligente, o sarará de olhos verdes, magro e bem-apeσοado, viu cada qual

seguir, uns pra baixo, outros pra cima, os becos da vida. Cabo também teve algum prosseguimento: foi ser foca na Tribuna de Aracaju, vendedor de terrenos na praia, pré-vestibulando de araque... e foi se distanciando, o velho Cabo, até me surpreender, alguns anos depois, na doidivana função de orador de boteco, no Beco dos Cocos. O topete incólume, a magrém preocupante e o olhar encabulado.

O Cabo Tripa, que morreu em voo suicida na calçada do Edifício Oviedo Teixeira, eu conheci gigante, garantindo a transmutação dessa cidade provinciana nos anos setenta, liderando com valentia e arrogância os “meninos do parque”, dezenas de bagunceiros fiéis e comandados seus. Éramos muitos, meninos de diversas castas. Unia-nos o sentimento da rebeldia, sob o comando de Tripa, nosso pai-de-rua, amoroso malandro.

## A SOMBRA ETÍLICA

Reinaldo Moura é meu amigo desde que o cão era banguelo. Dizê-lo “meu amigo” é até redundância, porque Reinaldo é amigo de quase todo mundo, daqueles imutáveis, que permanecem fiéis debaixo de sol ou chuva.

Se eu resolvesse contar as farras e aventuras que já compartilhamos, detonaria o HD desse computador, mas vou contar uma para ilustrar a maneira cortês com que o amigo nos trata a todos, os cuidados de irmão mais velho, que ele nos dispensa, e a alma afetuosa que esse boêmio tem.

Tratava-se de um *show* com Agnaldo Timóteo em Pirambu, exclusivo para Reinaldo e seus amigos, como sempre com comida “à migué” e bebida de graça. Eu, que adorava o vozeirão de Agnaldo na primeira juventude, deixei de ouvi-lo graças à afetada discriminação de intelectual seletivo, obrigado, para manter a pose modernosa, a torcer o nariz para velharias tais. Mas eis que, ao receber o convite do amigo, avaliei que já era tempo de acabar com essas besteiras e fui, alegre e satisfeito,

derramar aos pés do cantor de “Conceição” minha saudosa admiração.

Instalei-me ao pé do palco e mandei ver no Johnnie Walker, que um simpático garçom me concedia, a intervalos cada vez menores. Na hora em que eu já estava resolvido a subir no palco para cantar a segunda voz de “Mamãe, Mamãe, Mamãe...”, a lucidez de bêbado me obrigou a procurar um mijador improvisado, que fedia ao lado, e lá me vou, quase catando nica, sem olhar para trás. Aliviado, voltei. E o que vi? O garçom empertigado, atrás de mim, com a bandeja na mão enluvada e o ar compungido de quem não sabe mais o que fazer para agradar.

Reinaldo Moura lhe ordenara seguir-me aonde quer que eu fosse, colado em mim até o fim da festa, para que o marvado do whisky nunca me faltasse. Quem conserva um amigo desses justifica a vida.



A VIDA  
ME QUER  
BEM

# FERNANDO SÁVIO BRANDÃO DE OLIVEIRA

Gostava de ser chamado com todos os efes e erres, um nome de quatro costados, como exigia sua imponente figura de brancuras europeias e olhar ultramarino. Quando o conheci, na década de 1970, caía-lhe sobre os ombros uma viçosa cabeleira, de fios negros e sedosos, largados ao desalinho para acentuar a rebeldia, que imperava nele todo. Grandão, malandro, de conversa fácil e boa praça, o jornalista Fernando Sávio trazia no peito uma marca inquietante: a enorme cicatriz, que lhe deixara uma cirurgia coronária, riscando-lhe o tórax de cima a baixo, e que ele gozava prazer em mostrar abrindo sempre a camisa até o terceiro botão.

Ficamos amigos. Quando lançamos em 1981 o alternativo *Folha da Praia*, Fernando era o nosso principal articulista, a novidade literária que orientou nossa empreitada por uma nova linguagem jornalística em nosso meio. O seu texto era terno, preciso, literariamente culto e perfeitamente acumpliciado com as grandes questões polí-

ticas daqueles tempos, inaugurando, naqueles idos, uma conversa exitosa com os leitores, tão sequiosos disso.

Mas a sua mais inesquecível qualidade era a elegante malandragem, a entrega absoluta aos prazeres da vida; estas coisas que nos fazem eternamente amados e saudosos, porque nos mantêm na lembrança das ruas; elas que, verdadeiramente, detêm o poder de nos acenar com certa imortalidade. Fernando, talvez porque nunca se importasse com as consequências revolucionárias do que fazia, firma-se agora como o grande revolucionário do seu tempo.

Fernando Sávio Brandão de Oliveira era, sobretudo, um boêmio consciente da sua genialidade, um homem emocionado com a própria capacidade de alumbra-mento, um escritor completo de humoradas convicções, um letrado de bem com a sua escrita e um amigo bom pra caralho.



A VIDA  
ME QUER  
BEM |

## UM BRINDE A SANTO SOUZA

O poeta me recebeu de bengala e majestade, sentado numa vetusta cadeira de general. Era como uma ilustração do Bhagavad Gita na varanda mais sergipana dos Aracajus. Fica na Avenida Rio Grande do Sul, no coração do Aribé.

Com gestos alados, o andar tolhido pelo costume de voar, o poeta deu três pulinhos de pássaro e me abriu o portão. Era bonito ele, com a barba por fazer, o torso nu e o olhar tão nascituro, lindo senhor de elegâncias guerreiras: um rei núbio, de cabelos anelados, brancos, meio assanhados para trás. (Juro que vi um Avatar!)

Ajodelhei a cabeça em conversa miúda, enquanto, olho no olho, nos reencontrávamos. O mais moderno e venerável poeta da nossa história me reconheceu, declamou para mim, levou-me às suas estantes, serviu-me o mel de sua convivência doméstica. O galático guerreiro San-

to Souza, eu o vi se cumprindo em humanidades, traçando nos mapas da casa suas estratégias amorosas:

– Um poema para minha filha, presente de Natal.

E o leu. Era um poema de paternos segredos, desses que perdem o cheiro e secam nos baús da casa, cheio de perdões e abraços, deixados para mais tarde, coisas que a poesia revela, mas um pai, nunca. Era dessas filigranas que o poema tratava. Li-o depois em voz coreográfica, perseguindo o ritmo nas estrofes (eram somente duas), tão inesperadamente rituais e belas: o verso doméstico do poeta Santo Souza, em forma e circunstância, me pôs a dançar.

Quero voltar lá para aprender que “O silêncio, medroso, ronda tudo”, ou “para que foi que o nada fez o mar e os homens?”. Já que vou me alistar na sua caravela, quero a poesia dele; quero o verso argonauta, afundar no velocino a calejada heresia do meu estro e erguer uma taça de rum ao poeta do mar inconsútil.

Bebo ao poeta Santo Souza, fundeado no oceânico Deus, que lhe destinou tanta poesia.



A VIDA  
ME QUER  
BEM

# DEUS QUERIA MANOEL

“Poesia é voar fora da asa” (Manoel de Barros)

Os nomes foram secando no quaradouro abissal. Virando palavras alvas, limpas do suor de Deus, caladas, na espatifação das pedras repisadas. Rumores no estômago dos trovões. Ou lacustres, quando repetiam em círculos crescentes, a sintaxe das coisas nominadas.

Deus queria soprar os delírios do verbo no ventre da mulher que parisse Manoel. E, assim, ordenou que fosse feito:

– Revele-se a Manoel a inquietação das palavras e que lhe seja permitido desinventá-las, até que não reste um nome sem descomeço, nem dentro nem fora, nem em cima nem embaixo, nem antes, nem depois da minha onisciência!

Manoel lagartixa espiava tudo de olho encapado. De nome não carecia. Nem de Deus carecia. Piscava o mundo revirado em bolhas. Relumbres na escuridão das palavras uterinas.

Quando veio ao mundo, chamou de fogaréu a cara incendiada da parteira. De fome, chamou o peito túrgido. De vida, voltou, se desfazendo em nadas. Tanta coisa desnomeada Manoel achou no mundo, que deu para refazer o batismo de Deus.

Então, foi sendo o poeta Manoel de Barros, podendo dar às pedras costume de flor e se quisesse achar a palavra “abelha” era só abrir a palavra “abelha” e entrar nela, descobrir parecenças, untá-la no mel que nem Ele conhecia.

Era o poeta Manoel de Barros que Deus queria!



A VIDA  
ME QUER  
BEM

# O POETA DO AMOR BEDUÍNO

O poeta João Freire Ribeiro era um senhor de rosto bonito e pele amorenada, que andava pelas ruas de Aracaju, com seu invariável terno branco e suas botas lustrosas, a replicar nas calçadas o peso daquele homenzarrão, carregado de poesia. Como um anúncio radiante de sol, sua presença nos iluminava e sua voz, modulada nos traquejos da declamação, reverberava a qualquer “bom-dia” que o poeta nos concedesse. Era um homem de bem com a vida e cativante no amor:

*“Vens a mim, vou a ti, nos abraçamos  
Num supremo silêncio indefinido!...  
Com o corpo meu ao corpo teu unido,  
Fauno e ninfa do amor no amor gozamos.*

*Além da terra, além de nós pairamos  
Depois do holocausto consumido!...  
Teu lindo olhar no meu olhar perdido,  
Nossos dois corpos que num só juntamos!...*

*Num sonho excelso tens carinho e anseios...  
Beijo teus lábios, teus divinos seios  
No desejo pagão que nos renova*

*Empalideces no gozar supremo,  
Tendo na face, no deliro extremo,  
A palidez astral da lua nova!..."*

A casa do poeta, na Rua Santa Luzia, bem-frequentada por espíritos de celebridades iluminadas, era abarrotada de objetos orientais, uma miscelânea de Nefertitis e Cleópatras, bailarinas africanas, papiros com bilhetes de Ramsés, éditos de Napoleão e fotografias esmaecidas, de algum poderoso sultão que lhe concedera, por uma noite, gozar das delícias do seu harém.

Freire acalentava o sonho de ter vivido outras vidas em terras distantes, senhor de desertos e mistérios, apaixonado pelas ciganas de rosto velado, que jurava ter amado em suas caravanas beduínas:

*"Visões de meu viver nessas minhas passadas  
No Saara sem fim!... Em linhas soberanas  
Teu místico perfil, lírio das caravanas  
De Tunis e de Fez, nas longas caminhadas!..."*

*Doces recordações de mil coisas amadas:  
Fumos de narguilés, nostalgias ciganas!...  
Canções de sonho e dor só para mim cantadas*

*Nos mistérios sem par das noites muçulmanas!...  
O gritar para o céu do muezim em prece...  
Rosa rubra a sangrar, teu coração padece,  
Recordado o amor que o mundo vil desfez!  
Velam o sol a morrer nuvens de áureos flocos:  
Com saudade de ti, langue flor de Marrocos,  
Minh'alma vai chorar na paz de Mequinez"*

Sua esposa, D. Inah, simãodiense, era uma bela senhora, de negros cabelos cacheados, traços orientais, uma finura a ministrar-lhe complacentes cuidados na velhice e certa cumplicidade nas mentiras.

Eu costumava visitá-lo para submeter ao seu entusiasmo os meus incipientes versos juvenis. Certo dia, ao receber a visita do seu grande amigo Clodoaldo Alencar, virando-se para Inah, que lhes servia um cafezinho, Freire disse: "Essa bela mulher, eu a encontrei guiando camelos no Saara e o som dos guizos que lhe ornavam a fronte me conduziram pelo resto da vida"; o que mereceu uma reprimenda do vate amigo, Clodoaldo, que não admitia essa imprecisão histórica: Inah nascera em Simão Dias e nunca fora ao Saara, Clodoaldo não os entendia.

Era um poeta reinventando o passado para falar de amor à sua amada:

## "A BEDUÍNA

### I

*Estes versos são teus! ... Doces cantares  
Em que te vejo como a lua cheia  
Sobre a minh'alma, - solitária ameia  
Na paisagem de céus crepusculares!...*

*Estes versos são teus! ... Neles ondeia  
A volúpia que trazes nos olhares,  
E nesse corpo, vibrações dos mares,  
Tão movediço como a própria areia!...*

*Estes versos são teus... Pobre oferenda  
Em teu louvor na palpitante lenda  
Dos dias teus sobre o deserto! ...Enfim.*

*Farrapos-d'alma, muçulmana lírio,  
Quando, na noite, a escuto em meu martírio,  
Teu pandeiro a tocar dentro de mim!...*

### II

*Estes versos são teus!... Não sei se ao lê-los  
Na tua caravana colorida,  
Hás de parar, amor, os teus camelos  
Na grande caminhada percorrida!..."*



A VIDA  
ME QUER  
BEM

# O PIROTÉCNICO EZEQUIEL

Cá do meu canto, consigo vislumbrar as faíscas do fogaréu que ilumina suas tertúlias. Ler o que você escreve nas ressecadas páginas do jornalismo sergipano, leva-me, por impulso, aos grandes paladinos literários. Cego de sabedoria e formalmente vesgo, tenho das suas girândolas algum vislumbre.

Eis então que me organizo aprendiz, quem sabe um tambor cadenciando a marcha dos seus fogueteiros...

Fosse o cego argentino, diria:

*"Dispersos em dispersas capitais, solitários e muitos, brincávamos de ser o primeiro Adão, que nomeou as coisas... Fomos o imagismo e o cubismo, as igrejinhas e seitas, que as universidades veneram, inventamos a falta de pontuação, a omissão de maiúsculas, as estrofes em forma de pomba, dos bibliotecários de Alexandria... e,*

*assim, perduram nas ruas da noite teus infernos esplêndidos, tantas cadências tuas, e metáforas, e ouros de tua sombra. Que importa nossa covardia se há na terra um único homem valente... que importa minha geração perdida, este espelho indistinto, se teus livros a justificam...".* (Referindo-se a Joyce, o cego Borges).

Borges, refletindo nos espelhos de Orfeu o abismo sem fim da cultura; Joyce, como um cão danado destroçando a narrativa e refundando o romance, deram-nos, ambos, matéria e oficina para muitas literaturas. Nada disso se extinguiu ainda, graças a intelectuais da sua extirpe. Se não, já estaria extinto o farnel das cinquenta mil palavras virgens, a permanência da poesia se reinventando em magníficas mesmices, a complacência das regras à irrefutável reinvenção da vida – única regra imutável – e toda a literatura, que resulta em maravilhamento, haveria de se perder em algaravias.

Ezequiel Monteiro nos incentiva à intriga literária com sua gargalhada de gênio. É um mestre fogueteiro explodindo cultura no céu dessa cidade.



A VIDA  
ME QUER  
BEM

## O JORNALISTA ZECA DÉDA

Ele publicou no seu jornal “A Semana” o meu primeiro poema, “Elegia a Cristina”, dedicado a uma menina fatalmente morta pelo irmão, que brincava com uma espingarda. Doloroso poema juvenil, meio que plagiado dos grandes sonetistas, que nutriam minha incipiente criatividade, numa antologia de cabeceira. Era a coletânea “Os mais belos poemas de amor”, organizada por J. G. de Araújo Jorge, que me fora presenteada, aos 16 anos, por mamãe Corina. Foi o meu primeiro sucesso literário.

O jornal “A semana” saía aos sábados. Cândida Candhã, arauto das fofocas municipais, chegou lá em casa de manhã com o jornal em mãos, transtornada e tilintando os berloques de ouro 14 nos peitões descomunais: – Minha fia, que coisa linda! E toca a declamar pra Corina o trágico soneto que o filho dela (eu) tinha publicado no jornal, sobre a morte de Cristina, filha do prefeito Nelson Pinto. Candhã viciou-me no aplauso e me consagrou poeta na freguesia de Simão Dias.

Mas pensa que foi fácil publicar no “A Semana”? Não com o casmurro Zeca Déda. Tinha oficina e escritório na Rua do Comércio, onde se abriam três portas. Minto! Uma delas, a do seu birô de chefe político estava sempre fechada. Quem quisesse entrar que arroteasse. Lá dentro, um mundo incompreensível, mas fascinante: caixas tipográficas, a monstruosa prensa em seus *claps claps*, uma temerária guilhotina, encostada na parede frontal, e papéis, papéis derramados pelo chão. Eu costumava chegar de mansinho, moleque invisível, e, ali, ficava sem ser percebido, vendo aquele homem de faina diferente – o terno cáqui, manchado de tinta – a comandar as doídas engrenagens. Não me via, nem nunca conversava comigo. Um dia cheguei com o poema manuscrito e ele me disse: – Vou publicar!

Conquistar a aprovação daquele monstro sagrado foi, para o menino encabulado que eu era, o maior incentivo que eu já encontrei na vida. Afinal, o jornalista Zeca Déda era a maior expressão de cultura e dignidade intelectual da minha cidade.

O Grêmio Estudantil “Padre Mário Reis”, do Ginásio Carvalho Neto, promoveu um Júri Simulado sobre Calabar e o Dr. Zeca Déda indicou o filho, Arthur Oscar, recém-formado bacharel, como seu opositor na tribuna. Era o velho rábula debicando da Academia.

Zeca Déda acusava o réu com brilhante e convincente oratória, justificada na história oficial, aqueles argumen-

tos de traição à Coroa portuguesa dos compêndios escolares, enquanto Arthur Oscar defendia a opção política do réu pela colonização holandesa.

Durou dois dias este embate entre aqueles titãs da oratória, mas Arthur tornou-se logo o ídolo da meninada descrente da história colegial, e Calabar foi absolvido! Eventos como este fizeram de Simão Dias um celeiro de inteligência.



A VIDA  
ME QUER  
BEM

## CARMELITA FONTES

Eu ainda morava em Simão Dias quando ouvi, pela Rádio Cultura, a instalação da Academia dos Jovens Escritores de Sergipe, em solenidade presidida pelo bispo D. Luciano Duarte, pregador que eu ouvia, na mesma rádio, com grande admiração. A meninada escolhida para integrar o colegiado viera dos quadros do Ginásio de Aplicação, da Faculdade de Filosofia de Sergipe. Todos, alunos da professora Carmelita Fontes, criadora e dedicada mentora da instituição.

Desde então, conhecer de perto àqueles ídolos mirins, que cultuavam a poesia e que se faziam ouvir, tão veementemente, nos meios culturais da capital, passou a ser o grande sonho da minha meninice. Poeta de provincianos versos, perdido entre o parnasiano e as angústias sociais de um Maiakoviski de bolso, que me chegara às mãos para atizar a contravenção, eu mais queria era chegar às glórias da capital. Conquistar, em Aracaju, a consagração na Academia de Carmelita e me tornar ouvido pela humanidade.

Chegara em Aracaju no fatídico ano de 1964, fugindo da caça às bruxas do golpe militar, que via em qualquer líder, como eu, presidente de grêmio ginásial, alinhado à UNE, um perigoso contraventor. Destituído da política estudantil, eu me tornei, na capital, uma pobre figura sem desideratos. Jovem, na cabeça uma erupção de sonhos, deslumbrado com a cidade grande, mas intelectualmente solitário. Carpia a solidão relendo os meus poemas nos bancos da Praça Teófilo Dantas, território que me permitia certa cidadania, junto com tantos arcajanos, que faziam ali a sua interação com a cidade.

Nessa fase bastante delicada da minha vida, eu conheci Carmelita Fontes. Recém-chegado de Simão Dias, sem emprego, sem convívio social, passando horas na praça, comendo pipoca Lyrio do Valle e escrevendo poemas num caderno de capa dura, que era o meu relicário. Apareceu, então, Ludovice José que me levou até ela. Fui a uma reunião da Academia Sergipana dos Jovens Escritores. Fiz o teste, que consistia em escrever um poema ali, na hora, em cima de um tema dado por Carmelita. O meu tema foi "Uma Gota-D'água". Ora, para um rapaz vindo do sertão, falar de uma gota-d'água, da falta ou da fartura dela, foi fácil. Passei.

A convivência com a Academia me trouxe dois grandes benefícios: a integração com a melhor juventude, intelectualmente atuante, da cidade e o bendito acesso à orientação de Carmelita, aos seus conselhos literários,

aos seus cuidados, quase maternos, com um jovem escritor em plena formação.

Todos nós, que passamos pelo seu gabinete, ali, na Rua Arauá, garimpando os tesouros da sua biblioteca, lendo as suas crônicas e poemas e, principalmente, convivendo com todo o universo, que ela, com absoluta maestria e capacidade de liderança, reunia em torno de si, todos nós, hoje espalhados por aí como cidadãos empenhados em construir um mundo melhor, certamente ficamos marcados pela lição de vida que ela nos deu.

Todos nós devemos à Carmelita Fontes a nossa mais sincera gratidão.



# CLODOALDO DE ALENCAR FILHO

Devemos ao Prof. Clodoaldo de Alencar Filho, o nosso “Alencarzinho”, não somente a introdução da ação cultural em programas institucionais do poder público, em Sergipe, como também a criação de projetos pioneiros na área, num tempo em que destinar recursos públicos para a Cultura era uma novidade com pouco crédito entre os administradores locais.

Na gestão do prefeito Godofredo Diniz, Alencar convenceu o prefeito a mandar construir a nossa primeira Galeria de Artes oficial: a Álvaro Santos, liderando um grupo de artistas locais, como os pintores Otaviano Canuto, Florival Santos e Leonardo Alencar, além do arquiteto Rubens Chaves, entre outros.

Depois, com Aloísio de Campos (1976/80), Alencarzinho incentivou a criação e foi o primeiro diretor do Departamento de Cultura e Turismo municipal, que me parece ter sido a primeira instituição pública, aqui no estado, a cuidar especificamente desses assuntos. Nessa gestão, a municipalidade reconstruiu o Bar Meu Refúgio, onde o proprietário Gerson servia um inusitado cardápio de caças e carnes de animais, como jiboias e tatus, ofertas hoje condenadas pela

correção, mas naquele tempo uma estripulia capaz de atrair turistas.

A Galeria Álvaro Santos tornou-se o espaço cultural mais prestigiado da cidade, onde interagiam os artistas plásticos e a nata social, potencialmente compradora, inaugurando o mercado de artes em Aracaju. Nos anos 1970/80, era na Álvaro Santos, também, que se reuniam os resistentes à ditadura militar, uma espécie de aparelho boêmio, onde se tramava desde a queda do regime aos amores fortuitos, que resultaram em casamentos, como o de Mário Jorge com Marinice e João Gama com Aparecida Gama, além de romances tórridos como o de Luiz Antônio Barreto com a bela Zênia, que largou um senador pelo bardo Luiz e sua poesia revolucionária.

Na UFS, onde chegou a ocupar o cargo de Reitor, Alencarzinho e a Madre Albertina criaram o Festival de Artes de São Cristóvão (FASC), que ainda pode ser considerado o maior evento cultural, realizado em Sergipe, algo grandioso para o amadurecimento da produção artística sergipana e cujos efeitos ainda influenciam a cultura local.

Pois bem! Este relato, movido pela gratidão pessoal à atenção que sempre me prestou o professor Alencar, mantendo-me como seu colaborador em vários cargos que ocupou, pode carecer de exatidão histórica e, certamente, não alcança a dimensão enorme do homenageado, mas poderá servir para que não nos esqueçamos dos seus feitos.



A VIDA  
ME QUER  
BEM

## O ATELIER DE FLORIVAL SANTOS

Florival Santos era seletivo quanto às visitas ao seu atelier, instalado no sótão da velha casa na Rua Duque de Caxias, com jardim lateral e fachada em Art déco. Para galgar a velha escada de madeira que o levaria à oficina do pintor, o visitante haveria primeiro que tomar algumas xícaras de café com bolachinhas de goma ou mesmo um vigoroso suco de mangaba, preparados por Dona Concita e servidos com discreta elegância por Marlene, sua filha. Somente depois de muita conversa, o interessado, mesmo que trouxesse o benefício de uma encomenda, poderia ser convidado para apreciar, no sótão, o árduo e meticuloso trabalho do mestre. O tom ocre concedia aos retratos uma dignidade heráldica, frescor eterno nas faces retratadas, nas quais o fino pincel imprimia caráter e harmonia. Os retratos são sua obra definitiva. Pena que, espalhados em tantas salas de visita, nunca tenham sido expostos para conhecimento público.

Nas marinhas, o agoniado movimento de velas ao vento ia tomando densidade e textura ao comando da espátula, instrumento usado por ele para a sua conflituosa experimentação de estilos e técnica, que o fizessem ir além da placidez dos retratos. Era um perfeccionista! Raramente presenciei Florival anunciar que alguma daquelas marinhas estivesse pronta, definitivamente acabada, porque nenhuma delas o satisfazia. Quando as vi expostas, por ocasião das comemorações pelos seus 100 anos, matutei com meus botões:

“Ah! Se Florival fosse vivo, teria sido difícil tirá-las do atelier.

Não sei por que cargas-d'água eu tinha acesso livre ao sacrossanto altar das suas pinturas, a água furtada onde se instalava o seu atelier. Meninote ainda fui frequentemente visitar o mestre e sempre fui bem-recebido. Ouvi muito mais do que falei e concordava sempre, sempre cuidadoso em não provocar o gênio colérico de Florival, temido até entre os seus colegas pintores. Jota Ignácio, por exemplo, não gozava da sua simpatia, embora recebesse dele velados elogios. É um ótimo pintor, mas não tem juízo, dizia ele do desbocado Ignácio, de quem se conta que, certa vez, ao passar por Florival na Rua João Pessoa gritara, escondido entre pilastras:

– Moldureiro! Uma desconsideração com o cuidadoso pintor, que entregava os seus retratos em primorosas molduras.

Quando em 1966, o prefeito Godofredo Diniz – ao inaugurar a Galeria de Artes “Álvaro Santos”, por sugestão de Alencar Filho – convidou Florival Santos para dirigi-la, ele só aceitou com a condição de que eu fosse nomeado seu secretário-geral, sob a alegação de que a nova galeria deveria servir muito mais aos artistas novos do que aos já consagrados.

Fizemos um bom trabalho, fazendo com que a primeira galeria de artes sergipana, mantida pelo poder público, abrigasse a mais nova e talentosa geração de artistas plásticos da época. Florival Santos. Não nos esqueçamos dele.



A VIDA  
ME QUER  
BEM

# NOS TEMPOS DO VÍDEO CASSETE

Ana Valença, senhora da Locadora Super Vídeo, tinha a manha de nos transportar, magicamente, ao universo espetacular do cinema e daí ao seu deslumbre, ao extraordinário universo onírico a que o cinema nos transporta. Era a poderosa dona da mais bem-informada locadora de filmes no tempo do vídeo cassete.

A Locadora Super Vídeo era um templo moderno, cheio de estantes abarrotadas de filmes escolhidos pela sagacidade de Ivan Valença, o mais respeitável entendedor da sétima arte entre nós. Ivan tinha um gosto peculiar, era dotado de muito bom gosto, além de muito bem-informado sobre o melhor do cinema em todos os tempos. Já Ana era a senhora das ricas prateleiras na lojinha de cinema de Ivan Valença, ali perto da Praça da Imprensa.

Era dona Ana que nos conduzia às melhores delícias em vídeo cassete e era ela, braba com alguns, mas amorosa com muitos, quem mandava anotar numa surrada ficha de cartolina por quanto tempo poderíamos curtir o filme alugado.

Muitas vezes, arrematei uma porção de fitas por mero respeito às sugestões de Ana, mas em casa não as via. Até porque, sempre precisei de ajuda para lidar com as conjuninâncias do aparelho de videocassete, tabaréu que sempre fui, com dedos rombudos para teclados tão minúsculos ou pela absoluta indiferença que sempre nutri pelos efeitos do *Enter* ou do *Plus*, tão sacralizados na era digital.

É que fui criado arredondando botões em rádios de pilha, para acessar a estação radiofônica que queria. Lembro-me de que, na minha juventude, era um portátil rádio Trans-Globe Philco, viciado na rádio Nacional e na Mayrink Veiga, que me traziam os humores do mundo, as canções que me formaram o gosto musical e as fofocas sociais que me espertaram para a vida. Sou do tempo do botão que rolava obediente para indicar no mostrador do rádio a estação que queríamos, e só carecia de bom ouvido e certa precisão para que aquele aparelho, entre chiados cataclísmicos e vozes d'além-túmulo, nos trouxesse as notícias do mundo.

Acho que Ana entendia isto, porque não me cobrava tanto pela demora. Quando eu voltava lá buscando a

maravilha de um novo filme, ou mesmo em busca da sua interessante conversa, Ana assumia o prejuízo da minha inadequação perdoando as multas e sempre me enchia de preciosidades.

Devolvi "A Última loucura de Mel Brooks", que tanto me serviu para entender as possibilidades da comédia do cotidiano, mas aquela gracinha que é "As Noites de Cabíria" eu não devolvo, não. Sou devedor.

## FALTOU GÁS

Preciso escrever uma crônica para o Cinform *on-line*! Pois foi bem na hora de refogar os temperos – já com todos os ingredientes picadinhos e as palavras maturando no tacho – que faltou gás. Quer dizer: no caso do meu fogão interior, esse coração de seis bocas, que cozinha sonhos, o gás é o vinho. Sem ele, não há fervura, e sem fervura não há texto que preste. Quem há de me valer nesta aflição terrível? Ora, valei-me o Senhor Bonfim! Na minha taça, não chove desde a semana passada. Seca e esturricada, minha verve não serve nem ao pasto das muriçocas municipais, única manada que aqui se cria e acresce aos meus bens a ilusão fazendeira. Vive cá um seu posseiro sem inteiras nem meias, mal tendo o que beber. Nem meiotas de aguardente, nem latinhas de cerveja, nem um cardo azedo na pobre vida desse escritor gaiato.

Chega Antonio Bonfim, mangangão do Cinform! Custa nada? Envie trovoadas de vinho sobre a minha adega crestada, faça engrossar os veios da minha imaginação,

que ela, aos borbotões, haverá de continuar provendo o seu pomar de frutíferas crônicas.

Choveu na horta. Recebi aqui em casa um Bonfim atarantado, carregando uma caixa enorme de vinhos dos melhores. A cara feliz de quem reencontra a adolescência a buzinar aflito, que eu abrisse logo a porta, desacostumado com tarefas assim: amorosas e sentimentais. Era para entregar sua oferenda (como qualquer filho de santo) aos orixás que me cuidam. Você precisava ver! Na mesma hora, eu fazia o que melhor sei fazer: recebia um amigo querido, Sales Neto, com o vinho que ele me trouxera gritando na porta: quer vinho, poeta! Boa hora para se chegar.

Bonfim adentrou e tomou conosco uma taça do chileno aberto. Brindamos, conversamos miolo de pote e fomos indo do Chile à Itália, um golinho em Portugal, uma bicada na França. Agora, fico a pensar: quanta gente não gostaria de receber em casa, sem aviso, o mangangão do Cinform? Quantos não se veriam surpresos com o carinho desajeitado desse conterrâneo vitorioso? Eu mesmo não esperava tanto. Mas qual! Somos os mesmos moleques do Santo Antônio, da Atalaia, do Siqueira Campos... Os rebentos de fé de uma Aracaju antiga – nunca sei se melhor ou pior – envelhecendo felizes nesta cidade amada.

Conheci Bonfim no final da década de sessenta, dono de uma agenciazinha de propaganda, estabelecida no

Bairro Santo, na batalha pioneira da publicidade moderna, fazendo *slide* para a televisão. Assim de clientes, muitos deles clientes também da engraçada Folha da Praia, a novidade irreverente de então. Pegou o Cinform alternativo e fez dele o que é hoje, sem perder o jeitão sergipano, tímido, mas sempre correto, empreendedor e ascendente. Grande Bonfim, mas não é? O presente dos vinhos é em agradecimento pelas crônicas que tenho publicado no seu jornal *on-line*, que me levam ao prazer de fuxicar memórias e achar moedas no nariz da história. Amei, Bonfim!



A VIDA  
ME QUER  
BEM

## O ELEITO DE DEUS

Botei meu tênis de caminhada e fui passear na Orla, para desentruar as juntas e queimar a carga de carboidratos que acumulei nesses três dias de feriado. Andei até os Arcos, cumprimentando a todos com um leve sinal de cabeça, gozando da respeitável comiseração que têm os transeuntes por um velho senhor de cabelos brancos a caminhar tão faceiro entre eles.

Acompanhava-me o último livro de contos do amigo Antonio Carlos Viana, que eu venho lendo devagarinho, a cada página me surpreendendo com a simplicidade do seu estilo. Sentamo-nos num banco sombreado, ao lado do pensador Manuel Bonfim, que ressonava impassível na sua pose brônzea, indiferente ao meu encantamento com a literatura de Viana.

Caminhar, devidamente paramentado, com calções de tactel e meias soquete, faz-me um bem danado, não somente às panturrilhas como também ao velho coração, crestado de desilusões, inadequado já ao baque sutil da obsolescência social, que me remete, inexoravelmente, à solidão consentida.

Na volta, como já era meio-dia, resolvi almoçar no velho Bar Santo Antônio, um dos três últimos restaurantes “nativos”, que sobraram na Orla da Atalaia e onde ainda se come um peixe fresco, torrado no caco, de especial crocância e sabor ancestral. Os outros dois reminiscentes dos velhos tempos da praia são o Bar do Joel e a Toca do Cabo Duda, no final do calçadão, onde se pode encomendar um repasto dos deuses e encontrar, vez por outra, os fantasmas de antigos moradores da Atalaia contando potoca.

No “Santo Antônio”, encontrei o mestre João Oliva com sua indefectível bengala, acompanhado de familiares. Pois bem, do encontro deste setentão com o octogenário João Oliva, resultou uma gostosa conversa, testemunhos de alguns momentos gloriosos e de desastres históricos da vida sergipana. Nada melhor para sentir-se vivo do que encontrar interlocutor que nos remeta ao passado e que valorize os prodígios da memória, levando-nos a reviver alegremente certo passado.

O que mais me impressionou foi a inteireza física do velho jornalista, sua prodigiosa memória e a graça com que arquiteta futuras aventuras, lépidas viagens que pretende fazer para rever o mundo, como uma ida já certa a Buenos Ayres para tomar um bom vinho nos cabarés portenhos, ao som de tangos, enquanto uma *ragazza* esbanje sensualidade nos braços do seu *partner*.

Foi um belo encontro numa mesa temperada de mútua admiração. Ao sair de lá, comentei com meus botões:

“Ah! se Deus me quisesse tanto bem...”



A VIDA  
ME QUER  
BEM

## PLANTEI UMA UMBUEIRA!

Você, galhinho saliente querendo vida... eu, feiticeiro conjurando a natureza sob o sol de Aracaju, convidado pela municipalidade a plantar uma árvore no Parque da Sementeira. Escolhi você, pelo travo saudoso na memória, a lembrança infantil do umbu-fazendo-lama, pejando o chão da minha meninice nas matas sertanejas de Simão Dias.

Deram-me enxada, estrume e terra boa, e me mandaram plantar uma árvore qualquer, como um sinal para a posteridade. Entre acácias e cajueiros e mangabeiras e carambolas, escolhi você.

Então, eu lhe plantei, Umbuzeira. Cresça frondosa sombra benfazeja, lugar onde comem, ao meio-dia, os operários que lhe adubam as cercanias. Untada de frescor e calma, seja, você, a escolhida para o sagrado descanso dos humildes.

Proponha-nos invenções arquitetônicas, nos incompreensíveis, intrincados desenhos vegetais, que nos lembrem a estética da vida mesmo, essa nossa vida doida e imprevisível, sem direção certa.

Ensine-nos a reconhecer o poder da imprevisibilidade estética como objetivo sagrado da própria natureza humana, irmãzinha.

Mostre-nos como crescer com galhardia em busca da vida plena. Pra cima, em direção à eternidade, mas sem previsões, nem mapas ou qualquer outro direcionamento previsível.

Plantei você no Parque da Sementeira, no Dia da Árvore em 2007, para que invente pra nós a possibilidade de sombrear Aracaju num meio-dia qualquer, em qualquer futuro, convidando à sesta os esturricados poetas vagabundos, largados ao desamor das ruas.

Plantei uma Umbuzeira para reinventar a sergipanidade, toda vez que alguém estale no céu da boca o azedinho dos seus frutos. E para que Aracaju reconheça certas lições sertanejas, de azedume e doçura. Viva o meu pé de umbu na Sementeira!



A VIDA  
ME QUER  
BEM

## EM BUSCA DO CORAÇÃO DE LUIZ ANTONIO

Se não bastar tudo o que já se disse para imortalizar a teimosia intelectual de Luiz Antonio Barreto, na defesa da cultura sergipana e na persistência da sergipanidade, diga-se a favor dele, que era um companheiro de fidelidade incontestada, um parceiro de profícuos bate-papos em roda de amigos, um sujeito perspicaz e bem-humorado, elegantemente mordaz e carinhoso com todos nós, os distinguidos com a deferência de acolitá-lo na vida social.

Sim. Era natural nele estabelecer um cenáculo em torno de si e das suas ideias, onde os circundantes comungassem o pão da sua inteligência privilegiada. Nos últimos tempos, fui um pretenso discípulo seu, com tal dedicação que, certamente, logo logo eu estaria perto de me inscrever entre os seus privilegiados amigos do coração. Agora, eu já o sou, alçado pela dimensão do vazio, que sua ausência causa ao meu dia a dia.

Na minha juventude, tive sérios embates com Luiz, tomado pela santa arrogância juvenil, que me inspirava à rebeldia. Afinal, ele sempre foi considerado um medalhão, pela presença ativa na intelectualidade sergipana. Mas Luiz sempre me foi caro, desde os anos 1970, quando incitava a cidade à resistência cidadã com as armas da literatura “de protesto”, editando a revolucionária Revista *Perspectiva*, produzida a partir de uma célula anárquica, sediada na Galeria “Álvaro Santos”, onde se homiziava a geração de resistentes que o seguia.

Era-me imperioso conhecê-lo melhor. Deu-se, então, que na minha primeira viagem ao Rio de Janeiro, Luiz me deu pousada em seu apartamento na Av. Nossa Senhora de Copacabana – a bacanagem da época – onde ele vivia um dos seus muitos amores: com uma dama sequestrada da vida provincial de Aracaju para os seus braços, convenientemente exilados na capital cultural do país.

É esse Luiz Antonio, amante de grandes mulheres, cabra descolado e afoito à sofreguidão da vida em plenitude, que eu quero acrescentar ao que se conta dele. No cafezinho do Shopping, onde ultimamente comandava uma mesa repleta de admiradores, Luiz exercia a plenitude do seu gênio, contando piadas, resvalando o olho de macho satisfeito com a mulher, que, em casa, amava muito, com a espiadela incontrolável aos rabos de saia que passavam. Gostava de pulha, um costume

lagartense, que o conservou menino e, se bem que nunca verbalizasse por elegância e respeito, conservou-se refratário às conquistas afetivas da modernidade, embora minha presença entre os seus negasse qualquer intransigência.

Luiz Antonio Barreto é uma ponte sólida entre a intelectualidade, empedernida das academias e o batente fofoso da vida de artista. Um elo (creio que insubstituível), entre a realidade cultural sergipana e os alfarrábios da história. Um homem que perseguiu a boniteza da vida com elegante nobreza e se findou respeitado pelo que acertou na vida. Mestre Luiz, guarde-me uma cadeira no cafezinho do céu.



A VIDA  
ME QUER  
BEM

## ALÉM DO HORIZONTE

Talvez Flávio Monteiro, divisando ao longe uma plataforma petrolífera no mar da Atalaia, se perguntasse: o que há além do horizonte? Talvez esta indagação momentânea tenha despertado no petroleiro Flávio a curiosidade ancestral pelo mistério das paisagens, a vontade de registrar a beleza escondida, além das coisas, a teimosia do fotógrafo. Não deu outra. A Petrobras perdeu para a arte um servidor correto, mas Aracaju ganhou um dos seus melhores fotógrafos.

Flávio ainda se experimentava na fotografia quando encontrou o caminho do *Folha da Praia*. Ali, outro monstro sagrado do clic, Fernando Souza, abrigava, com paciente mansidão, quem lhe chegasse aprendiz. Ia mostrando, corrigindo, construindo o legado de apuro técnico e sensibilidade estética, que fizeram dele um precursor. Foi nesse ambiente que Flávio, humilde e receptivo, foi se aperfeiçoando, ora recusado – com as devidas broncas deste editor que vos fala – ora conquistando a disputada capa da edição. A presença de Flávio entre nós foi deci-

siva. Devo, por questão de justiça e gratidão, colar aqui pertinho de Fernando Souza e Flávio Monteiro o nome de Cezar de Oliveira, outro fotógrafo criado no exíguo espaço do *Folha da Praia* e que ainda hoje nos acompanha.

Em busca do aperfeiçoamento, Flávio perseguiu em catálogos estrangeiros a melhor tecnologia, colocando-a a serviço da sua fotografia. Montou estúdio, arrebANHou clientela, tornou-se famoso e requisitado, mas, até que se declarasse aposentado, nunca deixou de nos surpreender com a qualidade crescente do seu trabalho. E continua sendo nosso companheiro, sempre disposto a recobrir com o ouro da sua arte o velho ninho que o abrigou.

Flávio Monteiro sabe como captar dos seus modelos a postura inusitada, a expressão mais sincera, a alma do fotografado. Aprendeu a ver o que se esconde além do horizonte, desde o fio tênue de luz matinal ao precipício das nuvens.

Um senhor fotógrafo!



A VIDA  
ME QUER  
BEM

## HOMENAGEANDO UM FOTÓGRAFO

Quero tornar público, neste dia dedicado aos fotógrafos, minha especial predileção por um: César Oliveira, que além de primar pelo aprimoramento técnico, cuidadosíssimo na relação com a tecnologia que afeta sua profissão, fez-se respeitado na difícil arte do jornalismo fotográfico em Sergipe. As principais qualidades do fotógrafo de jornal são a inteligência veloz, que o coloca no átimo da notícia, e o pleno conhecimento dos fatos de interesse midiático, que o tornam esperto e certo no clic. Essas qualidades raras são, unanimemente, reconhecidas no fotógrafo César Oliveira. Concordam?

Eu o conheci meninote, acionando uma maquininha qualquer para registrar os malucos do *Folha da Praia*, na calçada do Jornal de Sergipe, curtindo a larica no matinal mingau de puba, enquanto aguardávamos a *Folha* semanal impressa que, depois, invadiria a praia de Atalaia como o novo jornalismo a serviço do desbunde literário, como um jornal nanico, que interpretava os hu-

mores do seu tempo, tão safado e conseqüente quanto nos permitia a revolução de costumes, que grassava, finalmente, na acanhada sociedade sergipana.

César nos seguiu, e o seu papel na consolidação do *Folha da Praia* foi extremamente importante. Sua agilidade bateu com a nossa, aquele menino, que conquistara seu lugar nas alternativas do mingau de puba, consolidou-se como fotógrafo essencial ao projeto *Folha da Praia*.

Este César Oliveira é a minha escolha carinhosa, entre os tantos fotógrafos sergipanos que eu admiro, por ter passado por mim e ter-se desgarrado em busca da sua glória individual, um cabra que dignifica a geração *Folha da Praia* e que enche o meu coração de orgulho!

## DONA BERTILDES

A moda de Jacqueline Kennedy na capa da revista “O Cruzeiro” não nos dava inveja. Dona Bertildes, primeira dama, a enobrecer ainda mais as aparições do esposo, Dr. Celso - governador do Estado -, vestia-se com elegância simãodiense: aquele modo recatado de se destacar com parcimônia ao pisar o escarpam nos tapetes do poder, sem destratar, nunca, do sorriso amável, materno e fazendeiro, de senhora do mercador.

Nós, meninos, vez por outra, pungávamos num caminho para uma tarde de banho no “Chora Menino”, onde um riacho represado se oferecia em cascata a acrobáticos tibuns. Era tudo o que um menino sertanejo queria: água fresca jorrando sem medidas, água muita, onde brincar sem limites, água onde matar a sede atávica que nos tornava mandacarus, gravatás! Todos, moleques filhos de não sei quem em calções de cadarço e pulos mortais. O banho ficava a dois pastos da casa senhorial, onde o Dr. Celso, Barão do Mercador, entre o pombal e a e porteira, certamente nos sorria de longe a bênção paternal, heráldica, dos senhores da terra.

Certa vez, alguém comandou:

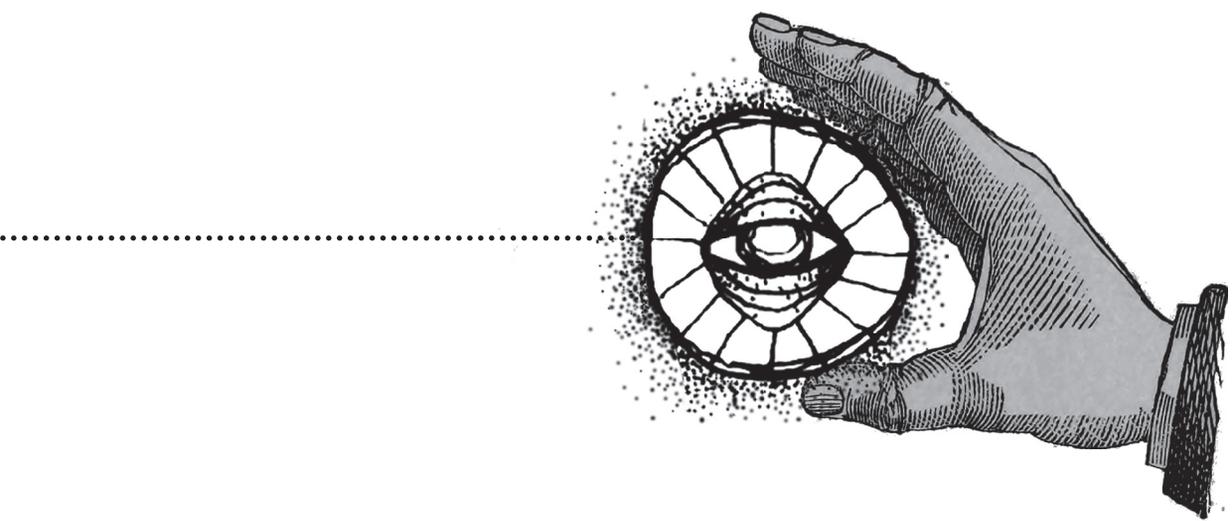
– Vamos ver o Mercador! Era perto, por que não?

Da porteira, ficamos matutando:

“Então é assim que vive um barão?”

A mansão tinha gosto europeu com trepadeiras florindo as paredes e inventando reentrâncias. Sombras seculares, árvores provectas, pés de oiti e palmeiras. Um pombal concentrava a atenção, altaneiro: coisa de rico permitindo morada e boia free aos irmãos passarinhos. Ficamos, então, embevecidos no trilili da passarada!

Eis que lá vem o empregado equilibrando uma bandeja de jenipapada, que mandara Dona Bertildes servir aos moleques em copos de cristal. Foi assim com a elegância extrapolando porteiras que Dona Bertildes nos fez conhecer a elegância de uma primeira dama.



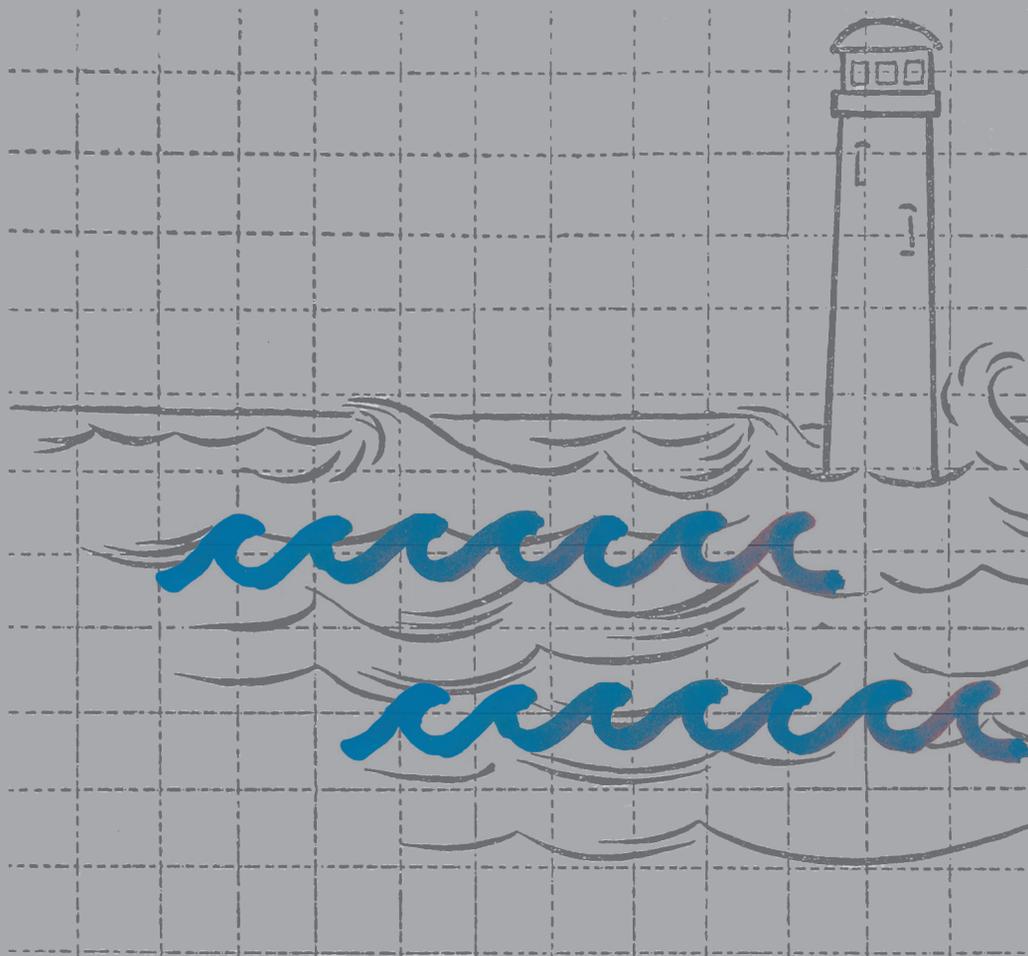




# GUARDAÃ DE INÚTEIS SEGREDOS



**189** | CRÔNICAS  
DA VIDA  
SERGIPANA





## A MORTE DA AGENDA VELHA

O assassino sou eu, monstro passional rasgando nas entranhas as provas de um passado incômodo. Marido bêbado que ama, mas renega, só me restou matá-la. Doeu, claro que doeu, mas eu tinha o direito de me livrar de tantos mortos guardados, apontamentos que não deram certo, telefones mudos, segredos em letras miúdas, tornados já de "domínio público", sem mais mistérios que os justificassem. Encontros detestáveis, armações frustradas, anotações vergonhosas, que eu quero esquecer, lixo de vida acumulado em suas páginas, agenda velha – senhora do amor pautado.

Essa agenda, quando menininha, cheirava a sândalo e estalava novidades ao manuseio. Folha após folha, um cabedal de possibilidades: o dia virgem de obrigações na página seguinte, em que o futuro se podia anotar. Linda, portátil, derramava um fitilho azul caindo pelas bordas. Tão mimosa que me convenceu: seria o cofre dos meus segredos, a esposa ideal, que recobrisse sob

capa de pelica os mistérios do meu dia a dia. Amei de cara, casei legal! Cheguei a dormir com ela sob o travesseiro – que guardasse também o lusco-fusco dos meus sonhos, essa avenida sem fim que se esvai de manhã sem geografias.

Mas era um casamento datado! No próprio lombo gravado a ferro e fogo, o vaticínio: 2001 – tinha data para acabar! Eu é que estiquei o seu tempo, acostumado ao seu conforto como um “filho de santo”, que entrega ao “guia” as responsabilidades do seu cotidiano. Dependente dela, fui indo adiante, sete anos voltando às suas páginas, obediente e fiel.

Então, ela foi engordando. Disforme, o ventre atabalhado por dezenas de papezinhos e coisas – galhos de arruda, pétalas, santinhos milagrosos, folderes de pizzarias com promoções irrecusáveis – toda sorte de lembranças que me convinha guardar. Ficou balofa, atrapalhada, e, finalmente, posta sobre a cômoda, virou adereço doméstico. Incômoda guardiã de segredos inúteis, precha de assombrações e lástimas. De que me serviria então?

Matei-a, e quero perdão!



GUARDIÃ DE  
INÚTEIS  
SEGREDOS

# A ARMADILHA DAS RUAS

– Tonho Amaral, se lembra de mim?

Usava uma saia *hippie* de voal, blusa com bordadinhos infantis, argolão africano em 18 quilates nas orelhas, tamancos altos e bolsa andina. Um dente de ouro no sorriso. Fiz cara de bestalhão ganhando tempo, ajeitando o visual: cabelos brancos, bigode intelectual, camisa em algodão com listas discretas, posta por fora. Barriguinha de chope, habilmente disfarçada num *jeans* "cane-ta", encerrando as pernas finas num mocassim barato, bege. Flagrado, assim, de bobeira.

– Hein?

– Você não é Tonho Amaral?

– Sou sim.

Recorri à minha mais valente identidade, aquela que uso para refratar assédios na rua. Porque, de repente, eles podem acabar em tragédia: tapas, ingratidões reveladas, enredos inconvenientes. Sabe-se lá onde acabam? Barriga murcha, ar apolíneo, cuidados nervosos com algo hipotético no bolso de trás; olhar navegante de quem procura alhures algo que me apresse, na outra calçada, ou ainda mais longe, quem sabe, no útero

ancestral de uma realeza qualquer. Levanto o queixo. Ele haverá de me apontar algum horizonte de fuga, mas não deu tempo.

– Sou Lívia, não se lembra de mim?

Pronto! Quem será essa? Uma colega de classe, a filha da vizinha a quem jurei amar eternamente?

Depressa, vamos aos olhos! Tento achar uma luz que me guie, uma recordação que me salve, deixa-me ver... (Depressa, a figura aguarda resposta!). São olhos brincalhões e sofridos como os meus e há, lá dentro daqueles olhos castanhos, uma sinceridade altaneira, laivos de uma felicidade antiga, cambiante. Quem será essa Lívia? (Pobre de mim, quanta gente preciosa eu tenho descartado!)

– Lívia, como vai?

No abraço, cheirei os seus cabelos, passei a mão onde nem devia, com ternura tal que me reconduzisse a qualquer resquício de memória. Que nada! Quem seria essa mulher tão agradável ao abraço? Ela, menor que eu, metida no carinho falso dos meus braços, aconchegada e trêmula. Eu, trêmulo também, quase soçobrando às vertigens do abismo.

– Lívia, me perdoe a velhice, faz tanto tempo! Fale mais de você!

– Eu fui a sua primeira namorada, Tonho Amaral! Se esqueceu de mim?



## EM CIMA DE UM CAMINHÃO

Passou um engenho de rapadura, um carcará pousado na cerca. A vaquinha de ar pensativo, regurgitando capim – olho abestalhado de quem sabe de tudo, mas nem taí. Um alvoroço de preás chispa invisível na beira do mato. O calango também tomou um susto danado, esperando imóvel no pé de mulungu. Só o olho rodando o mundo em volta, que calango não tem pressa. É capaz de ficar assim até a próxima trovoada.

Viu no mar de capim-gordura o vento assanhando as nhampupés. Uma cotia ali, debaixo do pé de araçá. Na encosta, casinhas em ponto de cruz, as chaminés fumegando o café, pendendo enegrecidas, como navios encailhados no oceano verdão do pasto.

Tudo ficando para trás. Ele estava indo embora, em cima de um caminhão.

Queria sair de si, dos corredores da casa, onde os fantasmas brincavam de esconde-esconde. Queria ficar longe

das besteiras sem serventia nos alfarrábios da família. Fugia dos horizontes finitos da sua cidade do interior.

Juntou sua coleção de sinos, seu farnel de auroras, e decidiu partir. Queria ser um coletor de sonhos trepidantes, o resto da vida engolindo estrada na carroceria de um caminhão.

Então, chegou de tardinha. O sol rajava em aquarelas sanguíneas. Traços surreais reinventavam a paisagem em impossíveis croquis. Um mourão se alongando como minarete, looongo, se espreguiçando na estrada. Mais longe, uma pedra derramava ouro sobre um filete de água. O velho dicurizeiro impedindo a passagem, estendido em sombra e veracidade no chão da rodagem. Passou um mandacaru rezando agoniado, que as coisas de Deus já iam se envultando. A paisagem pedia silêncio.

O cruzeiro na serra já se incendiava, um carneiro dourado, acomodado aos seus pés. Na sombra da mata, um bordado de nuvens céleres, acenava. Ovelhinhas e ogros tristes procuravam repouso; era chegada a hora!

De tardinha, o sono grená dos passarinhos peja os umbuzeiros dessa paz restrita às criaturas de Deus, quando o pôr-do-sol pinta de ouro a vida e silencia o clamor das coisas.

Só ele ainda corria na moldura da noite, indo-se embora na carroceria de um caminhão.

Bateu uma dorzinha não sei onde, que nem dor direito era. Era uma tristeza banal, sem pé nem cabeça, a falta de não sei o que lhe incomodando.

Mas escureceu de vez. A dor fininha muito doída pinicando! Onde dormiria ele, cadê seus lençóis, as quenturas do quarto, uma moringa esfriando no peitoril da janela? Onde está a certeza dos pés no chão, a vida jabá nos becos da cidade, as vielas confortáveis? A dor virou saudade.

Para! Que ele desce aqui!



# MOCHILEIRO NO TREM DA MORTE

No final dos anos 1970, eu vivi a grande aventura transcendental dos mochileiros de então, em companhia do imberbe bailarino Erê. Viajamos no lendário Trem da Morte, de Porto Quijarro até Santa Cruz de la Sierra, na Bolívia. De lá, seguimos até a montanha sagrada de Machu Picchu, no Peru, cheirando a maravilhosa poeira andina e aquecendo os corações aventureiros na brasa dos pacaios acesos a todo instante e por qualquer motivo.

A aventura começou mesmo quando, após atravessar a fronteira, chegamos ao território boliviano e cuidamos de trocar dólares por pesos, a desvalorizada moeda local. O cambista nos deu tantos maços de dinheiro, que nos foi impossível guardá-los no bolso. Estávamos podres de ricos, mas, no momento em que comprávamos as passagens para o trem, em Quijarro, bateu-nos a realidade: no vagão Super Pullman, com o conforto de poltronas acolchoadas e refeições decentes, custou algumas pilhas de pesos, boa parte do nosso tesouro.

O trem seguiu resfolegante por paisagens insípidas e aldeias paupérrimas, a toda estação invadido por índios vendendo empanadas, *pollos* com papas, camarões estranhos e refrescos de aparência insalubre, que eles traziam em baldes, sem tampa e com placas de gelo boiando, duvidosas.

No Trem da Morte, o mais caro significado da nossa aventura se revelou: a gostosa interação com mochileiros de diversas nacionalidades, falando uma língua híbrida, recém-construída, que misturava o espanhol e não sei lá o quê, permitindo-nos uma alegre comunicação. De Santa Cruz, seguimos de marinete até La Paz, subindo os Andes por perigosas escarpas na companhia de índios, com suas trolhas inusitadas: galinhas, bodes, carne de boi pendurada no bagageiro e toda espécie de comidas se derramando no colo dos passageiros. No fundo da marinete, exposto ao frio, que entrava pela janela quebrada, eu tive uma demonstração da universalidade do amor ao próximo, que jamais esqueço: um índio velho, vendo-me tiritar ao seu lado, cobriu-me com a sua aquecedora manta de pelo de lhama e me confortou com palavras doces, lá na língua dele.

Em Copacabana, fronteira com o Peru, andei nas canoas de junco do Lago Titicaca e comi uma refeição decente na casa de um aldeão, que morava numa ilha cambiante, sustentada por juncos: trutas ao molho de milho com batatas, hunitas de milho com queijo de lhama e

empanadas de carne de porco. Comida saudável e inesquecível! De Puno, no Peru, para Cuzco, uma bela cidade de arquitetura espanhola, onde se vende prata como se fora pão. Madrugada, deixamos o hotel e pegamos o trem para Aguas Calientes, saindo para enfrentar, a pé, a subida na montanha sagrada dos Incas: Machu Picchu.

Hoje, considero esse esforço físico o maior e mais heroico que já fiz, caminhando com mochilas e tudo pela trilha sagrada até chegar, esbaforido e maravilhado, àquelas ruínas da grande civilização Inca. Voltamos de avião até Corumbá, graças a um cartão da American Express, que eu guardava no fundo da mochila, item capitalista, que a minha experiência hipponga nunca ousou descartar. É isso.



## NO COLODIANO

Era só descer do ônibus no terceiro ponto da praia 13 de Julho e embarcar nas canoinhas de tábua até o outro lado. O Colodiano, território sem incômodos da lei, oferecia maconha livre e grandes baratos. Era o território livre da contracultura dos anos 1970, bem ali, pertinho dos bem-bons da cidade, mas distante da repressão que nos incomodava.

O Colodiano era inexpugnável. Do lado da pista Beira Mar, só tinha acesso às canoinhas de taboa, manobradas por pescadores de cabeça feita, os xincheiros conhecidos; do outro, pela Atalaia, era impossível acessar, por causa dos tocos de mangue, providencialmente impeditivos aos caretas, manés e, principalmente, às viaturas policiais.

Tanto que traficantes românticos de heroísmo comprovado, quando livres da penitenciária, era lá que comemoravam com rega bofe, fazendo a cabeça da turma às migué. Havia sempre uma partida de futebol.

Lá, dando bola com a contravenção, vivemos a marginália dos anos 1970 na maior "naice". Cabeça feita, depois do futebol, um peixe torrado aqui, um guaiamum cevado, ou comer uma carne frita, feitinha na hora mesmo. Com farinha e pimenta, custava poucos cruzeiros. Caro, e de grande valor, era o respeito de cada um por cada qual no território livre do Colodiano.

Numa tarde, lá pras cinco horas, decidimos navegar numa canoa largada. Malucos, lombrados de cachaça e tudo, singrávamos o pôr-do--sol... Não podia dar certo. Logo logo Delmano, tirando de condutor, enfiou demais o remo no lodo, e não o segurou de volta. Lá ficou, fincado no leito do rio, o instrumento da nossa mobilidade. Éramos, então, um barco à deriva pelo rio Sergipe, cantando "Travessia" e rindo, não se sabe de quê.

Mas a alegria só durou até o desespero bater, já debaixo da ponte do Poxim, a caminho do meio do mundo e sem remo pra parar. Alguém gritou amarrando o bode:

– Peraí, meu irmão, onde é que esse barato vai parar?

Quem nos parou foi Augusto do Bar 315, que morava ali debaixo da ponte e era irmão. Sentiu o drama e foi lá. Eu achei o maior barato, mas houve quem dissesse que não, que foi bodante, porque a maconha era de qualidade ruim... paia, pra bem dizer.

O Colodiano, hoje bestamente chamado de Coroa do Meio, é uma ponta instável, sedimentada por marés ma-

lucas, que pegam terra na Barra dos Coqueiros e a joga pra cá. Começava no velho farol, onde fincou casebre o seu primeiro morador, seu Claudiano, um pescador magrão, esturricado de sol, com cara de derviche indiano. Quando soube que “os home iam metê o tratô pra retaiá e vendê”, ficou besta. Chegara ali quarenta anos antes e aquela terra não existia:

– O mar trouxe, meu fio, o mar vai levar.

E tratava de buscar sua Colomy, enquanto ainda dava tempo de apertar um morrão. Doidêra!



# TEM MALUÇO NO PRÉDIO!

Depois dizem que é mentira minha. Tenho culpa? Não sei se atraio ou se sou atraído por essas figuras, que Deus bota no mundo para torná-lo melhor e mais engraçado. Quando o *Folha da Praia* era produzido no velho prédio da SCAS, ali na Laranjeiras com a Rua da Frente, tanta gente especial lhe animou o convívio, tantas figuras inesquecíveis fizeram a sua história, que seria até ingratidão não lembrar delas.

Seu Correia, o porteiro, era vesgo e não gostava de muita conversa. Na portaria do prédio, miudinho e enferrusado, quando estava de pá virada trancava o elevador, e somente eu, depois de várias psicologias, conseguia dar passagem aos malucos, que infestavam o recinto. Num belo dia, Luciano Correia, tentando humanizar as relações com o guardião do portal, tentou: "Seu Correia, cortou o cabelo?".

Ele fungou, um olho aqui outro alhures, e correspondeu:

– Não, fiz um arranjo!

Desde então, imaginar que "arranjo" teria dado certo na cabeça de Seu Correia alimentava nossas elucubrações.

Terá sido um ninho de nhampumpé, uma alegoria amazônica, uma releitura de Carmem Miranda? Que arranjo estaria melhor na cabecinha de Seu Correia?

Lá em cima, no segundo andar, onde o Jornal se fazia, era que a coisa apertava. Gigi, Mabrafa, Jorge Catacumba, Carlos Magno e Sérgio Santos, Elton Coelho, Silvinha, Marcos Cardoso, Fernando Sávio, Luciano, Ilma Fontes, Clara Angélica, Guga, César fotógrafo, Altamiro, Roninho, Zenóbio, a negra Rivanda e outros mais. Tinha também Zezé. Era a gostosinha da cidade: linda morena, de belas coxas, geralmente expostas, entregue à simpatia da vida e levada da breca, era a nossa musa. Chegava lá e traçava, sem cerimônia, certas poses de pernas, insinuações morenas, que vamos respeitar! Todo macho babava. Um dia chegou lá com fotos impúblicáveis, surrupiadas imediatamente pelos mais ladinos e que vieram a patrocinar, no terraço do prédio, um espetacular festival onanista, segundo me contaram depois. Aliás, era naquele terraço, onde os mais chegados matavam, ao final da tarde, um providencial baseado, invariavelmente detectado pelo faro dos outros locatários. É que fumavam no vão da escada, fazendo com que a maresia se espalhasse. “Tem maconheiro no prédio, deve ser o povo de Amaral!”.

Eu tenho é sofrido com essas imputações. Era a *Folha da Praia*, o que queriam vocês?



## DO GORDINI E OUTROS CAUSOS

Estava combinado: Vamos pegar Mané Liamba e zarpar para o sítio de Zé Banguela, um maconheiro velho, passador da coisa, que morava no morro do Urubu. Beleza de lugar para uma viagem massa, desde que massa houvesse.

O Cara, personagem enrustido nesta crônica, por motivos que não interessam ao leitor, era dono de um Gordini churriado, “40 HP de emoção”, todo preto e durão, conhecidíssimo nas rodas marginais da cidade pela alcunha de Chô Chuá. Era ele o preferido hangar dos “aviões” da cidade. Combinou-se, então: “O Cara vai ali descolar o principal e já já estará de volta.

No Chô Chuá cabiam quatro, com folga, mas Carlinhos Belas Cochás também queria ir e olhe lá, meu irmão, que o cara é rocha. Quando ele tem, serve bem-servida. As pernas roliças e o bundão de elefante têm nada a ver. Apertando, dá. Mas não deu: o dono do

possante, devidamente lombrado, voltou duas horas depois a pé, com um tijolão da prensada, um gravador de tecla e uma sacola do Paes Mendonça, entupida de baseados. Trocara o Gordini pela coisa. Mas a vingança é tenaz, e não se faz de rogada: um dia, o maluco do Paulo Parron, carne e unha com o supracitado, surrupiou-lhe o violão por empréstimo. Ia fazer serenata no Mané Preto, onde morava Lucila, do cangote derreado, nega que o Parron disputava com a mais fina bandidagem do pedaço.

Queria, porque queria a gata do Mané Preto, mas lhe faltavam sustança no bolso e um peitoral de resposta, para o embate com a moçada local. “O jeito era a serenata”, sacara Parron. Cantando “Marina”, com um bom pandeirista do lado, ele seria imbatível. Sumiu a semana inteira. Que serenata do cranco é essa do Parron, com o violão do citado?

Demorou, mas depois se soube: o celerado trocara por um táxi caindo aos pedaços o Di Giorgio do cara, de estimações incrustado. Uma semana depois, em visita apressada, ainda tirou onda:

– Peça outro ao seu pai, que aquele já era!

Morava no bairro São José, o cara a que me refiro. Gostava de se exhibir: bem-dotado, tinha um culhão roncôio, que adorava mostrar. Tarado nas horas vagas, mas respeitado e gente fina, esse cara era o herói da moçada.

Vivendo no bairro São José, desde nascido, tinha direito às sombras da Praça Tobias Barreto, onde as freiras de Lourdes, ainda hoje, mantêm um colégio de moças recatadas num prédio com quatrocentas janelas atentas ao que se passa na praça. Era, então, o relicário cristão, a cidadela das virgens, o anteparo moral à safadeza vigente.

Pois nosso herói costumava estender-se numa rede entre as árvores mais vistosas para ler, de manhã, os jornais. Vestia um calção folgado, deixando solta a manjuba, displicentemente exposta às meninas das freiras. E ela ia subindo, à medida que, à janela, algum olhar lhe correspondia...

O safado ria depois, enquanto nos contava a agonia das santas. O nome dele eu não digo, mas o que eu digo é verdade.



## A CAMINHO DA PRAIA

Quero viver perto do mar! Transferir-me para o sem fim da praia e escancarar-me ao sol da Atalaia. Quero deixar o mormaço da cidade, com suas ruas bêbadas de piche. A maresia grudada nos cabelos, quero mergulhar toda manhã sete ondas rasteiras, orando ao sortilégio da imensidão. Quero viver perscrutando o mar que banha a humanidade. Esse mundão de água e valentia, esse lugar de ninguém. Do mar, eu quero o sal da vida.

– Vou me mudar para a Atalaia!

Nos idos sessenta, a praia de Atalaia era um lugar distante, nos cafundós de Aracaju. Alguns ricos mantinham lá suas casas de veraneio, mas o povão tinha de enfrentar a marinete aos domingos, um frege alucinante de quebra-coco e suores para alcançar as delícias da praia.

De “banhistas”, era chamada a patuleia! O ponto de embarque ficava no oitão da Alfândega, na Pracinha General Valadão. Filas e filas, em qualquer domingo ensolarado,

uma alegre profusão de gente humilde, com seus teréns malajambrados, no empurra-empurra que “nóis gosta”!

E havia quem se aboletava, lá dentro, na escassa marinete da Bomfim, um purgatório. Como arrumar o cesto de camarão, a prancha de pegar jacaré, as câmaras de ar para boiar em pneumáticas performances? As comidinhas nos bocapius, o rádio portátil, a esteira de junco pra não melar o fundilho na areia e os frascos de azeite de dendê, com essência de maçã para se bronzear, tudo havia de caber.

Tirando essa aglomeração, que se passava unicamente aos domingos, a Atalaia restava na semana como o grande mocó dos amantes, onde levar a paquera às novidades do mar e suas possibilidades eróticas. Muito cabaço se foi e muita história ficou pra contar.

Seu Caboclinho mesmo, o último dos “nativos”, que ainda teima na Atalaia com o seu bar de peixe frito, conta para quem quiser a história da fulana, que se assustou com o manguaço, a brochada do playboy, o espetacular “engate” daquela filha de gente grande, que se casou depois com um bunda-mole qualquer. Quem não se lembra desse acontecido, que nos rendeu um frenesi de fofoca? Foi-não-foi e já apareceu gente que testemunhara o escândalo, dando conta de que o casal que se engatara na Atalaia teve que ser transportado na carroceria de uma caminhonete para o Hospital Cirurgia, onde, aos cuidados médicos e à custa de injeções cal-

mantes... ploft!, conseguiu desengatar-se. Ela, moça de família tradicional; ele, um imberbe qualquer, de pau descomunal e gozada reticente.

Também foi aqui, na Atalaia, que um grande estelionatário armou – para desgosto das autoridades provincianas – o golpe da “Ova de Camarão” e com ele ridicularizou os nossos brios de cidade moderna, no afã do desenvolvimento industrial. Nesses idos, quem cuidava disso por aqui era o Condese, criado pelo Dr. Aloísio de Campos, economista, planejador emérito e grande figura. O galego de fala enrolada convenceu os técnicos de que se desperdiçava em nossas praias a riqueza industrializável da ova de camarão e, para melhor convencimento, levou-os a mastigar a areia da Atalaia: – Isto é ouro puro, sinta o gosto! Vamos exportar para o mundo! Resultado: foi-se para as Bahamas com um saco de dinheiro emprestado pelo Banese e babau.

Mas eu queria a imensidão do mar! Acontece que a Atalaia era, então, muito estreita para o meu desbunde. Lá do restaurante O Vaqueiro, a cem metros de onde desaguava a marinete, até o velho Salva-vidas, uma torre circular, que abrigava aos domingos, debaixo de si, a família aracajuana e suas impolutas virgens. Local resguardado, onde se esvaíam as possibilidades de interação entre os veranistas e a patuleia. Lá, exibia a última moda em maiôs e costumes a moçada inexpugnável da sociedade: coxas carnudas, bundas de quilo e meio, pei-

tinhas juvenis apontando para o céu. Credo em cruz, se um de nós, egresso das marinetes da Bomfim, ousasse chegar ali com qualquer chamego!

Em chegando à Atalaia, era mister a qualquer um se dividir: quem com putas ia pro lado de lá do Mirachula – um cabaré que ficava onde hoje é o Hotel Beira Mar. Já os “de família” se espremiavam entre o “Vaqueiro” e o exíguo Salva-vidas. Assim era o permitido.

Hoje, vivo bem aqui em casa, e o mar é meu moleque de recados:

– Vai ali à África levar notícias de mim. Ele vai.

– Corre, vai pegar um caramujo de sol, que eu quero as-soprar. Ele pega, e volta estrondando mundo aos meus pés: meu cão de espumas.

O bar do Cabo Duda, bem pertinho, ainda é prestigiado por barrigudos do futebol dominical e pescadores antigos na banca ao lado, onde se vende peixe fresco toda quinta-feira. E Cabo Duda ainda pesca uma cerveja estupidamente gelada, quando eu chego lá com meus mistérios antigos e minha velhice recém-conquistada.

Eu vivo muito bem aqui, na Atalaia.



## PREÁ DE BAZAR

Nos meados da década de 1960, quando me mudei para Aracaju, o Natal ainda era comemorado no Parque Teófilo Dantas, onde as famílias de todas as classes sociais compareciam de laços de fita e vestidos novos, na maior alegria provinciana. As mais nobres traziam, de casa, os seus vetustos assentos e se estabeleciam em frente à Catedral, bisbilhotando as modas e comendo pipoca Lyrio do Vale, a guloseima mais elegante naqueles tempos.

Mas havia um lugar onde todos se encontravam: o Carrossel do Tobias, um brinquedo de belos cavalinhos, ricamente paramentados, onde todas as crianças e fogosos namorados tinham que andar, nem que fosse uma vezinha só. Ele representava a igualdade de classes no nosso Natal.

Já a patuleia preferia se amontoar nos fundos da igreja, o "Egitingo", onde ficavam os tabuleiros de carne assada, as iscas de passarinha, a substanciosa galinha frita com arroz, queijadas e cocadas de vários gostos e a maior de-

lícia da nossa culinária natalina, os barquinhos de papel de seda com castanhas confeitadas, que eram levados para casa e guardados na cristaleira como suvenires.

No “Egitinho”, também estavam os jogos de azar. O bar rufo, as rifas, os jogos de pio, o arremesso de argolas e o bazar do preá com prêmios espetaculares: bichinhos de pelúcia, panelas brilhantes, radinhos de pilha, bonecas de galalite, paliteiros de alabastro e cobiçadas bolas de futebol. O jogo do preá consistia em adivinhar em que casa ele se metia, depois que o dono o deixava tonto, rodando-o alucinadamente em meio a um círculo de casinhas numeradas, de um a seis. Na casa em que ele entrasse, o número ganhava. O pobre do preá devia ser ensinado, pois mesmo desnortado, quando a aposta era grande, ele pensava bem antes de entrar.

Na vida, tenho frequentemente me sentido assim como o preá de bazar, tonto de tanto rodopio e sem saber escolher a melhor casinha onde entrar.



## AQUILO SE CHAMA BEIJU!

Não me conformo com esta mania de imitação dos sergipanos. É certo que a globalização torna as culturas cada vez mais homogêneas, mas preservar certas características culturais que identifiquem a nossa aldeia e mantê-las vivas são atitudes essenciais à sua visibilidade. Elas referendam o nosso modo de ser, de falar, de agir. São estas peculiaridades que nos fazem únicos, os sergipanos.

Certo dia, um empreendedor de Alagoas instalou, na Orla da Atalaia, uma barraca anunciando certa "Tapioca Alagoana", que não passava de beiju. Sim, o nosso beiju! Com vários e inventivos ingredientes de recheio. Foi um sucesso! Instalada em local privilegiado, em frente a hotéis cinco estrelas, o negócio prosperou.

Isso bastou para que os sergipanos, em busca da freguesia, deixassem o nosso nome de lado. Aproveitando a tecnologia do alagoano, os sergipanos correram atrás e,

desde então, o beiju passou a ser chamado de tapioca. Ora, a tapioca é o pó extraído da macaxeira ralada, o que produz a crueira, que deve ser enxugada numa prensa enorme, tradicionalmente de madeira, de onde escorre um líquido esbranquiçado. No fundo dessa vasilha, vai se depositando a fécula da mandioca e, aí, é que está a tapioca, como sabemos todos nós.

Com a tapioca, fazemos bolos, bolachinhas, mingau, pé de moleque e vários tipos de beiju: o sarôio, o malcasado, o molhado com leite de coco e o “de mesmo”, feito com a massa recém-saída da prensa, no forno, onde se torra a farinha. Este último era o sustento dos sertanejos às voltas com o eito, nas roças distantes. Um beiju enorme e duro, que podia ser comido com leite ou misturado no feijão – uma fonte de sustança reconhecida.

Não interessa que o mundo inteiro o chame de tapioca. Para os sergipanos, aquilo se chama beiju. E não achem que isto é besteira de intelectual! Trata-se da preservação da nossa identidade cultural. Na medida em que renunciamos aos nomes que demos às coisas que nos identificam e que nos fazem diferentes, estaremos renunciando à feição peculiar que nos torna únicos. Afinal, o lado bom da globalização é permitir que a aldeia se universalize.

Triste é constatar que, até os órgãos oficiais, como a Emsetur, apresentam a nossa iguaria em eventos nacionais e internacionais com a nomenclatura her-

dada das Alagoas. Daqui a pouco vão chamar canjica de curau e o mungunzá de canjica, como chamam os cariocas e paulistanos. Creio que deveria ser exigido a quem comercializa na Orla da Atalaia que respeitasse a tradição sergipana e vendesse “beiju”, ao invés de tapioca. É pedir muito?



## VOLVER

Acho que inicio, neste 12 de julho de 2010, as primeiras inquietações do meu ancionato. Aos sessenta e quatro, é hora de volver, aproveitar na louça do banquete a gordura que ficou na cozinha da festa, o vinho que sobrou em taças mal-bebidas. Voltar à embriaguês para que os meus demônios inda me corrompam e façam arder em mim o fogaréu da vida. Desses demônios, o da vaidade, cintilante e vesgo, morreu de inanição. O da soberba não resistiu à tábula rasa da realidade e se estoporou, empanzinado de estrelas. A inveja nunca dormiu comigo, só o cão da luxúria, exuberante e belo, logrou vencer minha cidadela. Ele me cercou de falanges lindas e ainda agora me promete prazer. É o meu demônio querido, mora aqui na minha camarinha, um cão danado entre os lençóis. Os meus demônios estão exaustos.

Espero que os próximos anos me sejam ricos em saciedade. Que a madureza me traga o conforto da proficuidade amorosa, o gozo do amor confortável, sem o prazer fugidio das conquistas fortuitas.

Cada dia me dedico a reencontrar, com mais cinismo e fúria, o centro das minhas convicções juvenis. Por que não? Ora! Enquanto eu estiver buscando o alvoroço da minha inadequação, estarei reinventando um mundo, onde possa acomodar a novidade que busco ser.

Neste momento em que lhes escrevo, ouço um CD de Wynton e Marsalis, presente de amigo. A casa se encheu de música e invenção! Além de mim, o Papagaio a ouve, e ele, mais que eu, acompanha a danação dos trompetes. O *jazz* junta o pássaro a mim, ambos presos à melancólica lembrança de sons ancestrais na mata que nos criou. Esse *jazz* nos une. Papagaio! Temos muito o que conversar.

Então, meus amigos, cuidem de mim. Os meus demônios são eternos, e eu, poeta envelhecido no deserto das palavras, pelo amor de vocês pretendo sobreviver à desimportância.

Escolho arder para sempre no fogaréu da poesia. Beijos e amores!



## FOI BOM PRA VOCÊ?

Para mim, este final de ano foi do peru! Ora! Curti a glória do Natal em família, o tender sem gosto, as rabinadas oleosas, o intragável arroz com passas da titia. Aos beijos e abraços, a prima Salete, solteirona empedernida, esfregou a face arranhenta em meu nariz, e o cheiro do pó compacto, posto em camadas superpostas sobre as rugas, ameaçava permanecer em meu bigode. Salvou-me uma vigorosa cafungada no sabonetinho do lavabo, com cheiro de erva-doce.

Contei velhas histórias, as mesmas piadas permitidas, inclusive aquela do sobreco da galinha, que sempre provoca na vovó sua suprema imoralidade:

– O finado gostava era do sobreco. Esta vovó é de morte!

O melhor do Natal são as crianças, convenhamos. Elas se encarregam de esculhambar o evento:

– Isso eu não como.

– Thiago roubou a moela!

- Não tem hambúrguer?

Dá gosto ver as mães no corre-corre a aplacar seus rebentos, preocupadíssimas com o estrago que a sagacidade das crianças poderá causar ao conceito de mães abnegadas que apregoam. Mas entre choramingos e cascados, salva-se o Natal da família nos pequeninos gestos, que tecem a indissolúvel teia de amor que os une.

É isso aí! Família, só tem essa e é com essa que eu fico. Faz vergonha, na noite de natal, sair à deriva procurando abrigo em ceia alheia. É coisa de mal-amado.

Já outros encaram a fatalidade justificando a solidão natalina com um ataque de fígado, complicações estomacais, mãe acamada ou irmã querida em procedimentos cirúrgicos e ficam em casa numa letargia moribunda, curtindo o *Jingle Bells* da TV. Cada quem com a sua mentira.

Não resta muito tempo em minha folhinha. O ano se esvai mansamente esquecido. O Réveillon me acorda com sortilégios e ilusões de vida nova. A novidade de um novo ano me instiga: vou deixar de fumar, vou rever os amigos de outrora, juro que vou emagrecer, vou pendurar em casa um cata-vento de beija-flor, vou finalmente permitir que a velhice me alcance. Nem que seja no bico agoniado de um passarinho, quero ser um velhinho amoroso no tempo que me resta.



## ANO NOVO

Ainda há tempo para os amigos se abraçarem trocando beijos, sentindo no outro o perfume da alma irmã. Novos amigos vão chegar com novas alegrias e ainda é possível recuperar aquelas antigas amizades, que definham esquecidas e que, por falta de atenção, foram ficando difusas, esmaecidas na memória. Resgatá-las seria um bom projeto para o novo ano. Que tal voltar ao seu ambiente natal e reencontrar aquele amigo de travessuras, que ajudou a formar a sua personalidade, a confiar no outro os seus riscos de vida, a crescer botando fé num companheiro ou companheira, que haveria sempre de lhe salvar dos castigos paternos?

O som da existência pode ser percebido no barulho que fazem os amigos à nossa volta. Os gritos de espanto, as gargalhadas, os conselhos sussurrados ao coração, a cortina musical de saudosas canções, as mentiras que contam, as velhas piadas de sempre que ainda nos fazem rir, a desmedida compaixão a que se veem obrigados, quando caímos feio ao grito imperioso que nos levanta do chão.

A amizade é assim tão barulhenta, porque tem que estar acima dos rumores cotidianos, suplantando em decibéis e solidariedade o trágico gemido da solidão. É com os amigos que, verdadeiramente, compartilhamos os nossos sonhos. Também são eles quem nos acorda no momento babaca, em que já estamos babando o travesseiro.

A vida não acabou. Ainda há tempo de aceitar novos amores, construir outras ilusões, que nos justifiquem juntar pedacinhos de novos bem-quereres num frágil painel, que nos redefina o destino; amar, sofrer por amor e, de repente, ter que recomeçar tudo de novo: as palavras certas, o convívio apaixonado; coração, alma, cabeça num mesmo diapasão. Depois, pronto! Se durar, alvíssaras! Se não, outro ano virá com novas possibilidades.

Haverá vida pela frente. E uma nova contagem de tempo se instala em nossas vidas, mas nossos relógios estão desconstruídos. O tempo é, para cada um, uma experiência única, e somos cada qual uma novidade, contida na mesmice da vida. Tentemos ser, neste novo ano, criaturas de um tempo cada vez mais novo, com um pé aqui e outro na eternidade.



# A IMPRENSA DO ARCO DA VELHA

O primeiro jornal que eu conheci foi o *Jornal A Semana*, de Simão Dias. Escrito, editado, ilustrado e impresso pelo jornalista Zeca Déda, era produzido no antigo processo tipográfico. Cada linha era, pacientemente, composta com seus respectivos espaços e pontuações, a partir de letras de chumbo, separadas por fontes e tamanhos em centenas de escaninhos, dispostos em gavetas.

Já em Aracaju, o primeiro jornal em que trabalhei foi no *Sergipe Jornal*, do jornalista Paulo Costa, depois comprado por José Carlos Teixeira. Era editado, então, por Edmundo de Paula e composto, ainda, com tipos móveis e impresso numa velha máquina, apelidada de “perereca”, zuadenta e estrambólica. O *Sergipe Jornal*, vendido ao grupo Diários Associados, de Assis Chateaubriand, deu lugar ao *Diário de Aracaju*, editado por Raymundo Luiz da Silva, já em processo de linotipia. A máquina Li-

notipo, inóspita e barulhenta, era como um dragão de sete cabeças, vomitando lingotes de chumbo que, devidamente empilhados, formatavam a página matriz para a impressão do jornal.

A modernidade gráfica foi implantada entre nós por Nazário Pimentele Ivan Valença, no avançado *Jornal da Cidade*, composto em máquina IBM, de esfera, e impresso em *Offset*.

Agora, imaginem vocês, a Linotipo, um monstrengo de ferro, alimentado com chumbo derretido a não sei quantos graus, chiando e bufando fedores, enquanto movia hastes e alavancas como um *transformer* louco para, depois de tanto barulho, cuspir apenas um lingote de letras formando uma frase na bandeja final. Uma tirinha de chumbo, onde se lia: “na tarde desta quinta-feira o meliante...”. O calor era tanto e tão grande era o *stress* nas oficinas, que os linotipistas só trabalhavam tungados na cachaça.

Depois, esses lingotes eram acomodados em uma bandeja de ferro, com travas, delimitando o espaço da página e, ali, formavam uma coluna de chumbo com a matéria. Os títulos ainda eram compostos com letras tipográficas, e as ilustrações, em forma de clichê, gravadas com ácido numa placa de zinco e pregadas depois num suporte de madeira para alcançar a altura dos lingotes. Cada jornal tinha a sua clicheteria com fotos das principais autoridades, já devidamente montadas, para

uso eventual. Era caro produzi-la e não era todo dia que a clicheria dispunha de material para tanto. Assim, eram constantemente usados os mesmos clichês para ilustrar matérias diversas.

Não era raro trocarem-se os clichês, muitos deles meio apagados pelo uso constante. Na *Gazeta de Sergipe*, certa vez, publicaram o clichê do piedoso arcebispo D. Brandão, ilustrando a notícia sobre a fuga de um “perigoso meliante”. O clicherista, míope, foi demitido.

Pronta a página, com os lingotes de chumbo devidamente arrochados e os clichês colocados na altura certa, a tarefa era levar até a “perereca”, impressora, o pesado trambolho, sem o desmanchar. E, de lá, saía o jornal nosso de cada dia.



## ANTIGOS CARNAVAIS

Achei que seria oportuno dissertar sobre o meu melhor Carnaval. Desde então, o sexagenário coração do poeta desembestou a percutir memórias proibidas, antigas viagens ao *ra-len-ta-do* ritmo da lança-perfume, ao tambor longínquo das marchinhas d'antanho, um puta baticum bem bom... uma Rodouro perfumando a ideia. Mas qual! Sem lança-perfume... Cadê meus antigos carnavais?

Levo o leitor ao começo dos anos 1970, ao Carnaval de Rua em Aracaju, incentivado pela Prefeitura de Aloísio Campos. O palanque, entre a Assembleia e o Palácio do Governo, rangia de autoridades. Já não cabiam mais tantos ilustres convidados, com suas fartas senhoras e rebentos inquietos. Nisto, lá vem o bloco "As Intalianas", representando Ben-Hur, herói cinematográfico, que sofrera recentemente o pão que o diabo amassou na tela do Cine Palace e que comovera a cidade com o seu longo sofrimento e trágico vigor.

As mulatas soltinhas, em batas de seda Fay, exibiam transparências tão vibrantes quanto o carmim de papel celofane, que lhes incendiava as bochechas. Entre elas, vinha “bem-Hur”, um garboso negão, conhecido no bairro Suíssa Braba por “Dengo Cacetão”, em saioite púrpura e músculos à mostra, montado num cavalo pampo, todo arreado em napa dourada e coloridos fitilhos, lindo de se ver! Mas ao chegar ao ponto G da comissão julgadora, o alazão precisou cagar. Levantou solenemente o rabo amarelado e mandou ver. Verteu um troçoio farto, um formidável beiju de bosta solene e alegórico, no pau da venta das autoridades. Aí, fedeu!

De outro Carnaval, eu me lembro, com Barrinhos nos anos 1980. O Baile dos Artistas foi no Restaurante Cra-se (ali, vizinho ao late Club) e nós, os malucos da Boate Oxente, ficamos de oitiva na porta, onde a caretice da cidade se divertia vendo chegar os travestis pomposos: o cintilante Lisboa arrastava bibas mil em pavoiças carnavalescas (haja tunco pros bofes) e, de relepada, olha que belas bundas ali, ao alcance das famílias na fuzarca! Aracaju enrustida na porta da festa se justificava:

– Não, eu só vim ver o veadeiro. Pois sim!

Penetrando na festa, deparei-me com ele, o querido João de Barros, desfilando o seu volumoso corpinho numa fantasia de Mandarim em seda verde, flores e arabescos bordados com areia prateada e lantejoulas coruscantes. Sobre a cabeça, uma boina emplumada, onde brilhavam

estrelas cósmicas, de intenso fulgor. Mas, encerrando a fantasia, mal-disfarçado pelo elástico das calças bufantes, Barrinhos calçava um sapato Vulcabras. Preto, cotidiano, sem brilho que o justificasse.

Dei pra rir da figura e gargalhei sentado no meio do salão até ser expulso da festa. Logo eu!



# A LOURA ERA O BENEDITO

Olha como eu fico arrepiado!

Vinha com meu Chevetinho grafite ouvindo Paulinho Lobo cantar as coisas do Aracaju, quando, bem ali, na ponte do Conjunto Orlando Dantas, me lembrei dela: a Loura defunta do Augusto Franco! Que fim levou?

Dizem que era bela e peituda, um longo vestido em negro tafetá, com precipícios decotes, pezinhos levitando no asfalto, mãos diáfanas, onde singravam veias azuis, segurando um buquê meio murcho. Com um lenço branco, imaculado e fino sobre a fronte, meia-noite e tanto a loura pedia carona. Conta-se que um conhecido do marido da prima do zelador da repartição, lhe deu carona. Pra que deu? A visagem virou caveira arreganhando os dentes em gargalhada escabrosa, e um perfume de cravo de defunto impregnou o ar, a roupa, o carro e a vida do coitado. Em casa, uma cera branca lhe encascando a cara, o coitado teve dificuldade de

explicar aquele cheiro estranho à sua senhora, bambo das pernas, gaguejando muito:

– A loura, foi a loura, tô pra morrer de susto!

Sua senhora, tão balofa quanto burrinha, ainda achou no banco do carona um longo fio de cabelo dourado. Comprovou na hora! Era da defunta! E ela mesmo se encarregou de difundir a história, condenando o seu fiel marido a repeti-la ene vezes, pro sogro, pros vizinhos e depois pros ouvintes aracajuanos em entrevista ao acreditado programa radiofônico de Laurindo Campos, o mais espetacular cronista social da época.

Daqui a pouco virou a assombração oficial da cidade. Dela, contavam-se as aparições mais inusitadas. Com Marquinhos, o noivo de Suely – a Bunduda – filha de Onofre do Caldinho de Ostra, estabelecido na esquina da Canal 4 com a Rua “A”, do conjunto Augusto Franco, não foi diferente. Ele não parou, porque não era noivo de transgredir, mas a loura macabra aparecera no banco de trás, assim, de repente.

Primeiro, foi o cheiro, depois um fungado choroso no cangote e um tapinha no pé do ouvido, quando foi ver, olhando pelo retrovisor, olhe ela lá brilhando no escuro em espectral brancura, com dois aterrorizantes chumaços de algodão, enfiados nas ventas. Quase bate num poste! Não fosse o poder de um “creio-em-deus-padre”, balbuciado aos atropelos, tinha Marquinhos partido pro

inferno com louira e tudo. Foi o que contou à chorosa Suely – que dormira de janela aberta e bundão aflito aguardando os seus chamegos, quando voltou lá pras quatro da manhã, sem forças para galgar o parapeito, quanto mais...

Foi então que chegou Fernando Sávio na redação do *Folha da Praia*, com a reportagem pronta. Jornalismo puro, matéria de primeira linha, destinada a ocupar capa e página dupla central. Mas cadê a foto? Ilustrar com quê? Tem nada não, lá estava Benedito Letrado, artista de muitas performances, capaz de tudo por uma capa de jornal. Ia ser a Louira do Augusto Franco, e ninguém faria melhor! E lá se foi Benedito de peruca e algodão nas ventas, aos cuidados do fotógrafo César de Oliveira, num magnífico trabalho de reportagem-fotográfica, ainda hoje guardado nos arquivos do jornal para provar que eu não minto.

Depois disso, a Louira se esvaiu, e Benedito ficou sendo ela.



## O MEMBRO EXPLÍCITO

O Dr. Celso de Carvalho – herdeiro nobiliárquico do Barão de Santa Rosa (de Simão Dias) e liderança do antigo PSD – foi eleito vice pelo voto popular, mas ascendeu ao cobiçado posto de governador de Sergipe por artimanhas do golpe militar de 1964, que destituiu o titular, o governador Seixas Dórea. Não que Celso tivesse conspirado para tanto, mas acontece que o cavalo passou selado e só lhe restou montá-lo. E o fez com tanta destreza, que conduziu com brandura e sabedoria as rédeas do Estado, em meio aos tortuosos caminhos daqueles tempos difíceis.

Levou para o palácio Olympio Campos, além da fleuma conquistada como senhor feudal das elegâncias simão-dienses, sua bela esposa, Bertildes de Carvalho, senhora de tradições oligárquicas, que mantinha por aqui o gosto pelo *tailleur* bem-cortado, com um fio de pérolas ao colo, pelo chapeuzinho discreto sobre cachos curtos e bem-alinhados, eventualmente por luvas e sapatos meio-salto, da cor do chapéu. Era a sobriedade *fashion*,

universalizada por Jacqueline Kennedy, adotada pela nossa primeira dama. D. Bertildes era, então, a imagem do poder contido na elegância de um sorriso. Uma mulher e tanto.

Ocorre que as relações entre os governos estaduais e a ditadura militar estavam incertas e complicadas, não se sabendo ainda como as coisas deveriam ser conduzidas. Então, veio a Sergipe um importantíssimo membro do Conselho Político da nova ordem conversar com o novo governador.

O Palácio Olympio Campos cuidou de recebê-lo com a pompa, que ele acreditava merecer. Deu-se um jantar no salão nobre do paço e, em programada sequência, o visitante desceria as escadarias para declarar à imprensa, contida no *hall*, o que viera fazer por aqui. Ao chegar ao patamar da escadaria, ele parou, estufou o peito e esperou que cessassem os aplausos.

Foi então que se deu a desgraça. Lá de baixo, ouviu-se a voz poderosa do radialista Santos Santana, funcionário da comunicação palaciana, transmitindo o evento para os ouvintes da Rádio Difusora:

– *Neste momento, o governador Celso de Carvalho está descendo a escadaria do palácio com o... o... membro de fora!*. (perdera o papelzinho com o nome da autoridade).

Eis que voando baixo, o Dr. Marques Guimarães, cerimonialista e grande conhecedor dos rapapés palacianos,

sequestrou o microfone das mãos de Santana e passou a irradiar a cerimônia.

O “membro de fora”, empertigado lá no alto, aceitou as desculpas com um sorriso abaixo do zero grau. Já o nosso querido Santos Santana saiu de fininho e foi afogar a vergonha pela sua involuntária contribuição cívica à resistência democrática no Bhrama's Bar.



## A AMEAÇA DA LUFTWAFFE

Os cidadãos da Polônia, primeiras vítimas do maluco do Hitler na sua obsessão pelo trono do mundo, comeram o pão que o diabo amassou com os bombardeios da Luftwaffe. Ficaram condicionados a procurar um abrigo antiaéreo, assim que ouvissem o estridor das sirenes. Vocês devem conhecer essa história, mas como foi que, muito depois do pós-guerra, veio o derrotado esquadrão aéreo do Terceiro *Reich* desacomodar os sergipanos? Pois eu conto.

O ex-deputado José Carlos Teixeira, um dos fundadores da Sociedade de Cultura Artística de Sergipe, gozava de grande cartaz no governo federal. O suficiente para incluir o Teatro Atheneu no roteiro das atrações internacionais, que percorriam o país sob o patrocínio do Ministério das Relações Exteriores. Foi o tempo áureo do Atheneu, ocupado por grandes companhias de artes cênicas e por recitais de músicos mundialmente consagrados.



Precisou que o professor João Costa, homem de aguçado raciocínio e fleuma quase britânica, tomasse as rédeas da situação e nos explicasse, usando sua técnica irretocável de impostação teatral, que testemunhá-vamos uma demonstração tardia de trauma de guerra; que o virtuose viu-se sob o bombardeio iminente da Luftwaffe; que isso era normal entre os poloneses. Ninguém contava era com a sirene de Manelzinho para aterrorizar o recital.

O pianista polonês foi devolvido ao hotel, ainda cantando nica.



## A RUA VISTA DA INSÔNIA

Na madrugada, as ruas ficam opacas, a cidade volta à cor dos utensílios domésticos: polidos e úteis, mas sem o brilho transverso das prateleiras, que a maquiagem da noite insinua. De manhã, a vida virá à janela, sem batom, saudar o dia de cara lavada. Então, a cidade amanhecerá para o sol com os seus afazeres manjados. Pálida e feia. Insons, a noite me leva aos esconderijos, onde xeretar o mundo em volta, ao compadrio do sonho desperto. Os mistérios cotidianos se acomodam num canto sem claridade, que os revelem, porque a noite atua seus elencos mascarados num palco mágico de irrealidade e gargalhadas, enquanto dormem os bufos parvos entre lençóis e nadas. Mas eu, não! Atento, sigo guardando os meus tesouros insones: a sanidade mental neste baú de palavras possíveis, um chinelo velho de andar macio que, ainda leve, faz gemer os tabuados. Os fantasmas queridos me querem assustar, mas guardo um escapulário pendurado no conforto das sombras, desde menino.

A noite é ruidosa. O vizinho tosse, a mulher ri, o filho choraminga, o gato mia no muro e a cachorrada res-

ponde em coro zuadento. A casa vai se estralando em tremores, que vão do rodapé à cumeeira – é a noturnidade inventando medos – mas há sempre uma varanda de fuga, onde se alcança a rua. Na rua, a ratazana frinfa o nariz e dá cinquenta e quatro corridinhas para chegar à lata de lixo, onde uma multidão de baratas faz a festa. Um lava-cu solitário sobrevoa a sarjeta e pousa elegante na poça. Levantando calmo as pernas, ele roça a extremidade do cu na poça plácida. A noite insone é cheia de vida e safadeza. Tem Rasga Mortalha, sariguês roendo cascas de banana, camundongos em fila indiana, atrapalhados detrás da matriarca, Dona Ratazana de Tal, mãe de quatrocentos bruguelos esfomeados. Ela aderna – mãe e mestra – quicando um som de comando que só quem a contempla insone, como eu, reconhece.

Nessa rua, não passa um carro, mas a coruja Rasga Mortalha se encarrega de rasgar igual pneu chispando no asfalto, cházzz, nesse silêncio indormido. Onde? Foi a coruja ou foi um carro mesmo, cházz, acelerando na Avenida Oceânica?

Foi um carro sim. Acabou-se a noite pura dos mafuás insones, o silêncio precioso da noite indormida. É um carro sim! E ele traz voando atrás de si em poeira e ventania o lixo pobre das ruas despertas: cascas de amendoim, latinhas amassadas, contas de bar, filipetas de *shows* imperdíveis e muitos baratões mortos, voando

atrás dos pneus para parecerem vivos. São esses, os começos da madrugada.

Depois disso, o mundo amarela, a rua vai ficando cinza, e a noite se esconde encabulada. O dia começa de novo, com a sua claridade impune.



## HÁ MAR?

Ando meio à deriva. Imbico a proa em direção à rua e sinto o casco arranhar. No fundo, este oceano de metáforas não me levará a nada. Preciso inventar âncoras que me sustentem, ventos que me levem às enseadas. Bem faz quem escreve de bem com as palavras. Se dói aqui diz: – Ai, doeu! Se pena de amor: – Ai, que coisa, o amor me consome. E sai por aí sem prestar reverência a nada, como uma lagarta no pé de maracujá, comendo sem culpa.

Ando descrente das genialidades literárias, sargachos na praia. Prefiro ser um besouro removendo a excrescência, que alçar grandiloquente ao altar das besteiras essenciais.

Eis aqui um texto pra nada. Queria mesmo era desfiar o dia a dia, a contradição que é ser feliz nesta cidade, Araca-

ju liliputiana, destamanhinho, contar que estou morando só pela primeira vez na vida, de como inventei uma calmaria quotidiana e, sereno, de como me sinto bem sem companhias. Não é tão doloroso amanhecer só.

E, em amanhecendo só, poder de vez em quando saltar o muro, invadir o quintal do vizinho e voltar, ladino, apaixonado por uma poltrona velha, que aderna o seu resto de nobreza na maré-memória, entre latas de sardinha e jornais antigos. Quero ela, quero ela!

Agora, posso me especializar nesses pequenos furtos: uma moldura silenciosa, um velho armador de rede enferrujado, um toco de vela salva da consumição, um sapato sem par com a sola entreaberta me dizendo: – Vamos, eu inda sou capaz de morder o fígado das praças! Ou embicar de vez em direção ao mar. Há mar?



## A TOPADA

No meio da rua subindo o beco das tardes malditas, eis que deu uma topada e trambicou pra frente pensando rápido, mas não é a topada o que nos bota pra frente como tem dito todo mundo, que esbarra no desequilíbrio de si próprio por velhice mesmo ou pela inação, que provoca aquela fraqueza de pernas de quem não sabe por onde voltar à postura horizontal, nem conhece mais a vida da cintura pra baixo. Ali, onde as emoções terrenas que foram se acumulando ao rés do chão, cresceram – ao encontro da sua cara espantada a caminho da pedra dura alvoroçando os cabelos de susto num esgar de gibi, contorcendo a boca – as mãos apalmando nada, tombando toda pose e retidão numa topada. Plaft!

Num átimo, veio-lhe a constatação: “Eita porra, tô velho!”. O calçado cansado de mastigar o fel das ruas. Sapatos banguelas, que já não mordem os menores estorvos, não o livram dos empecilhos no caminho. Ainda conseguiu pensar enquanto caía de rosto e estupefação na imundície da rua. Pensou: “Será aqui que eu enterro a pose heráldica, esbagaçando em detritos a estátua perenal da

minha triste figura claudicante – vaidade demais para os caminhos caminháveis a mim –, móbile de Deus”, que acreditava ser velho demais para trafegar incólume, com promessas de imortalidade se acabando, aqui numa topada, a vida apolínea; que julgava ter enquanto se desca-minhava atrapalhada a memória de si numa topada.

Reivindicou uma remota possibilidade do equilíbrio e concedeu-se a ilusão de horizontes marginais como as terríveis horizontalidades dos pôres-de-sol, que tentou descrever, com as virtudes consensuais de quem enfrenta a vida de testa altaneira para as fímbrias do mar, o marulho sempre preciso como as calçadas da cidade que lhe perseguem, usina de palavras vãs, que o sustinham de pé no meio dessa rua desconhecida, onde ele tropeçava e antes de cair indagava se os contrassensos horizontais lhe devolveriam à besteira do mundo, visto na postura apolínea quando ele caía estupefato de cara linda e glórias maquiadas na dureza do asfalto?

O olho baço vê apenas um poste de luz enfiado no céu. Transversalidade.



# CRISTÃO DESCOLADO

Sou católico batizado. E aiaiai se não o fosse! Nos domínios de Dona Emiliana Nery, a tia-avó que me criou, teria sido uma confusão dos infernos se mamãe Corina não me tivesse entregue aos mistérios da pia batismal, ainda que a contragosto. Para Corina, tanto fazia o céu como o inferno. A família era tudo, e o demônio podia muito bem ser enxotado de casa a cabo de vassoura.

Fui dado como cria a minha tia Emiliana e sete anos servi a sua devoção católica. Como coroinha rebelde, sem direito a balançar os turíbulos, por causa dos pecados solitários confessados ao pároco, ou como iniciado na Cruzada Infantil, cujo maior benefício eclesiástico era desfilar com uma bata honorífica, de vistosa seda amarela com monogramas bordados nas procissões da Senhora D'Ajuda em Itaporanga. Nada que me tornasse especialmente devoto.

Aliás, confesso: a pompa das igrejas católicas era o que me interessava: o perfume adormecido das adálias desfolhadas no silêncio dos altares; o mistério dos sacrá-

rios rebrilhando em raios dourados; a genuflexão contrita diante do imponderável sempre me fascinaram. Nem precisavam me catequizar. Calado, circunspecto, eu tremia estertores beatos no coraçãozinho de poeta infante diante dos mistérios divinos. Inda hoje acendo vela para Santo Antônio, e ele me tem atendido. Vão com suas agnostidades pra lá. Não era à toa que eu acompanhava cantando, sentado na calçada de casa na "Hora do Ângelus", a Ave Maria de Gounod, que o padre tocava no alto-falante da igreja, para deleite do rebanho itaporanguense.

Mas eu tinha uma tia-avó, Maria Duzanjos, que era a "crente" da família e a mais sábia, a mais intelectual. Presbiteriana, ela me levou para os lados diversos do cristianismo. Quando íamos a Simão Dias, ela me levava, bem-vestido, aos domingos, ao Culto da Igreja Presbiteriana. Grandes prazeres estéticos e espirituais essas tardes me deram.

Descrevo o templo: tudo gente bonita, pacífica e cheirosa. No ar, um astral confortável de orações essencialmente humanas, o som do órgão e as canções legíveis no hinário compartilhado; a congregação aconchegante e irmanada. Os rituais protestantes são convivências mais próximas da prática cristã. Juro, pelo glorioso Santo Antônio, que foi ali que eu aprendi a reconhecer a exaltação e o silêncio, o cântico como oferenda e congratamento, a música buscando os ouvidos de Deus. Dedi-quei um bom tempo da minha vida ao estudo obstinado

da filosofia Rosacruz, mas por mais que tentasse nunca consegui entender os seus mistérios mais elementares. Então, recorri, para salvação da minha alma, às práticas transcendentais da cultura oriental, mas como alcançar a serenidade tendo na alma tanta inquietação? Juro que nunca consegui sentar em posição de lótus. As juntas não aceitavam e os mantras se embaralhavam no desconforto do corpo.

Tempos depois, eu adentrei num terreiro do candomblé. Lá, conheci as entidades espirituais e entendi melhor os meus defeitos. Dancei, suei meus pecados sob o baticum dos atabaques, reconheci os liames da fé e seus limites entre esta vida e a eternidade. Lá, reconheci Oxalá Guian, a entidade que me assiste no candomblé.

Agora, descanso minhas inquietações religiosas no Kardecismo, que considero uma ciência da fé, uma resposta, proposta de evolução e receita de serenidade. Creio, definitivamente, nas revelações do Kardecismo para nos conduzir às melhores práticas espirituais.

Se a minha tia Emiliana viva fosse me condenaria a quatrocentos "Pai Nosso" e cinco dias de jejum. Ela jamais entenderia que eu, batizado nos santos óleos da pia baptismal, na Igreja de Nossa Senhora D'Ajuda, em Itaporanga, acabaria assim: um cristão descolado.



## O CONTO FRUSTRADO

Levantou-se da cama agarrado a uma pasta preta, porém podre, posto que pobre, mas achou essa onomatopeia uma bosta e preferiu não levá-la adiante.

Pegou um saco de supermercado na gaveta da cozinha e enfiou nele uns papéis emocionados que haveriam de causar laivos de indignação ao presente texto. Queria que o leitor sentisse pena dele.

A receita da menina a aviar na farmácia, as faturas do mês ordenadas de acordo com a antiguidade delas e o percentual de juros cobrados por cada dia de atraso. Depois, notou que estava enveredando em comiserações enfadonhas e parou de escrever. A porra é quem vai revelar ao mundo esta miséria pegajosa de literatura mal-resolvida.

Voltou à misteriosa pasta escura e sebosa, senão esta história acabaria aqui. Agora ficou pesado continuar, porque dentro dela quilos de papeis seriam úteis ao desenrolar da narração: um jornal velho onde se respondia à enquete sobre o vômito de Judas e um envelope par-

do, contendo todas as dissertações ginasiais que fizera, sem muito esforço, contando os eflúvios olorosos que lhe despertaram um domingo no campo, a insofismável dissertação “Visita ao Zoológico” e um arrazoado alentado sobre um livro do pensador católico Dom Tihamer Toth, acerca do papel da juventude no mundo hodierno. Guardara ali, também, os óculos da tia Emiliana Nery e um broche dourado, que ela usava para sair. Não achou isto muito engraçado, mas, enfim, precisava de humor neste conto tão sério.

Deu alguns passos para afastar-se do infeliz período anterior, onde não dissera bulhufas de nada, e tossiu. Do peito augusto, expulsou uma bolinha de catarro verde-anil, o que lhe acrescentou mais duas linhas pueris ao conto frustrado.

Foi, então, que se lembrou do caderninho de metáforas e hipérboles, que guardara na mesma escrivaninha onde vivia uma comunidade de advérbios ressocializados, uma mesóclise ermitã e um enxame de pronomes indomados, serventias e textos amalucados, que costumam impressionar aos acadêmicos. Deu pulos de alegria! Com eles, seguiria adiante beletreando e beletreando, construindo achados metafóricos de pirotecnia invulgar, o leitor babando e suspirando em entrecortados ais.

Aí lhe deu um sarrabuio da peste na cabeça, o que lhe restava de genialidade não daria um pé de página; ele

jamais chegaria aos píncaros da glória pingando suor no meio da página.

Dá licença, leitor, vou deletá-lo.

Se o leitor quiser, que o leve para casa e faça com ele o conto que lhe aprouver. Ora bolas!



## BOLETIM MÉDICO

Acometeu-me uma dor queimando por dentro da perna, manifesta quando estou de pé e aplacada quando deito, ou sento. Vai do encaixe do fêmur, no osso pélvico, até o fim da canela, detonando o meu restinho de elegância – esta postura mocronga, que parece encantar a uns poucos desavisados.

Assim, todo dolorido, enfrentei num coquetel elegante os piores desconfortos. Disfarçando a miserável dor, compareci, pois um entrevado também tem direito ao *glamour* social. De cara, tentei dizer a um colunista social o quanto adorava o cabelo chapinhado, que ele agitava rebelde sobre a testa, mas a careta que saiu me atalhou a mentira. Um desastre!

Foi uma noite difícil. Derreado num pufe preto, de providenciais rodinhas, mal conseguia dirigir mungangas ao lépido garçom, que praticava uma espécie de modalidade olímpica com a bandeja de *whisky*, sempre a cem metros com barreiras de mim. Comidinhas, nem pensar. Estavam a quilômetros, numa disputada mesa

de anáguas brancas, decorada com cravos de defunto e luzidias panelas inox. Inda pensei em apresentar privilégios de idoso, mas vendo bem, na fila que se estendia por cinco voltas no salão, os meus sessenta anos seria pinto. Sinta o drama!

A querida cronista Sacuntala – quem melhor mistura tribos nos salões aracajuanos – espera de seus convidados, agilidade confraterna e disponibilidade avestrusca para papinhos sociais tipo *como vai, fulano, nunca mais nos vimos, parece até que moramos em São Paulo!* E eu, tão preparado para esses frufus, aleijadamente indisponível. Ainda bem que pude, ao chegar o ex-governador Albano Franco, arregimentar energia numa vênica regulamentar, agradecido pelo telefonema, que o branquelo me concede, no aniversário: –Amaraaaaa! Meus parabéééns! E o indefectível arremate: – Você é meu amigo!

Mas ando em busca de cura: o amigo Correinha, cuja danação se autoperdoa na metafísica, me receitou as massagens ayurvédicas (ou que tais), algo que se constitui uma tourada psicossomática com uma senhora iluminada que torce e retorce o corpo para enxugar a alma. Já outro, de barbas proféticas e olhinhos de bandido, vaticinou: – É consequência da sua diabetes; circulação sanguínea. A perna vai secar. Já cabe amputação. E me remeteu (flor da simpatia) aos cuidados geriátricos inadiáveis.

Apois sim! Marquei médico na Previdência.



# QUERIDO SENHOR DO TEMPO

Preparei-me para a chuvona que você anunciou para este final de semana, em Aracaju, separando ao pé da cama uma ceroula de lã e um velho casaquinho de alpaca, que comprei de um índio velho no Peru. Vai que a coisa esfria e eu já não sou tão imune às friagens como antes, quando eu gostava de brincar na correnteza das sarjetas, que fluíam aos borbotões durante as chuvas mais grossas nas ruas da minha infância.

Botei umas bacias na linha certa das goteiras e acendi uma vela de sete dias ao meu orixá de cabeça, Oxalá Guian, encomendando-lhe o bem-estar da cidade e, principalmente, o meu, debaixo dos lençóis, onde pretendia passar o tal domingo chuvoso. Mas a chuva chegou ao meu quintal com pé lá e outro cá, como moça donzela espiando o namorado, se escondendo por detrás do pé de aroeira que, de tão velho, já não esconde nada. Deve ter olhado para mim, tão enlevado com a possibilidade de passar o dia debaixo dos lençóis, cur-

tindo o cheiro adocicado dos meus próprios suores. Sou meio que viciado nesta autocheiração e acho divino conhecer-me fedendo de preguiça e inatividade, às altas horas do dia, sem banho matinal ou qualquer outra providência profilática. Um domingo chuvoso é tudo o que eu preciso para ser feliz.

espondiam ao rugido dos trovões que animavam os céus, cada um mais trovejante e ameaçador, cada papouco, seguido de raios de luz estridente, como se agora sim, o aguaceiro fosse baixar terrível sobre minha casa e destruir minhas plantinhas; que fosse lascar o chão do meu quintal e, finalmente, derrubar o alquebrado pé de Aroeira, que já pede pra morrer de velho e me afronta arrancando com as raízes as pedras do calçamento; mas eu não o deixo tombar definitivamente e boto, a cada dia, um novo calço no tronco enrugado. Ainda não estou preparado para esta despedida.

Então, a chuva desistiu de chover e se foi. De vez em quando, eu a ouço rugir por outras bandas. Deus ajude que seja pros lados do sertão, onde ela desce como uma bênção divina, a esperada das gentes, que se recusou a embalar a minha mocosidade para distribuir-se prodigamente onde será mais útil.

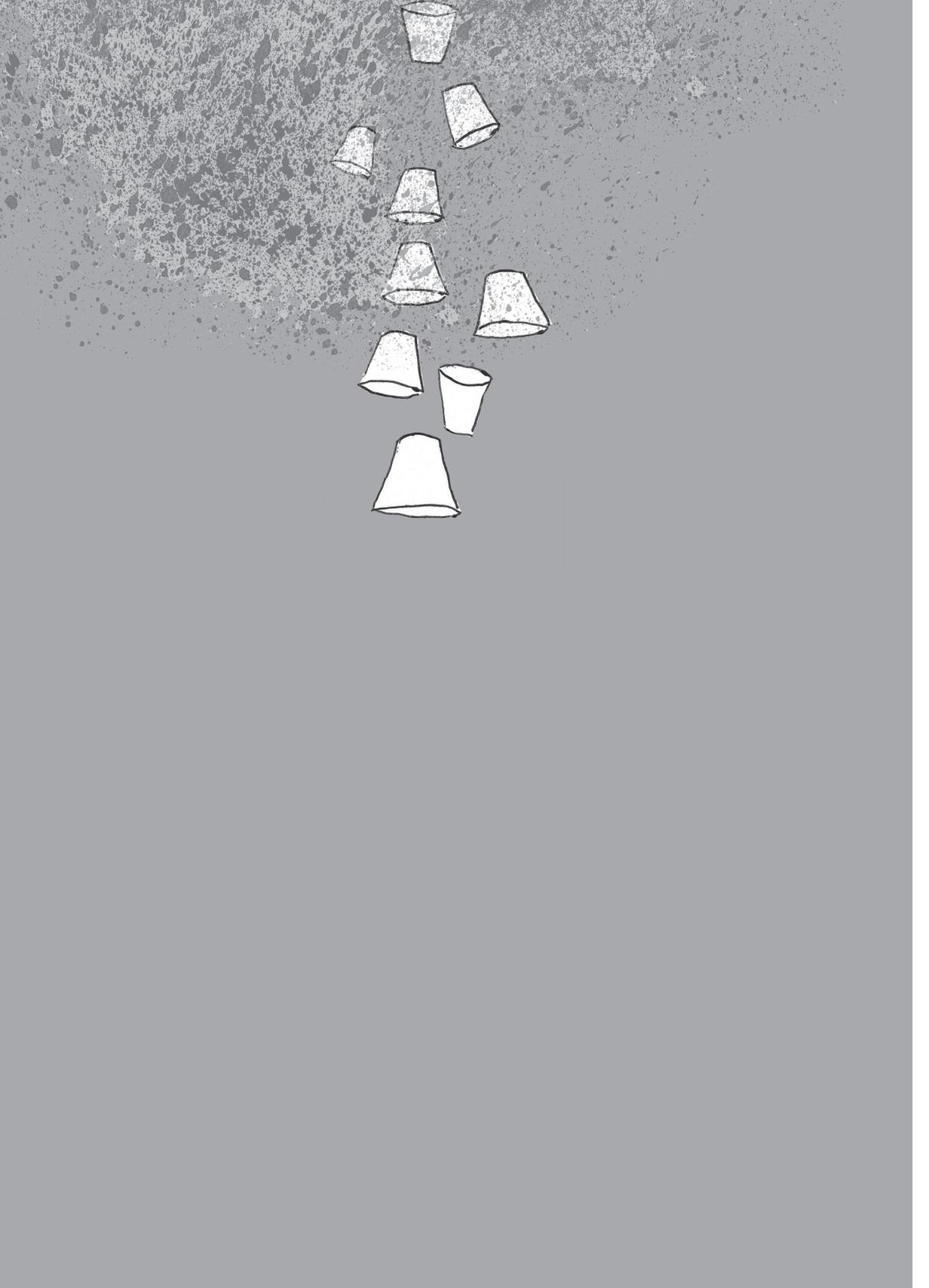
Senhor do tempo, o tempo é uma mentira!



# DE BAR EM BAR

**257** | CRÔNICAS  
DA VIDA  
SERGIPANA







## O PANELA DA ARTE

A Atalaia era uma maré verde, o matagal brincando de tanger o mar de volta à imensidão. Depois da Boate Tio Zé, os caminhos respeitáveis se acabavam. Além, só os grauçás conviviam entre trilhas abertas por pescadores afoitos e amantes em busca de esconderijo para o bem-bom do amor sem testemunhas. Era o “Motel das Estrelas”, providencial abrigo para fodelações baratas. Era fácil tanger a conquista amorosa para o meio do matagal e, sob o teto de estrelas, gozar até que a madrugada dissesse basta ou um grauçá enxerido nos mordesse as partes.

Foi, então, que Ricardo Batata abriu, naquelas lonjuras, o bar “Panela da Arte”. Ficava a não sei quantos metros da fronteira permitida, lá dentro do maravilhoso matagal, onde só ia quem tinha negócio. O “Panela” foi o lugar onde curtíamos o que nos tornava a juventude dourada de então.

Muito gererê, o bode amarrado em viagens intransponíveis, noias particulares. De vez em quando, um “Sunshi-

ne” – gota lisérgica, transportada das ilhas britânicas para cá – remetia a maluquice sergipana à onda universal do autoconhecimento, ao escancarar mental que o LSD proporcionava às jovens cabeças de então. Tomei vários ácidos, e não me arrependo disso, embora não o prescreva, hoje, para ninguém.

Adorávamos ficar de bobeira, rindo das florezinhas na estrada, da felicidade que nos vinha em cores, o mundo muito mais belo e solidário, percebido além da realidade. Estávamos bem, compartilhando alegria de sensações universais.

O “Panela” consistia em dezenas de almofadas no chão, iluminado por lâmpadas “estreboscópicas” ou de luz negra, e som pauleira pulsando a casa inteira. Com o universo escorregando entre os dedos, era-nos permitido viajar nos territórios psicodélicos da alma em busca das prometidas trilhas da Era de *Aquarius*.

Lá, acendíamos fogueiras à melhor arte de então: das artes plásticas à literatura, de Yonésco a Pirandello, do balé russo às invenções de Alvin Ailey e, finalmente, à liberação da dança em filmes como “Hair” e “Jesus Cristo Superstar”, exibidos pelo querido César Macieira para deleite geral.

Na hora de pagar a conta era assim: cada um avaliava a sua. Servir-se também era liberado: tinha almôndegas de caixa para quem queria fritá-las, sucos de maracujá, graviola e iscas de fígado. Mas o maluco que as quises-

se, que fosse para cozinha preparar o seu repasto. Ricardo Batata estaria ali ou alhures, talvez nas praças de Amsterdam – um dono de bar sem conta para apresentar. Nunca um bar mereceu tanto a memória da nossa geração quanto o “Panela da Arte”.

É isso aí, bicho!



# DO VAQUEIRO AO MAÑEQUITO

Ninguém conseguia arrancar Luiz do Vaqueiro da sua cadeira de balanço na cozinha, só se fosse para atender a um desembargador ou algo que o valha, porque Luiz não era mole, não. Sorridente e bonachão, tinha lá seus princípios. Um deles era o de que um filho de Deus, mesmo sendo dono do mais concorrido bar da Atalaia, merecia descanso quando bem quisesse. “Tenho empregado é pra isso” dizia, mas quando Deus dava bom tempo era uma moça no trato com os amigos e uma fera com qualquer bagunça.

Lá mesmo, não! Quisesse tocar seu iê-iê-iê que fosse pras dunas, onde aquela idiotice proliferava. Já as situações de amigação duvidosa e transgressões matrimoniais eram permitidas, desde que na entoca de uma mesa discreta e sem nenhuma safadeza visível.

De Vaqueiro, o bar do Luiz, só tinha o nome: especializado em moquecas sergipanas com muito coco, um

tiquinho de dendê, atendia a um filé com fritas fazendo munganga, debicando do freguês. Um bife à parmegiana, tão em moda entre os elegantes da época, saía sim, mas debaixo de quatro tuncos.

Atração musical, propriamente, ainda não existia, mas lá estavam em mesa, bancada por Hugo Costa, o seresteiro Antônio Teles e o cantor Lourão, de vez em quando o sopro de Medeiros, o violão de Macêpa e a voz maviosa de Nicinha Santos, debulhando boleros e guarânias.

O “Balneário”, primeira construção vetusta na praia de Atalaia, fora construído no governo Leandro Maciel, por volta de 1958, e completava com a pista asfáltica, onde se incluía uma ponte nova e o Aeroporto Santa Maria – as atenciosas melhorias que o governo apresentava a uma Aracaju que se descobria capaz de grandes transformações.

A iniciativa privada chegou afoita: primeiro Zé, o irmão, depois Luiz assumiu a empreitada, transformando o “Balneário” no “Vaqueiro”, de quem trato aqui por conhecê-lo como a palma da mão. Muitas vezes, fui levado para a cozinha pra acomodar o facho, degustando com Luiz um resto de camarão ao alho, cada um destamanho!

O bar passou de Luiz para Rivaldo, o seu último dono, e a evolução estética no local tornou-se visível. Amante das artes, Rivaldo mudou o nome para “Tropeiro”, criou uma ala *vip*, onde instalou um belo mural de Joubert e

chamou pra lá os artistas de então. Amorosa, esta cantora nossa de tantos predicados, apareceu no Vaqueiro em início de carreira, quicando sua energia itabaianense para deleite nosso.

Saindo do Vaqueiro, convinha dar uma passadinha no vizinho "Bar da Burguesia" para tomar um *Cleper*, bebida inventada pelo dono para substituir o Cuba Libre, já fora de moda, e atrair a moçada politizada urdindo contragolpes intelectuais contra a ditadura e declamando Maiakovski. O dono Seu Burguesia, um velho comunista de sólidas posições, adotara este apelido desonroso, talvez para debicar da História.

Depois, vinha o Barbudo's, onde eu certamente estaria nas delícias homéricas das curtições etílicas. A trinta passos do Vaqueiro ficava o templo homérico das transgressões mais malucas, a bodega do velho pescador Manequito, um gigantesco preto-retinto, de manoplas incomensuráveis e voz suave, idílico, contando coisas do mar, difíceis de acreditar: arraias que assombravam o mundo, caranguejos dançando gafeira, camarões de barba branca e tempestades dignas de qualquer Ulisses.

Enquanto a moçada navegava no alto-mar das lorotas, ria bonito o velho negão gigante, servindo pros bebuns a pilombeta esquelética, que lhe rendia alguns trocados. Também era um bar de cheiro insinuante: a despudorada sovaqueira do proprietário invadia em feromônios o casto nariz das donzelas. Diz-se dele que nunca calçou

um sapato; os pés cinquenta e tanto nunca encontraram calçados que os abrigassem. E era sempre de pés no chão que nos atendia, abrindo folgazão suas garrafas de batida. A atração da casa “Tem de tudo quanto é coisa!” e mostrava na prateleira a fileira de litros arrolhados com capuco de milho.

Bebi de todas, mas a melhor, meu branco, era a de murici, que travava o gogó e batia imediatamente no juízo do freguês. Nunca se viu igual.



## DO LUMIAR AO CIO DA TERRA

Tenho alguma lembrança do Bar Lumiar. Ficava lá pra dentro da Atalaia, ao pé de uma ladeira íngreme, despoçada, que poucos ousavam escalar. Fim de mundo só permitido a quem sabia onde a cortiça se escondia. Quer dizer: nós todos, os macrobióticos, empanturrados de arroz integral e grão de bico, mas ainda bêbados do *Cuba Libre* que nos anesthesiava, parávamos por lá. Uma parada que se nos prestava muito bem naqueles confusos idos, quando bastava um público qualquer e um tiquinho só de concordância para a satisfação do nosso ego.

A casa tinha muros de cobrogó, delimitando o pedaço, mas eram baixinhos, facilmente galgáveis. Jardins extensos e avarandados nos quatro lados, que o dono enchera de mesas e caqueiros para acomodar a moçada moderna, o público pagante, que adorava conviver com os alternativos. Os alternativos éramos nós, os artistas, a mais interessante maluquice dos Aracajus nos anos setenta.

Era um lugar pretensamente *chic*, onde um quebrado qualquer, trepado no muro com uma cerveja quente e, sequer, algum dinheiro pra repeti-la, tinha permissão de ficar enfeitando a casa como atração.

O barato da Atalaia já não era o coqueiro postal, nem os coloridos casebres dos pescadores, nem caranguejos descomuns com garras enormes quebradas por turistas nos bares da orla. Era o folclore cedendo moda aos estranhos poetas, que intrigavam a cidade: cabeleiras ao vento, panos mínimos cobrindo excitações explícitas, um circo de possibilidades estéticas e permissividades afetivas. Belas crianças loucas anunciando a maravilhosa Era de *Aquarius*. Muito doidos, pois sim, como costumávamos ser os poetas de então.

Curtimos uma maluquice engraçada, trepados no muro do Lumiar. Depois, ficou fácil ao Cio da Terra aparecer. Já bem pra cá, perto do mar, Fitti abriu um bar diferente – o “Cio da Terra” era nosso! Lá estavam Erê em libertárias performances, Joubert, o artista completo da nossa geração, Ilma Fontes – mãezona de todos nós – e os melhores fotógrafos, poetas, dançarinos, atores sem palco. As mais belas figuras que Aracaju tinha a oferecer.

No Cio da Terra, consultávamos o I Chig declamando Omar Kayan e ouvíamos Ravi Shankar em posição de Lótus. Caetano e Gil, Ednardo e Belchior, Raul Seixas nem se fala, mas era lansã, que nos perfumava a noite e meu pai Oxalá, o nosso guia.

O Cio da Terra retornou à aldeia certo sincretismo perdido, que a minha geração restaurou. A inusitada incursão oriental nos revelara o caminho das pedras: a poesia tropical, deslumbrante e colorida, era mais velha que os Pedr'Alvares Cabral, que nos acinzentavam a história. Soubemos, então, os Hippies e Beatniks, que o mundo era mesmo redondo e que a nossa arte podia ir além das geografias.

A luz no Cio era pouquinha, que o brilho maior teria que ser o nosso. Os frequentes – que já chegavam ligados – eram somente os permitidos. E o papo, ora meu Deus, sempre em torno da mais interessante novidade: de Andy Warhol a Debret, de Oscar Wilde a Jean Genet, e, se faltasse viagem, Jean Paul Sartre na veia. No Cio da Terra, estávamos expostos a um turbilhão de possibilidades estéticas, e a arte era moeda corrente. A preciosa maluquice, também.

De uma noitada lá, eu lembro bem: em homenagem a Eric Clapton, o bailarino Erê resolveu aparecer envolto em parcas peles, encarnando um majestoso Guaxinim, decidido a incluir na programação do bar o *blues* reinante em nosso quintal. Inaugurava Erê uma coreografia nova, felina, refazendo-se em formas e lubricidade. Ora gemendo um coito, ora acendendo estrelas, sempre excitante e belo, até que o bar se desfizesse numa madrugada improvável, todos roendo a parede do vizinho, os olhos cheios de noturnidades, fartos do confinamento que o próprio bar nos impunha.

Acabamos no mar. Lindos, bêbados e nus.



## O BARRACÃO

Viajávamos num submarino amarelo, movidos pelo gás psicodélico da contracultura. O destino eram os oceanos de paz e amor, que banhavam o mundo. Na colorida década de sessenta, éramos Hippies, sim senhor! Foi então que voltou Luiz Adelmo, regressando de experiências cariocas, onde aprendeu as demandas do consumo cultural e suas possibilidades comerciais. Trazia histórias de arrepiar. Intimidade com as estrelas, notícias de um mundo fantástico, que existia pra lá do Vaza Barris, no Sul Maravilha do Teatro Opinião, nos bares de Ipanema e nas luzes estroboscópicas do Hippopotamus. Adelmo sempre foi um visionário e voltou na hora certa.

Abriu o primeiro bar multicultural de Aracaju, o “Barracão”, em imóvel alugado na exígua Atalaia. Virou moda! Foi o Bar que nos acostumou a rumar para a praia, fosse como fosse, de marinete ou de carrão, de carona ou dissimulado no transporte da Bomfim, para encontrar consonância e abrigo psicodélico num bar que reunia tudo. Todo mundo ia!

E era chique! Primeiro, ele pintou grandes margaridas sob fundo azul no muro da calçada, depois inventou noites temáticas, como a do “Amor e paz”, devidamente decorada em celofanes e flores multicoloridas. Tratou também de matinês políticas, onde a turma dos “engajados” tramasse a derrocada de qualquer poder, encorajados pela valentia etílica de alguns engradados de cerveja. Logo depois, teve de consentir bailes de máscara e outros rococós, para contentamento da freguesia gastante. Tudo bem! E se não fosse ali, onde haveríamos de estar? A pista que trazia Aracaju à Atalaia nunca estivera tão congestionada!

Mas a missão de Luiz não foi fácil! Toda vez que ele promovia uma festa, acabava em briga de murro. Rapazes brigões se afirmavam assim: no esfrega-esfrega da luta corporal. Mesas de pernas pro ar, contas sem dono, prejuízo irrecuperável e intimações policiais resultavam sempre. Chegou o dia em que não deu mais pra segurar e Luiz Adelmo foi tratar de vida melhor em outros ramos.



## O BARRACO DE BOA-MORTE

Boa-Morte era um sujeito bem de vida. Qualquer petroleiro na década de setenta, em Aracaju, como ele, era um cidadão com a vida arrumada e grande importância social. Afinal, eles amealhavam no final do mês um invejável salário, namoravam as coroas mais enxutas, tinham crédito ilimitado na loja Gavetão, assento cativo no Mira-Mar e mesa especial no restaurante do Hotel Palace, com direito a um cálice de licor por conta da casa.

O petroleiro Boa-Morte foi mais além: era o rei da noite com o seu Barraco, instalado na esquina do Hotel Beira Mar, lugar das maiores doidices nos primórdios da Atalaia. O que teria levado Boa-Morte a se envolver em negócio de bar? Pela renda não seria, que no Barraco dele o “devo” era federal. Seria, então, para dispor, ganhão que acreditava ser, da recém-descoberta liberalidade de costumes e do amor livre, tão em voga nos idos setenta? Sabe-se lá!

O certo é que o Barraco era um respiradouro de modernas emoções, o barulhento templo da moçada liberal, único no gênero e memorável sempre. O melhor de lá era a intimidade dos garçons, comparsas da patuleia, que se misturava à doídice geral. Deles, dois merecem memória: Agapito e Bigode.

Bigode era enferruscado. Sério senhor de cinturão atachado no limite da virilha, contendo o inconveniente barrigão. Baixinho de cara séria e coração brincalhão estava ali, mas não estava, que a dele já se sabia: do Barraco voltava à família, onde, por certo, arrepiava contando os escândalos que presenciara no bar. Mas acontece que o devo era mais fácil com ele. Rara condição em coração de garçom essa cumplicidade de pai: – Seguro até amanhã, Boa-Morte nem vai saber! Bigode era o pai do penduro.

Já Agapito tinha muita história. Fora garçom do Vaqueiro, onde começara a enlouquecer, ajudado por uma geração de cineastas Super-8 em proliferação na década de 1970, que fazia cinema de tudo e que se divertia com isso. Convenceram-no de que ele era um caubói desaproveitado, capaz de glórias hollywoodianas! Agapito se acreditou o Rock Lane do Aracaju. Mas como apanhava! Num faroeste sergipano, dirigido por Wagner Ribeiro, ele apanhou tanto do mocinho que baixou hospital. Na cena seguinte, onde ele – o vilão – seria enforcado, a produção amarrou frouxa a corda, que o segurava pela cintura, enquanto o nó no pescoço lhe garantia a per-

formance de enforcado. Mas aprontaram com ele! Enquanto Agapito, já sem fôlego, esperneava por socorro, os pés querendo chão e a butuca do olho saltando em polvorosa, a trupe inteira morria de rir.

Deu-se então que, finalmente, Agapito, caubói, encheu de murros o cinegrafista, deu um tapa na continuísta, um safanão no maquiador e investiu aloprado: – Filhos da puta, vocês querem me matar?

Vai ver que por causa disso o nosso ator nunca chegou às telas de Luiz Severiano; por insubordinação no *set*. Agapito concedia ao público do Barraco algumas performances, como a do duelo no corredor de mesas, onde sacava, com rara velocidade, o abridor de garrafas. Pernas arqueadas, olhar feroz, beíço ocupado em transversais palitos e peito aberto a qualquer zum que desse ou viesse. Ploc, Ploc – com um saque veloz nos gargalos, ele ganhava sempre!

Agapito está vivo, mas já não conta de si, largado que está em nosso esquecimento. Vive no Mercado Central, onde instalou o seu mais inusitado *set* e virou compositor de certa *street music* que, um dia, ainda será ouvida.



# O PIANO'S BAR DO ZENÓBIO

***CUIDADO! Neste bar a natureza indomada de Zenóbio Alfano se precipita sobre os teclados. Irrompe de repente por aqui uma tempestade de sons tão poderosa, que pode arrancar da gente a lucidez, o tino...***

O Piano's Bar ficava na pracinha da Atalaia numa casa sem graça, enterrada meio metro abaixo da rua. Terá sido, nos primórdios, morada de pescador, ainda guardando nas paredes de reboco a fuligem de antigos candeeiros.

Duvido que algum outro bar nos anos 1980, tornasse Aracaju tão aldeia universal, irmã do mundo. Ali, a moçada inquieta se gastava em reverência à grande música, desde os lundus de Nepomuceno às lisergias de Pink Floyd, desde a serena Nara Leão aos espantos da tropicália. Essa cidade já foi assim.

Vamos entrar! Na varanda, sob a proteção de amendoeiras frondosas ficava a gataria sarada. Era onde a *jeunesse dorée* da província afiava as garras com o olhar cacheado e certo enfado fortuito. Eram os cobiçados pomos do jardim, delícias expostas como no éden; o pecado cor-de-rosa das maçãs. Adiante, no patamar da calçada, mesas de papo solto, onde os amantes se apalavravam, os amigos se queriam, os inimigos se reconciliavam. E lá pra dentro, sob um telhado de caibros tortos e a persistência de um sagui chamado Nico, guinchador de primeira e viciado em batata frita, dominava a melodia selvagem de Zenóbio Alfano, com seu piano envenenado a conduzir com danações e cânticos; um sabá de emoções coletivas.

O palco era no chão e cabia às mesas mais próximas suprir de uísque e reverência aos bruxos da orquestra. Era Pantera menino, um galgo de dedos tristes dedilhando o coração. Era Ademir, era o pequeno Fradinho, que acreditávamos ter conluio com o diabo, tal mefistofélica era a gravidade do seu baixo. Tuum! O som apolíneo do contrabaixo nos trazia à tona, quando o desesperado *jazz* afogava nos quintos dos infernos o descompassado coração da casa. Zenóbio, ao piano, um cataclismo sem limites, um gênio se esgarçando em sons como uma potestade louca a naufragar costados.

Na bateria, o timoneiro Paschoal, maneiro como se nem estivesse ali, manso e preciso. E, finalmente, a elegân-

cia de Alexandre, no trompete, a placidez do *intermezzo* apaziguando as águas como a providência de um farol conduzindo de volta nossas redes, pródigas de sonoros peixes-brilhos.

Assim, era o Piano's Bar.



# O CIRCO AMORAS E AMORES

Jorge Lins de Carvalho, visionário de uma geração vizinha a minha, definiu-se melhor do que muitos de nós, que ainda andamos por aí, tentando nos entregar a qualquer destino que nos reconheça. Jorge Lins sempre soube o que queria. Seu destino seria o teatro.

Era menino quando se maravilhou pelo palco. Vinha de família metida com essas coisas de arte e cultura – irmão do mestre Lineu, que deu à fotografia sergipana *status* de modernidade, e do professor Fernando Lins, um grande intelectual que até hoje nos brinda com a sua inteligência.

Era um guapo moreno, de cabelos cacheados, porte de Adamastor, dono de opinião e voz tonitruante, incapaz de passar despercebido em qualquer ato público ou nas intimidades étlicas. Junto com Eduardo Oliva, Paulo Lobo e César Macieira – sem esquecer Caio Matos e Vinicius Dantas – eram os cabeças de ponte, resguar-

dando a interação entre a minha geração e a deles. Trabalhamos juntos.

Jorge foi sempre teimoso. Tanto que ainda menino só queria saber dos proscênios. O teatro era, definitivamente, a dele, enquanto, para muitos de nós, amalucados na sofreguidão da juveniltude, era o que desse e viesse. A vida pela arte e a arte toda em conjunção com a vida, era o esotérico farnel que nos nutria nos parangolés dos anos de 1980. Complicados, doidos de invenção e irresponsabilidades, éramos a experimentação de tudo. Alguns, como eu, seguiram jogando com a cintura. Outros, capitularam.

De modo que Jorge Lins é, hoje, o que ele sempre quis ser: um ícone da sua geração, o único que permaneceu ativo na produção do teatro sem condução político-ideológica, um fazedor de arte pela arte, um produtor ativo, permanentemente em cena. Contido unicamente nas trincheiras do teatro, ele faz bonito.

Nos idos de 1980, ele instalou na Atalaia, lá pros lados da Praia dos Artistas, criada pelo *Folha da Praia*, em busca da amplidão Atlântica, o Circo Amoras e Amores: uma lona de circo sobre chão de brita, palco amplo, com iluminação e sonoplastia possível, dezenas de mesinhas de ferro, com os devidos logotipos de cervejarias e uma programação de *shows* pra lá de querida: músicos sergipanos, *sketches* teatrais, artistas alternativos e muita birita para aguentar o negócio.

Lá, todo mundo ia. A proximidade do mar dava-nos a sensação de que surfávamos a vida a seco. A arreben-tação dos nossos mergulhos, no marulho de um mun-do atemporal, fazia-nos deslizar sobre a crista da onda como se fôssemos eternos.

Bela loucura juvenil. Inesquecível! Aracaju nunca foi mais bonita do que quando acalentava as ondas do Atlântico bebendo no Circo Amoras e Amores.



# O REVERTÉRIO DE BETTY DAVIS

Para mim, ainda inocentezinho nas malandragens, o que Hilton Lopes dizia era papo de João Sem Braço, viagem do coroa, pura empulhação:

– Esse bar 315 tem três níveis! Malandro deve se segurar nos dois de cima, que o de baixo é có-có. E falava, cocoré-bico-de-pato, enquanto magistrava a divisão de uma preciosa liamba, vinda de Paulo Afonso, pesada numa balança “Felizola”, que trazia no bagageiro da velha Rural Wyllys, apelidada por ele mesmo de Maria das Gamelas: – Um pra mim, um pra vocês, outro pra eu. No Aribé, é assim que se conta. E aperte logo a coisa, esse menino, que eu não sou boneco pra ficar de cara lisa!

Depois, cabeça feita e coração ardente, era no Bar 315, na mal afamada Praça da Rodoviária Velha, onde curtíamos a lombra. O ambiente abrigava uma babel de poesia, amores marginais e sonoras gargalhadas. Matávamos a larica com o talharim à bolonhesa – baratinho e

substancioso – que o cozinheiro Betty Davis preparava tão bem, mas só quando estava de bom humor. Quando não, atacado pelo erotismo que fluía no salão, ele subia nos saltos e vinha arrasar entre as mesas de espuma-deira em riste, a outra mão fazendo “asa de bule”:

– Quem é a boa aqui? Meninos, eu sou a malvada!

Em noites assim, ficavam suspensos os privilégios! Nada de ovo estrelado escondido debaixo do macarrão, nada de golinho de Dreher no parapeito da cozinha, nada de um tapinha na coisa mocosada, na cozinha para os namorados. Ela estava de bode, a Malvada.

O bar de Augusto, o 315, era uma academia de letras embaraçadas. Todo poeta marginal tinha guarida lá, todo artista se exibia, liam-se capítulos inteiros de Bertold Brechet, cantadas de Pasolini, poemas de Torquato Neto. Também, quem não tinha nada a ver se chegava e era servido à antropofagia reinante. Num canto, uma radiola estereofônica, controlada a punho de ferro pelo gosto do dono, repetia dez vezes Belchior, Ednardo, mansidões do mano Caetano, foêns Betânicos e Raul Seixas, sempre.

Era um lugar da pesada! Tanto que foi lá onde lancei o meu primeiro livro de poesias, “O Instante Amarelo”. O barato do lançamento foi o balé dançado por Pata Preta – um avantajado negão, que sonhava dançar o Lago dos Cisnes – sobre o balcão, pisoteando quatro quilos de

uvas enormes e cinquenta dalias brancas, que Augusto, meu brother, pagou pra mim.

Era um bar ecumênico, frequentado por figurinhas manjadas da sociedade local, tanto por escritores e poetas consagrados quanto pela fina flor do jornalismo local. Não era raro, no cu da madrugada, a presença de madames com seus longos tafetás e joias ao colo, vindas dos mais elegantes lates Clubes para limpar a alma com a cerveja geladinha e o macarrão da Beth Davis, naquele templo de contravenção e concupiscência.

Mas o que disse Hilton Lopes, no começo desta crônica? Que o Bar 315, estabelecido num galpão térreo, tinha três níveis. Saquei, depois, suas razões: no terceiro nível, por cima dos sonhos psicodélicos de uma geração, a bandeirice amenizada por uma engenhoca descolada pelo proprietário para disfarçar o olho avermelhado da freguesia lombrada, um mata-mosquito de lâmpadas azuis fluorescentes, que disfarçava tudo. No segundo nível, sobre restos de talharim, uma geração se gastando em fofocas e hipérboles sentimentais. Já, no terceiro nível, a real: por debaixo das mesas, pernas e pés se tocando, mãos afoitas se entrelaçando, códigos tramando encontros num frenesi de pecados.

O resto é cocoré bico-de-pato e quem for pato achate o bico.



## O BARBUDO CISMOU

– Agora, só vou andar de bata!

Hippie da costela oca, deslumbrado com as ondas do mar e com os peixinhos do céu, Henrique Barbudo, proprietário do Bar Barbudo's, no calçadão da Atalaia, era o guru do pedaço. O seu bar, na década de setenta, era uma espécie de repositório da inteligência contracultural, local de benfezas incursões ao psicodelismo em voga, portal de liberdades essenciais à plena formação intelectual de todos nós. O Bar Barbudo's nos agregava, amorosos e revolucionários. Até porque ostentava um grande cabedal de cheques sem fundos, espetados num inconveniente quadro de avisos, onde se divulgava a velhaquice reinante. No bar Barbudo's, era comum beber-se sem um puto no bolso e sair-se bem, como afirmação de invejável bandidagem. Também, com o dono do estabelecimento cheio de maconha até a tampa, o que nos restava fazer? Tome-lhe, devo, que amigo é pra essas coisas.

Henrique, no Barbudo's, era o grão-mestre de certa geração 1970, zuadenta e amorosa, que fazia do seu bar a trincheira da liberdade lisérgica, onde se misturavam a cidade careta e os malucos de então, numa zoadá infernal, num embate sacro, ritual, de inteligência e caretece. Afinal, era no Barbudo's, onde neguinho podia cheirar o sobaco capiloso da paquera para depois (quem sabe?), levá-la a catar conchinhas na praia. Daí pra zodiacais trepadas por traz das dunas, eram três nuvens só. O amor livre era o nosso Ato Institucional.

Henrique casou-se com uma morena de olhos lindos, em cerimônia *hippie* à beira da praia, coroado com trançadas margaridas e bata rebordada, uma mulher linda, de grandes olhos claros, siderais, que ele nos fez acreditar ter sido encontrada boiando na espuma do mar da Atalaia, numa plena maré lunar. Era o mais feliz de todos nós!

– Agora, só vou andar de bata, e das grandes, que é pra esculhambar, anunciou Henrique; e nós, os seus incautos amigos, achamos linda a viagem do maluco. Deu para só andar de bata sobre sunga mínima, cada uma mais bonita, e jurou que jamais usaria outra veste, enquanto vida tivesse.

Pois bem. Um dia foi Henrique de kafta longo e florido tratar, no Banco do Estado, de visitar suas parcas economias. Não deu certo: barrado por um segurança pela inconveniência das vestes, armou o maior barraco. Que a sociedade capitalista era uma bosta, que Che Guevara

não morreu, que a revolução socialista já vinha dobrando os contrafortes do late Club e (sabe do que mais?) que ele portava um cheque devolvido, assinado pelo bam-ban-bam do Banco e que, diante disso, ele passava a ser, naquele momento, não um *hippie* de kafta, mas o próprio armagedom da história, um homem-bomba capaz de explodir a honra daquela instituição bancária.

Juntou gente, a notícia se espalhou pelo calçadão e coube a nós – a mim e ao jornalista Fernando Sávio, que tomávamos uma fresca no banco dos brocha em pleno calçadão da João Pessoa – a tarefa de explicar aos guardas que aquilo era moda, que em Woodstock todo mundo se vestia assim... Mas não adiantou. O que valeu mesmo foi a do velho chavão: “Deixa pra lá, meu irmão, o homem é conhecido do governador!”. Foi imediatamente liberado.



## PENETRANDO NA ATLÉTICA

A noite começou daquelas! Dos degraus da Catedral à Ponte do Imperador, andamos mais ou menos umas vinte andadas pra lá e pra cá, colocando a cabeça em ordem:

– Vitória caiu! Os “home” fizeram um cerco na Praça da Bandeira, deram baculejo em tudo. Só sobrou uma merrequinha com Mané Liamba.

– Mas eu tenho! Disse Harolno, catando no bolso uma berlota entrouxada.

–Vamos matar esta coisa que a noite vai ser massa!

Aí, já assumia Waltinho, mestre apertador como não havia igual. Éramos cinco, cada qual mais espalhafatoso. Eu mesmo, um jardim suspenso em tamanco de tábuas e coro cru, calça florida de cordãozinho na cintura, bata de voal e farta bigodeira. Cabelo domado num rabo de cavalo, finalizado num tufo crespo, duro de conter. Melhorzinho só Evandro, já bancário do Banese, em gabardine

e ban lon. Popó, já chinês e querendo mais, sobraçava a sua providencial maleta farmacológica, onde havia de um tudo: desde o xarope Romilar aos mais disputados comprimidos. Estávamos devidamente apetrechados.

Cruzávamos ene vezes a passarela da Sorveteria Iara, com a maior cara cínica, imbuídos da sagrada missão de descolar uma coisa – que a noite ia ser massa! E foi.

Primeiro, uma talagada de Pitu no Beco do Mijo, depois, uma festa de arromba: os 15 anos de Maria Odília na Associação Atlética com a banda Los Guarany e tudo de cima. O porém é que só havia um convite, e assim mesmo afanado. Dirigido a Meyre Barreto, por artes e ofícios, foi parar nos pertences do seu mano Ismar. Valeu pros cinco, depois de uma conversinha animada com o porteiro Geraldão, ali no beco.

Geraldo, um avantajado negão, conhecido pelas suas malcriações eróticas, calhou que quedava a asa por um de nós. Ora! O que é que tem? Por uma noite massa, até que valeu a pena! Quem foi o encarregado da tramoia eu não digo, nem sob tortura.

Lá dentro, pura nata! Menininhas de longo e saltinhos colegiais, não paravam quietas. Por qualquer coca-cola, atravessavam o salão arrufando os panos em adeusinhos e pivôs. As mães, arfando no peito berloques de um conto e tanto, marcavam presença: – Lucila, se aquieta menina!

Já os pais, dando graças a Deus pela mesa que conseguiram alcançar, disfarçavam rogando praga: – Tomara que escorregue e caia! Ou vinha, ou o mundo se acabava!

E lá estávamos nós, empreitando os garçons, flinando no baile com a alegria peculiar dos penetras, comendo e bebendo sem gastar um puto, na maior! De repente, já era meia-noite! A orquestra atacou um Danúbio Azul e, depois da valsa, eis que adentra o salão um bolo de três andares com um beija-flor periclitando em cima. Palmas e oooohs! Para quem seria o primeiro pedaço?

Se eu tivesse juízo, terminaria aqui esta história sem falar de Rezende. Entre nós, o que mais costumava aloprar. Não se sabe por que o rapaz não podia misturar gererê com chocolate. Ficava assim meio leso, cheirando o tempo como um perdigueiro, e daí era batata: lá vinha aprontação.

Rezende partiu para o bolo e atacou a primeira camada – um quarto era dele e o resto, dizia o doido, tinha que ser nosso. Catei chão, e não achei. Waltinho, que explicava para o pai da debutante a cosmologia do Bhagavad Gita, só se deu conta depois que quase antepara um sopapo decente nas fuças. E os outros, eu só os vi depois, já apertando outro fino debaixo de um frondoso oiti na Praça Camerino, rindo não sei de quê.

Foi uma noite massa!



## O RANGO NO MERCADO

- Vamos pro mercado comer sarapatel com inhame?
- Sem dinheiro, fazer o quê?
- Eu tenho uma nega no Cabaré Shangay, ela me adianta cem paus.

Era Harolno, o bem-dotado, mais uma vez resolvendo a parada. O cabaré Shangay ficava no Beco dos Cocos, a caminho do Mercado Thales Ferraz, no andar superior de um casarão mal-cuidado. Para alcançá-lo, o cidadão tinha que vencer uma escadaria íngreme, depois de enfrentar o julgamento de Seu Tenório, o leão de chácara menos convincente que eu já vi. O maior impedimento que ele oferecia ao acesso da menina era o obstáculo da sua imensurável barriga. Bastava um jeito de corpo e... Adeus, Tenório!

O cabaré, decorado com motivos orientais, leques mexicanos e luzinhas de natal piscando pelos cantos, tinha um bar num canto e o palco ao fundo em vermelho abrasador. Faróis iluminavam a flacidez das rumbeiras, os

engolidores de fogo, o palhaço de *smoker* e bengala destilando sacanagens. Na segunda parte do "Golden Show", criado e apresentado por Mãezinha, uma gorda sorumbática, que cantava Maísa em falsos prantos, é que a "fossa" dava sede. Vendia bem. Depois, para não encabular a plateia, um engraçado atacava de Miltinho: calça tergal, mangas compridas e sapato Fox. A cornice em pessoa, mas o bigodinho safado e a gravata borboleta de bolinhas azuis revelavam o malandro. Era assim na Shangay.

Harolno subiu e voltou arregado meia hora depois: -Vamos pro Mercado!

A primeira coisa que me ocorre ao me lembrar do mercado é o brilho dos alumínio. Panelas areadas ao ponto da magnitude, cozinhando inhames, carne frita, sara-patel, cabidela... Sem falar no mingau de puba regenerador. O cheiro do café embevecia longe. Duvido que alguém sirva, atualmente, um inhame mais macio ao meu prato ou, se não, que parta uma talhada de cuscuz com ovos estrelados na manteiga como no boteco de Mariinha Caolha, o melhor de todos.

As mulheres que pintavam por lá vinham da batalha, cada uma com a sua história mais chorosa. Eram amigáveis, maternais até, desde que algum de nós lhes apresentasse a possibilidade de uma esticada ao cafôfo, para um pinço madrugal. Comer um toodynho cheiroso seria um bom fim de noitada para qualquer delas! E por que não?

De incômodo, ali, eram as perebas expostas. Nós vínhamos do ócio, da farra farta, gente metida a rica cheirando a Patchouli. O Mercado era o portal da realidade provincial, um caldeirão cozinhado, o limbo social da cidade. Que diabos fazíamos por lá com nossas pantalonas barreadas da lama, colares espalhafatosos, fivelas de meio palmo?

O Mercado sempre nos recebeu com um pé lá e outro cá, prestes à justiça de um pontapé. Ai de quem negasse um dedinho de cachaça a um tenebroso qualquer, ou se impacientasse com a conversa comprida do marchante, que se chegara à mesa sem convite. Ai de quem!

Na madrugada, suando sovaqueiras infernais, figuras boschianas ameaçavam enfiar suas muletas no cu dos bem-servidos.

Mas o rango era divinal!



## O BAIXO BARÃO É MODA!

Todos ao Baixo Barão! De repente a Avenida Barão de Maruim se encheu de mesas nas calçadas. O fuzuê era tanto que a autoridade do trânsito teve que interferir, disciplinando o caos, que se instalava na Avenida, depois das seis. Cada carro mais esfuziante, cada motorista mais mal-educado, todos senhores do pedaço. Senhores com seus direitos ancestrais de uso e abuso da via pública. Uma merda!

Oxente! De onde surgiram, tão de repente, tantos bares? Não sobrou garagem sem cadeirinhas de ferro da Antártica. Quem não tinha espaço, botou um tabuleiro de vender pastéis na calçada mesmo. Os vendedores de amendoim e castanha montaram uma central de reabastecimento nas cercanias, e até aquelas meninas tristes – que oferecem uma esquelética rosa vermelha, para o provável galanteio do freguês – mudaram-se para lá. Virou moda!

Mas era mentira, a boemia tradicional da cidade torceu o nariz para aquela invenção dos riquinhos sergipanos, uma moçada cheirosa e careta, que decidiu criar, na via

mais elitizada de Aracaju, uma moganga provinciana do mais avançadinho *point* carioca, o Baixo Gávea, famoso nacionalmente pelos seus estrelados frequentadores.

Eu até que fui lá umas duas ou três vezes, mas não me achei bonito entre tanta alegria falsa, em meio a tantas heranças dilapidadas, pulseiras de um conto e tanto, gente sem sovaqueira, com sorriso de marfim, bundinhas aprumadas por elásticas meias-calças, meninos incendiados com insuportáveis desodorantes, tudo gente fina e desinteressante.

Ainda bem que durou pouco. Homiziados no Gosto Gostoso, bar da resistência político-cultural, contávamos os dias, torcendo para que aquela moda se consumisse e sucumbisse, esquecida na memória da verdadeira boemia sergipana.

Foi o que aconteceu.



## A YARA

Yara e Primavera eram sorveterias gêmeas, de arquitetura modernosa e simples, localizadas lado a lado no Largo da Assembleia. Eram iguais em quase tudo, mas a Yara tinha um quê a mais que encantava os fregueses. O sorvete saía mais vistoso, a cerveja mais gelada, a frequência mais encantadora. Tanto que o lugar foi sendo conhecido apenas como “a lara”, já a irmã Primavera foi tendo que se contentar com o esquecimento malvado da cidade. Era um bistrô à moda europeia, com cadeiras de ferro ao ar livre, guarda-sóis coloridos e garçons fardados. Convergência de boêmios e intelectuais, era também a passarela mais prestigiada pelas famílias em visita ao centro da cidade. Durante o dia, tomava-se lá uma “banana split” magnífica, enquanto se viam desfilar por ali os melhores partidos da cidade, moças rebolando fortunas, colegiais em fuga matando aula, graves senhores apressados a caminho dos bancos e nós, gente sem eira nem beira, admitida lá por conta do fulgor da inteligência, dos brilhos e papos que iluminavam a cidade. Releve, leitor, o exagero do autoelogio, mas era mais ou menos isso!

Quando a noite vinha, tudo começava ali. Os encontros fortuitos, as pegações amorosas, as discussões literárias e as gargalhadas cruéis que os comentários sobre a vida dos outros provocava. É essencial à permanência dos bares, a capacidade de reunir fuxiqueiros. O mais amigo sempre tira uma casquinha na vida do outro.

Deu-se, então, que Seu Carlos, o dono do pedaço, construiu no andar de cima – respeitando a arquitetura original – uma boate com requisitos de elegância e modernidade: cadeiras pesadonas, mesas de jacarandá, espelhos mil e som da pesada. E não é que deu certo? Calibrava-se a cabeça no Cacique Chá, que ficava em frente, e depois era na Boate da lara que o melhor da cidade se divertia. Um respiradouro cultural.

Elis Regina, ainda desconhecida, mas já uma pimentinha de cabelo tosado, cantou lá para nós. A “Primeira Festa Híppie de Aracaju” aconteceu, escandalosamente, lá e foi lá, nos temidos anos de chumbo, que abrigamos o recital “Joana em Flor”, Poema de Reinaldo Jardim em *tournee* de resistência, um espetáculo de arena com as presenças dos imberbes Gonzaguinha, Benvindo Cerqueira, Reinaldo Gonzaga e Lia – gostosona subversiva, que acabou se aninhando nos braços do poeta Mário Jorge.

O espetáculo era maldito e incômodo aos coronéis. Ingressos vendidos, tudo de cima, eis que a repressão botou as unhas de fora: – Tá tudo preso! Era o general Graciliano, chefe do SNI, limpando a cidade de quaisquer

contratempos à visita do General Médici, que, na mesma noite, estaria em Aracaju urdindo suas maldades. O elenco foi pra cadeia, restando-nos prestar solidariedade aos presos em forma de fartos hambúrgueres e de uma animada vigília etílica no Bar do Meio da Rua. Depois, chegaram os advogados e o bafafá aumentou. O fato rendeu manchete nacional, que acabou na célebre resposta do General Graciliano, divulgada pelo Febeapá de Stanislaw Ponte Preta: – “Em Sergipe, quem entende de teatro é a polícia”. O Brasil inteiro riu conosco.

Então, veio o surto da decadência provincial com prefeitos biônicos, desrespeitando as tradições da cidade no afã da modernidade. Toca-se a derrubar coisas velhas. As sorveterias Iara e Iracema, monumentos de certa Aracaju bela e saudosa, cederam lugar a dois canteiros de espirradeiras municipais. Até hoje ninguém perdoa.



## O CACIQUE CHÁ

No auge, lá pela década de cinquenta, reunia a nata ao embalo dos foxtrots da pianista Maria Olívia e das guarânias do boêmio Antonio Teles. Senhoras de fina estirpe, com seus vestidos em seda brocada, tilintavam berloques na pista, torturadas pelo aperto nas cintas, que lhes arrocavam as cinturas, moldando-lhes o corpinho "violão".

Dançava-se, sim, com muito respeito, e velada sossidão. Afinal, os "picad'aço" mais proeminentes da cidade estavam ali cumprindo funções familiares, com prazo combinado até as onze horas, porque, depois disso, era no Cabaré Mira-Mar, que os esperava a esbórnica, a mesa reservada com putas novas, trazidas de Ilhéus, ou mesmo de Jeremoabo. Também era lá que se podia assistir a um bailado, tirado a *Moulin Rouge* e *sketches* teatrais com muita sacanagem, montados por Tonho do Mira, o proprietário. Lá, a coisa era mais, digamos, cultural.

Quando o alcancei, já na década de sessenta, o "Cacique Chá" ainda era um templo. Rodeado de córrego artificial

e bela vegetação, ostentava no frontispício da entrada e, ao cimo das paredes internas, a arte portinaresca do pintor Jenner Augusto, lagartense, que se mandara logo cedo em busca de merecida glória na Bahia. E não era só por isso: o bom gosto das mesas, o patamar do piano, os garçons de libré, com elegantes medidas e o respeitável dono, Seu Freitas, de pouca conversa e nenhum sorriso, sempre por trás da registradora – uma engenhoca em floreado *art déco* – barulhenta e linda. Seu Freitas, uma figura! Contam que uma noite, saco cheio de esperar saideira de bêbado, trancou a registradora e entregou as chaves do bar aos reticentes fregueses: – Quando vocês acabarem, fechem a casa! E se foi resmungando.

Mas o Cacique já tinha perdido o charme antigo. Agora, suas atrações eram uma caprichada galinha-aomolho-pardo, servida com arroz soltinho e farofa, e a esfuziante diversidade de malucos e gente “quase de bem” que o frequentava. Ao lado da mesa ocupada pelo pintor François Hoald, que lá gastava, com *raffinées* de nobreza (em vinhos e genebras importadas), o que ganhara com a venda de santos surrupiados de altares interioranos, estava à mesa cativa do MDB, onde só sentavam diplomados parlamentares e autoridades que tais. Eu mesmo nunca me cheguei, mas esticava o ouvido, que não era besta! Muita esperteza ganhei ouvindo as perorações de Jaime Araújo, um respeitável advogado, ex-deputado, baixinho de careca luzidia, emedebista de primeira água e sergipano de lei.



## A CASCATINHA

Não podia dar certo! Fora antes uma gruta artificial, instalada no Parque Teófilo Dantas, nos fundos da Matriz. Servira de residência a um casal de pacas, com prole próspera e gordos traseiros, que recebia da Prefeitura honras de celebridades. Contavam, até, com funcionário oficialmente designado para, toda tarde, descarregar ali um apetitoso cesto de cascas de melancia e bananas podres. Fedia longe a chiqueiro doméstico o pedregulho disforme, com três entradinhas por onde, vez por outra, apareciam os roedores municipais em busca de aplausos. Delícia da meninada!

Mas veio a modernidade. Aracaju se preparando para o grande advento do turismo, arquitetos e paisagistas – formados na Bahia, ansiosos por transformar a capital numa quase cidade grande – tinham que destruir a gruta das pacas! E foi, então, que elas desapareceram num animado churrasco, prestigiado por respeitáveis figuras do terceiro escalão da Prefeitura. Em seu lugar, surgiu o Bar Cascatinha.

O proprietário, um parente de vereador noviço nas lides sociais, convenceu-se de que somente o colunista João de Barros, com sua vistosa criatividade, poderia trazer para a inauguração do estabelecimento o charme de que ele precisava para “pegar”. E nos contratou. Não fez mais que a obrigação. Tínhamos realizado, semanas antes, a “Primeira Festa Hippie” na Sorveteria Yara, cujos escândalos e indignações movimentaram a caretice da cidade por bom tempo. A mídia estava no papo!

Programamos uma “performance” culminando com a volumosa atriz Walquíria Sandes, chegando por via aérea, pendurada num cabo de aço e impulsionada por busca-pés e pitus. Por sugestão de Joubert, trajaria longa bata, rebordada, onde se leria o inusitado slogan: “Fogo nela!”. A produção chiou. A Petrobrás não emprestaria o guindaste e, na mão, com Walquíria não dava!

No dia da inauguração, com a banda “Os Anjos”, maltratando Raul Seixas, amargamos um espetacular fracasso. Ninguém teve coragem de adentrar o recinto. Uma quase multidão de curiosos – convenientemente distante do bafafá, mas querendo ver no que dava aquilo tudo – incentivava aos gritos: – Soltem as pacas!

O dono encomendara bandejas de canudinhos e pastéis em vários sabores, servidos ao público que assistia à maluquice de longe. Entrar? Nem implorando!

O Cascatinha funcionou por alguns anos como extensão

dos cabarés, varando as madrugadas. Era o lugar da última cantada, da sopa de mão de vaca e do hambúrguer final, mas nunca perdeu o fedor das pacas. Fantasmas que, até hoje, juram os mendigos, dormem por lá reivindicando o pedaço.



# O CACHORRO QUENTE DE SEU JOÃO

Tanto se investigou, muito se discutiu, mas ninguém nunca soube o que fez do cachorro quente de Seu João o preferido da cidade. Metade de um pão jacó, recheado com carne frita picadinha, batatinha pra fazer volume e uma profusão de alface. Nem salsicha tinha! Mas lá pras seis da tarde o que parava de carrão com encomenda de oito pra levar, confirmava: seria o jantar das madames.

Vendia como bênção no portal do inferno. Em volta do panelão fumegante, na hora do rango, juntava todo tipo de gente. No oitão da Catedral, em frente ao Colégio Jackson de Figueiredo, num quiosque mal-ajambrado, mendigos, advogados, desabonados da sorte e cidadãos da mais ilibada moral compareciam, viciados no lanche barato: o cachorro quente de Seu João. Comê-lo requeria contorcionismos de bailarino e habilidade na mordedura, se não, o conteúdo esguichava na roupa, melava o sapato, engordurava a gravata!

A cidade não tinha melhor que fazer. Dali, podia-se paquerar colegas das melhores famílias, doidas para contraverter a bitola moral de D. Judite, matriarca de gerações de dondocas no Colégio Jackson. De vez em quando, ela concedia à sua preservada prole desfilarem em procissão, do Colégio até o sacratíssimo sacrário na Catedral, em ordem unida, por graças alcançadas. Festa!

As meninas facilitavam cinco centímetros a mais na barra da saia para deleite geral e remissão dos pecados alheios. A praça se enchia de promessas eróticas, os consumidores do cachorro quente de Seu João achavam namoradas, a paquera corria solta, e o amor estava servido. As mais afoitas, fugidas da procissão escolar, se permitiam até uma mordidinha no bico do pão, com promessas de futuros afagos. Mas Seu João, de colher de pau em punho, jamais aprovaria isso. Era dele a principal admoestação, que desarmava qualquer tesão: – Ô, moleque, vai futucar o xibiu da mãe!

Era um velho nos antigos moldes Seu João: cara fechada, resmunguento, negão de altura colossal e chapéu panamá, manoplas ágeis no corte certo do pão e no delicado trabalho de enchimento. Quanto menos carne melhor, a alface enfeitava. E fiado, nem pro Bispo!

Mas ninguém passa imune à convivência com a malandragem... Nem Deus. E assim mesmo, só quando Ele desvia o tunco, prestando atenção pros lados. O território de Seu João também era o nosso, o da malandrona

Turma do Parque Teófilo Dantas, esturricada de fome e, sempre, desabonada de grana.

Foi num descuido desses – Seu João olhou pros lados – que Cabo Tripa, capitão da molecagem no Parque, deu um devo nele. Que feito extraordinário! Tripa se disse funcionário municipal, prestes a receber abono de muita grana e lhe ofereceu dois por um, pela comemoração antecipada. Pagaria depois, em dobro, quando rico estivesse. Seu João acreditou, caiu na esparrela! E a nossa ordem foi comer até estufar.

Pois bem, não lhes conto mais nada, assim, de boca cheia!



## O BAR DO MEIO DA RUA

O nome é apropriado. Trata-se de uma incongruência urbanística que, de repente, aparece no Largo do Esperanto, logo após o edifício Maria Feliciano, no meio da rua. Fica entre o “Ferro de Engomar”, um edifício pontuado que já foi tudo na vida, e o antigo cabaré “Pinga Pus”, que Deus me livre! Mas está nas imediações de duas ruas, absolutamente comerciais em Aracaju: a Itabaianinha e a João Pessoa. Como tudo aqui é liliputiano, você caminha trezentos metros de comércio e dá de cara com o entroncamento urbano a que me refiro.

Acaba ali a elegância das vitrinas, onde a cidade cresce em permissividades: carrinhos de mão, camelôs aos gritos, calças de morim e blusões de frio em promoção. Entre o bafafá dos mafuás e a circunspeção das vitrinas, o Bar do Meio da Rua é uma fronteira.

Ele permanece aberto, graças à teimosia das coisas que a cidade guarda com zelo provinciano e imutável graça. Os inchadinhos ainda se chegam por lá, para os últimos dois dedos de cachaça, os guardas-noturnos, as meninas

da vida, enfim, a Aracaju preservada nas delícias da noite ainda comparece ao Bar do Meio da Rua, nem que seja para contar antigas aventuras, inesquecíveis cachaças.

Digo isto, porque fui lá conferir, antes de lembrá-lo aqui. Fui ver se ainda rosnam os velhos liquidificadores, se as mortadelas penduradas ainda fascinam moscas e se a média com pão e farta manteiga ainda me faziam barbar. Pois fizeram.

Só me faltou o papo decente entre a marginália de rua e os meninos cheirosos de 1978. Nós, advindos da Tropicália, esticávamos, ali, loucas programações sociais quando nos batia no estômago a fome de sustança. No Bar do Meio, éramos satisfeitos: vitamina forte, tira-gosto de lei, comida “de mesmo” para aguentar o tranco.

O tranco sim, porque, até pela sua situação geográfica, o Bar do Meio era apenas uma estação para os boêmios em trânsito, a caminho das locas tradicionais no Bairro Santo Antônio, como o cabaré no beco do Cemitério, os bailes da Fugase e o inesquecível Caverna's Bar, onde nos cabia enfrentar, nos alvares do dia, a desafiante bomba calórica que estrelava o seu cardápio: uma fornida sopa de mão de vaca, onde se acrescentava ao gorduroso mocotó de boi uma boa dose de pimenta machucada na hora.

O Bar do Meio da Rua era a esticada certa no cu da madrugada. O mal ainda era uma hipérbole incompreendida,

algo romântico e inofensivo, que atraía a juventude doída por coisas bárbaras, doces bárbaros. O pior que nos acontecia era o rascar de uma peixeira, pura adrenalina acesa na noite. Epa! Mas era só correr e pronto. Aliás, segurança havia, que polícia lá era de fazer lama. Soldados bêbados com suas raparigas, fartos de contra-venções noturnas, sabiam que nós, os meninos malucos com suas calças “boca de sino”, éramos intocáveis. Quem sabia lá filhos de quem?

Eis que, numa noite, o amigo Euler, lourão, magro e meio derrubado pelo vício dos cabarés, convidou-me para um cuscuz com ovos. O maluco, em chegando lá, inchou parrança: que era tudo perôbo e que a mãe do guarda tava enfiada na torre, ele bradou, antes que eu pudesse disfarçar e sair de fininho.

Ficou feio, quase teve tiro, o código de proteção se quebrara. Era cada um por si e Deus por nós todos. Então, corri, corri até me homiziar entre os travestis da Ponte do Imperador – doce e inexpugnável cidadela!

No outro dia, soube que não deu em nada! Que a que-rela se resolvera com um tira-gosto de fígado e uma vitamina de frutas. E que o guarda ofendido, chorando ao ombro do meu amigo Euler, até apelidara a temida Beretta que ostentava de “Minha Fia”.

Ocorre que eu demorei a sair do aconchego seguro na Ponte do Imperador, um pouco por causa desse perigo-

so contratempo e, muito mais, por certa afinidade com o que se passava por ali, reconheço agora.

O Bar do Meio da Rua ainda está lá. Eu é que não sou mais o mesmo!



## O BAR DO PINTO

Ficava na Rua da Frente, ancorado no Rio Sergipe, a cem metros da Ponte do Imperador, de testa com o *Gazeta de Sergipe*. Funcionava desde o meio-dia, servindo almoço barato a balconistas apressados, comensais de meia tigela e mequetrefes em geral. Mas era no Pinto, no turno da noite, onde se encontravam as putas festejadas, os boêmios a fim de uma geladinha para engatar conversa, e nós, os poetas da província, doidos por ouvidos bêbados, que dessem guarida a nossa última obra-prima.

Senhores graves, com seus ternos bem-talhados, e madames de longo e gargantilhas apareciam por lá, vindos das elegâncias do late Club, para esticar no Pinto um frango à passarinha ou outras permissividades plebeias. Foi lá que me expus, maravilhado, à inteligência de Ezequiel Monteiro, à sapiência de Ivan Valença, às doutrinações de Luiz Antonio Barreto. Também foi lá, onde me enterneceu o abandono de bons artistas locais, agonizando desamparados, como o pequenino Antônio Argolo, pintor de alguma arte e gigante boemia.

No Pinto, conheci Candelária, a meretriz dos sonhos, inatingível para um qualquer. Ouvia-se de longe o arrastar de cadeiras, a elegância dela ajeitando o sutiã, enquanto homens de charuto e grossos anéis, inusitadamente cortesês, encomendavam ao garçom uma moqueca caprichada, o bastante para agradá-la.

No Pinto, se comia, principalmente, moqueca de Arraia. Mijada sempre. Ocorre que Pinto não dispunha de grandes frízeres, e o seu estoque de Arraias ficava amarrado no parapeito, num bequinho depois da cozinha, lá embaixo, conservadas pela salmoura do próprio rio. E era, ali, onde todo mundo mijava. No sanitário, não dava: além dos engradados de cerveja, os baldes, as piaçavas mal-arrumadas, não dava! E fedia pra peste! Mas era um de-comer gostoso as arraias mijadas. Um prato farto para dois, com muito caldo e generosa farinha.

O Pinto entrou por uma perna de pato, quando a municipalidade o demoliu para aprimoramento estético da Rua da Frente e salvação moral do logradouro. Decadente, mudou-se para uma casa vizinha ao *Gazeta de Sergipe*, sendo depois incorporado ao valoroso jornal, através de um buraco na parede, providenciado pelos intelectuais da redação, "por questões humanitárias e sociais"; juravam.

Dormiam, nas pilhas quentinhas de papel jornal, os moleques da distribuição e uma ou outra nêga, privilegiada pelo pessoal da oficina, se não me engano. Um Pinto que deixou saudades!



## O BAR DOS MUITO MACHOS

Alguém aí sabe se o Bar do Caldinho ainda funciona na esquina de Estância com Arauá? Criado nos idos setenta por um itabaianense, para atender ao contingente de universitários conterrâneos, que crescia em Aracaju, acabou virando o *point* da macheza disponível por aqui.

Servia, além de testosterona ao molho pardo, carneiro com inhaca de bode, tripa de porco assada, ainda com o cheirinho da natureza, sarapatel ao extravagante cominho e, até, culhões de boi ao óleo e alho – um agravante perigosíssimo à excessiva macheza do local. A cerveja se abria no dente. Garçom, pegava-se pelos fundilhos. E cuspiam-se muito.

Tirando o exagero literário, era ali o bar dos muito machos. Dia de futebol, lotava de torcedores a xingar a mãe do juiz, a interpretar os 90 minutos da peleja aos berros e imprecações.

Desde as mesas mais disputadas, situadas na calçada, até a última, que ninguém queria, no fedor do WC, era uma zoada infernal de paixões exasperadas. Gritava-se pelo time, pelo zagueiro, pela euforia da vitória, pelo simples prazer de provocar arruaça. Agora, mulher no recinto, nem uma pra remédio.

Não preciso reproduzir aqui o furdunço de uma confraria de machos, desacompanhados, discutindo futebol, com o incentivo da cerveja e da rabada com pimenta. Vocês podem imaginar, mas se eu quisesse lhes falar de um lugar, onde a emoção era dominante e primitiva, seria de lá, aonde me acostumei a ir nos sábados à tarde.

Andávamos nós, os intelectuais, sobraçando a quintessência da cultura universal sob os doutos sovacos e experimentando mesas de bar, que nos conjuminassem. Afinal, éramos ou não os árbitros da inteligência nas ruas caretas de Aracaju?

Fui, digamos, instado a pesquisar as primitivas emoções da natureza humana no Bar do Caldinho. Fui. E como nunca me revelei mofino, acabei cooptando a macheza e a babel de emoções que lá me cercaram.

Saí de lá bêbado, de matar de lenço, inebriado por sovaqueiras terríveis, e ainda declarei, em discurso entrecortado por alguns *pufs* e muitos *hics*, o meu eterno amor pelo time serrano, o glorioso Itabaiana. Mais macho que todos, segundo me convenceram os itabaianenses.

Voltei lá, mas aí já é outro filme.



## BAR SCOOBYDOO

O bar de Paulo Parron, o Scoobydoo, era um exíguo balcão entre quatro paredes, banhado por uma caudalosa sarjeta ao rés da calçada, na esquina de Arauá com a Senador Rollemberg. Ele foi, ao final dos anos setenta, uma espécie de casamata da cidadania. Muitos de nós andamos meio zonzos da revolução *hippie*, pouco nos importávamos com o engajamento partidário. Éramos guerreiros cochilando sobre o botim da última batalha, curtindo a vida numa "naice". Um cantinho e um violão, uma casa no campo, um tapa na coisa e a pelada aos domingos.

Mas as veias da cidade tratavam de intumescer. A meninada indócil começava a espalhar novas palavras de ordem nas mesas malcuidadas do Scoobydoo. A tomada de consciência político-partidária dessa nova geração "engajada" custou, à maluquice da minha, certa desilusão: bateu-nos a preguiçosa letargia de quem encarou o barato como militância nos anos sessenta.

E por que não? Éramos a geração lisérgica, veterana de grandes embates por posições milimétricas: uma ca-

misa florida, o cabelão desgrenhado, a paz carburada num “fininho” decente, o amor livre como militância e, principalmente, o direito de encarar a história com tensão visionário.

O Scooby era um lugar baratinho no centro de Aracaju, para onde convergia a resistência intelectual da cidade, a inquietação da moçada “cabeça”. Ele atraía a rebeldia gregária da juventude, com sandubas irresistíveis, muita zoada e um clima esfumaçado, onde se misturavam o cheiro gorduroso do hambúrguer e a fragrância viciosa do Patchouli.

Arrastando alpercatas de couro cruas desconfortáveis *galinh'ovos* – estávamos religiosamente lá. De cascão no pé, mas floridos, felizes e empanturrados de literatura. Jean Paul Sartre – o olho vesgo do existencialismo – nos justificava. Thiago de Melo, João Cabral, Ferreira Gulart, Torquato, Leminski, eram os poetas da vez. Os *beats* Kerouac, Ginsberg, Burroughs e ainda um tal Maiakovski andavam por lá. Íamos de Bertrand Russell ao gemido *underground* de Jean Genet, um poeta homossexual, egresso dos esgotinhos parisienses, a quem Sartre e a Academia Francesa homenagearam com um jantar chique e tiveram, pelo bardo e seus amantes, a prataria roubada.

Víamos Glauber Rocha suando para inventar um cinema nosso, Jean-Luc-Godard em closes enfadonhos, discursando ideologias, os engraçados-desesperados Fellini,

os complicados filmes de Buñuel, os parangolés de Oiticica, as esculturas de Lygia Clark, a desesperada luz vangouguiana de Ignácio Ventura, aqui mesmo na Rua de Laranjeiras, explodindo em esculhambação e arte.

O Scoobydoo ficava numa esquina complicada! Até a aventura acrobática de transar num Fusca, ou mesmo no supprassumo conforto do Simca Chambord, estacionado no escurinho da rua, era contida pela austeridade respeitável do vizinho em frente, a veneranda família Oliva, católica praticante e ainda mais engajada nas benfazejas teorias da igreja progressista. João Oliva, o respeitável patriarca, de vez em quando assomava à varanda perscrutando o ambiente em frente, a ver se os seus rebentos, alguns deles já metidos na secular permissividade do bar, mantinham-se comportados como requeria a moral cristã.

Era de se respeitar, mas só até determinada hora. Meia-noite e tanto o bar fremia em rugidos esquisitos, alguém gritava aos berros: – Faz escuro, mas eu canto! Enquanto, nos estofados dos carros, compartilhávamos o amor efêmero das conquistas casuais. Era assim, e era bom demais!

Gosto de lembrar ali, no Scoobydoo, o enclave, onde se encontraram os malandros do Parque Teófilo Dantas, desvalidos dos cabarés e os mofinos, os revolucionários, tudo... e mais o movimento estudantil de resistência política, tudo num caldeirão fumegante (e bote fumaça

nisso!), onde fremia uma geração capaz de alimentar o futuro. Era o bar das escolhas, das contradições políticas e da permissividade. Cada quem com suas possibilidades ideológicas, cada um comprometido com o seu sonho de mudança.

Tive saudades do Scooby outro dia, bebendo com antigos companheiros na assepsia do Bar Ferreiro, no Shopping, onde reinauguramos a fluência dos papos, cooptando referências literárias e (in)coerências políticas, identidades de vida, papos imorredouros. Sempre com a saudade de quem reencontra a memória e descobre, nos eflúvios de dez chopes bem-tirados, que nada foi em vão.

Ainda bebemos bem.



## MEU REFÚGIO

O antigo Bar do Gerson, entocado numa ruinha do bairro Siqueira Campos, servia tatu à cabidela, seriemas torradas, calango empanado, cobras e lagartos ao molho pardo, tripa de bode velho, bunda de tanajura e o caralho a quatro.

A prefeitura de Aloísio de Campos – nosso planejador visionário nos idos 1970 – criara um Departamento de Turismo, o primeiro em Sergipe, sob os cuidados de Alencar Filho, intelectual de nome, entendedor de folclores e moço de inteligência respeitável na cidade. Fui trabalhar com ele, nas modernas instalações da Galeria “Álvaro Santos”. Lá, aprontávamos Aracaju para o advento do turismo e o “Bar do Gerson” nos pareceu capaz de atender à curiosidade gastronômica dos eventuais turistas que nos visitassem.

Então, convencemos o prefeito Aloísio a repaginar em local decente aquela grande atração culinária. Aloísio mandou construir, na Avenida Rio de Janeiro, o “Bar e Restaurante Meu Refúgio”, todo em tijolinho aparente,

para onde o negão Gerson transferiu o criatório de bichos e seu cardápio inusitado.

Gerson era um sujeito afável nos seus cento e tantos quilos, muito moça, mas meio abestalhado, principalmente quando exibia aos comensais a jiboia viva que iria, minutos depois, arregar a fome do freguês. E exigia, de quem fosse degustar seus acepipes, que provasse da cachaça exposta no balcão; uma temeridade tupinambá!

Era uma cobra coral, conservada na pinga que, segundo ele, consistia em tudo de bom para afastar espinhela caída, pedra nos rins, e, sobretudo, achaques de pouca valentia, tanto nas fodelanças quanto no mais banal entreveiro do dia a dia.

O turista bebia a contragosto, com o olhar penalizado, enquanto nós – os agentes do turismo municipal – celebrávamos a confirmação da grande vocação turística de Aracaju, expressa ali na inocente predação antiecológica de um cozinheiro de aldeia. Gerson ainda arrematava prejudicando a decência do local: “Matou a cobra? Agora mostre o pau!”. Se acabava de rir.

Agora imagine, você, um europeu de estômago fraco, convidado a mitigar a fome no “Meu Refúgio”! Quer comer cabrito? Gerson desfilava no bar com a berrante criatura, que iria, lá nos fundos, matar e assar “pra nós comer”. Quer cobra? Muita jiboia eu vi aos estertores arrupiano o cangote das madames, com a bocarra enfurecida, para minutos depois restar em gostosa moqueca! Tatu, nem

se fala, com um tiquinho de cachaça Murici e uma pimenta vigorosa, era sempre um disputado prato.

Fazer o quê? Era a nossa grande atração turística!

E fomos assim, ecologicamente incorretos, até um dia desses, quando o “Meu Refúgio” fechou por falta de graça e de turistas interessados em experimentar uma mordida sequer nas cobras municipais.

Deixou saudades.



# O BAR BOSSA NOVA

O Bar Bossa Nova fechou no final dos anos 1970. Ficava na esquina do Parque Teófilo Dantas com a Rua Arauá, onde algum tempo depois o arquiteto Rubens Chaves construiu o incompreensível Hotel Tropical.

Naquele tempo, aquela esquina era privilegiada! Caminho da molecada subindo a Rua Propriá para os brocosós da Caixa-d'Água, bem como dos *playboys* do bairro São José, voltando às suas elegantes platibandas pela Rua de Arauá. O Bossa Nova era a última esperança de um gole a mais na encruzilhada.

O bar não era lá essas coisas. Oferecia pinga de teor letal aos biriteiros ferrados e toda a sorte de bebidas quentes aos aficionados. Além do Capim Santo e do Milone, havia o conhaque Domecq, a Catuaba e a esbelta vodka Orloff, imprescindível a uma doce caipirinha. Para os mais abastados, um uísque Old Eight em copo de refresco, com raros cubos de gelo e um guardanapo. Rara *finesse*. No quintal ao lado, em precárias mesinhas de ferro, a bodega oferecia galinha assada com macarrão e farofa para o rango da madrugada. A clientela mudava ao sabor do horário e lá pras tantas servia a cabarezeiros desnorteados, a esquálidos trabalhadores da noite,

a mulheres da vida e também a nós, a turma do Parque, consagrados à revolução de costumes do ideário *hippie* e comprometida com tudo o que entendíamos como sendo contracultura. Nosso primeiro gesto de liberdade era encher a cara.

Seu Isack, o dono, era gordo e simplório. A vida toda ajeitando um chapéu de feltro bege, barreado de lodo e suor. Quando falava, era pra reclamar da carestia, que nem jabá se pode mais comer, e onde é que vamos parar! Gostava de uns, de outros não. De nós, fregueses de “um prato pra dois”, ele sempre deixou claro: queria distância. E nos recebia com tuncos e complicações, tipo “só boto um garfo! E avia que eu já tô fechando!”

Um dia o amigo Tatau, único de nós que andava arregado em cima de um jeepão, cismou desses maus-tratos e tramou a ação terrorista, batizada como “bomba de bosta”, contra a discriminação e pela moralização de ambientes preconceituosos.

A bomba de bosta é o seguinte: você caga três dias dentro de uma meia e vai compactando. Depois, fura um buraquinho no dedão e pronto. Ao chegar ao local, é só pegar com jeito e zuni-la circulante por cima da cabeça. Aí, um filezinho de bosta sai pra tudo que é lado, com um fedor da moléstia e a consequente desmoralização.

Pois assim foi feito. O Bossa Nova passou dois dias se lavando. Depois, fechou.



## O GOSTO GOSTOSO

Era o bar da guerrilha cidadina nos anos 1980, o *aparelho* dos descontentes, o bar dos descolados. Bar de ativista político sabe-se como é: ele pega pela consciência e sai juntando tudo num mesmo paladar, numa irmandade gustativa e solidária, onde se misturam sonhos de justiça e palavras de ordem, onde amores revolucionários se encontram e expectativas político-eleitorais engatinham.

Bar como o Gosto Gostoso ainda pode haver, mas sem o colorido dos anos oitenta, que dava àquele *point* da moçada o clima da contravenção fraterna. Hoje, bares assim abrigam tribos difusas, ora *fashion* ora juveniles-cas, muitas vezes babacas demais.

la-se ao Gosto Gostoso, porque era lá que a subversão funcionava, onde se controvertiam os decretos e, sem pudores burgueses, dava-se um jeito no mundo, mandava-se às favas a opressão, resistia-se bebendo e vociferando contra a ditadura até o nascer do sol.

Pois bem, o mundo cruel retornava de madrugada nos rabiscos da conta, no bocejo do garçom, na traição do

sol clareando tudo. Tínhamos que voltar pra casa sem tantos heroísmos revolucionários, porque os nossos vizinhos não nos conheciam assim, tão diferentes deles.

– Corina tem um filho comunista, coitada! E, além disso, ele fuma maconha!

Pois não é que virou obrigação a quem se quisesse en-  
gajado frequentar o Gosto Gostoso?

Ficava no Bairro Grageru, fim da cidade, porque dali não se ia mais a lugar nenhum, que não havia rua, nem estrada. O fim de linha estava a cem metros do Bar, no Conjunto Habitacional “Cidade dos Funcionários”, construído na década de sessenta pelo governador Seixas Dórea. Era uma novidade urbanística, de forma circular, com ruas paralelas e concêntricas circundando uma pra-  
cinha de capim. Casinhas de pombo em formato igual, pa-  
redes frágeis e teto de amianto, certamente planejadas por um engenheiro modernoso, metido a inovador.

Na primeira vez em que eu fui lá, me senti como um “preá de bazar”, zonzó, sem saber em que casa entrar. Depois dali, era só um imenso quintal de manjêlões, goiabas e cajus de graça, terra de fogo-pagôs e riachinhos bestas, na fronteira final da cidade.

Voltemos ao Gosto Gostoso. Principalmente às quartas-feiras, o bar se estendia pelo asfalto com mesinhas de ferro atravancando a rua. Uma multidão barulhenta ca-  
tando mesa, não dava para quem queria. Comia-se bem

no bar do Fernandinho. A delícia principal era a Maniçoba, manjar pra macho enfrentar sem titubeio, feito de folhas de Manaíba, venenosas se não fossem tratadas com os centenários cuidados que só o povo de Lagarto guardara, vindo de ancestrais culinárias indígenas.

Fernandinho, lagartense, responsabilizava-se: – O veneno a gente tira numa boa! Tinha também tripa de porco torrada, frango a passarinho e um supremo sarapatel, servido com fartura que dava pra três. Afinal, os proprietários tinham aquilo muito mais como um aparelho político do que como um meio de vida.

Fotografemos o bar: um mar de cavanhaques trotskianos – barbudos pálidos e monossilábicos, senhores graves, plenos de sabedoria e adolescentes imberbes se chegando à causa com ouvidos complacentes, ávidos de justiça e festa.

Notável também eram as bolsas de couro cru a tiracolo. Cada quem carregava nelas o seu arsenal bélico: folhas soltas com desenhos malucos, doutrinas, diários guevarianos, manifestos, a última edição de Carlos Zéfiro e, lá no fundo, perfumando tudo, o providencial baseado, que ninguém é de ferro! O barato da maconha era a sustança da guerra!

Vida, esperança de justiça e sofreguidão. Acho que éramos todos assim: belos e revolucionários naquele tempo do Gosto Gostoso. Sem ele, a nossa história política seria outra.



## A BOATE LOURINHA

Aracaju já teve uma boate flutuante, você sabia? Na década de 1980, ancorou um velho barco na Ponte do Imperador anunciado como a novidade definitiva, capaz de alavancar o incipiente turismo local, ainda às voltas com o quebra-quebra das garras dos caranguejos nos tamboretos do Bar Amanda como a nossa principal atração.

A velha nau, churriada de grandes aventuras pelo mundo a fora, cansada de guerra e incapaz de pretender grandes viagens, viera dar com os costados aqui, por obra e graça do inquieto padre Arnóbio Patrício de Melo, na ocasião ocupando uma diretoria estatal de turismo. O padre Arnóbio era uma figura muito amada pela congregação católica, mas vista de trevés pelos príncipes da cúria local, por causa da sua saliência, chegando a ser proibido de exercer o ministério por conta de certas atitudes revolucionárias em favor da diversidade afetiva. Não nos esqueçamos dele.

O Lourinha atracou ali, na Ponte do Imperador, e se prestou à curiosidade popular, que nunca tinha visto um bar-

co mercante por dentro. Filas de curiosos, por dez reais, para subir e descer suas ferragens carcomidas, da popa aos porões, apresentando novidades e circunstâncias espaciais que o aracajuano desconhecia; “então, é assim que são os navios?”. Aracaju não é do mar, de modo que aquela arquitetura ferrosa castigada de salsugem aguçou a nossa curiosidade.

Foi ficando ali, até que passou a funcionar como uma boate muito seletiva, a Lourinha, frequentada por endinheirados, que precisavam esconder da patuleia os seus amores clandestinos. Era a louca das transgressões; o esconderijo caro, e discreto, onde a rapaziada bem-nascida se entocava com suas conquistas, sob a proteção das paredes de aço e dos labirintos navais.

Foi então que João de Barros e o performático Antônio Lisboa resolveram fazer, no Lourinha, o animado “Baile dos Artistas”, numa edição mais ousada e afirmativa, na briga pela diversidade. Juro que, naquele tempo, tratava-se com muito mais ousadia essa questão. Era um tempo de conquistas afirmativas, milimetricamente vencidas.

O Lourinha teve, então, o seu dia de glória! As plumas e os paetês, que o articulado Lisboa trouxe dos mais elegantes e vistosos rincões do transformismo nacional, figuras trans, comprometidas com a revolução estética e moral em voga, tomaram conta do Lourinha e fizeram, naquela noite, um levante histórico em direção aos mais caros derivativos da permissividade. O entendimento da

diversidade de escolhas afetivas e a consolidação das liberdades individuais eram batalhados por todos nós, os malucos de então.

Assim, quem transpôs os limites da cidade, pulando do batente da Ponte do Imperador à lúdica aventura das permissividades no Lourinha, teve uma noite gloriosa no Baile dos Artistas daquele ano, uma festa tão bela quanto condenada, tão memorável quanto abafada pela opressão vigente e posta, até hoje, na vala do esquecimento, para que nunca mais a viadagem ousasse cooptar a macheza local. A boate flutuante, Lourinha, depois desse “Baile dos Artistas” definitivo, desapareceu das águas sergipanas. Deixou saudades.



## UM BAR DE OTÁRIO

Fui ao Cleide Lanches, na calçada da Atalaia, levado por uma reticente nostalgia. O insinuante clima de pegação, os amassos fortuitos, a mistura de sons – que vai do *rock* pauleira ao *jazz*, da cornice às delícias de Freddie Mercury ou num dolente Caetano – transporta-me aos bares malucos da década de 1970. Tentei rever, no Cleide, o poeta maluco com o seu rabo de cavalo, as pantalonas berrantes, o coração feito pandeiro, ritmando amores.

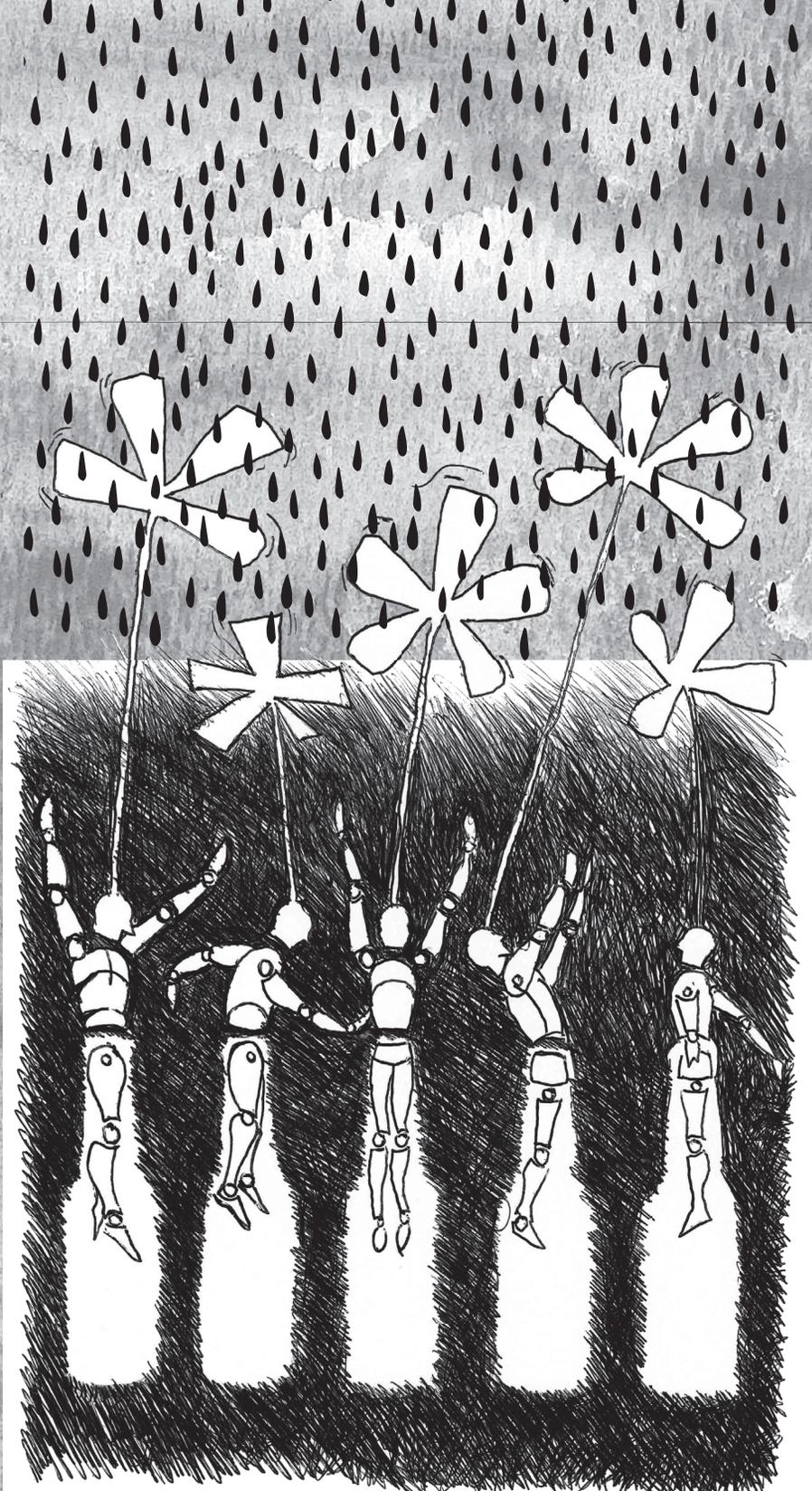
Que desilusão! Encontrei um povo feio, encastelado em suas mesas, num círculo fechado de conversas restritas. Um bando de desconhecidos, um deserto de compartilhamentos. Nos bares de 1970, caminhávamos entre as mesas nos reconhecendo, tirando onda, afofando o papo numa gregária distribuição de motivos felizes.

Era assim no Bar 315, no Furna da Onça, no Cascatinha, nos 4 Bocas, no Corno Velho, no Vaqueiro, no Burguesia, no China, no Barbudo's... Este último, um templo, onde

cultuávamos o pôr-do-sol, carburando um fininho nas tardes amenas da Atalaia, para depois, cabeça entorpecida de fumo e maravilhamento, guardarmos o precioso botim dos nossos amores madrugados.

Duas cervejas mijadas, um frango à passarinha (só peçoço e moelas), um bêbado roçando em mim o umbigo de pitomba... Pedi a conta! Meia hora depois, a garçonete – metade bunda, metade indiferença – me apresentou uma conta fantástica, que, depois de agitados impropérios e bate-boca com o dono – um sonolento senhor com cara de padeiro – foi refeita, salvando-me dos vinte reais acrescentados.

Amigos, amados, por onde andam vocês?





# CONVIDADOS

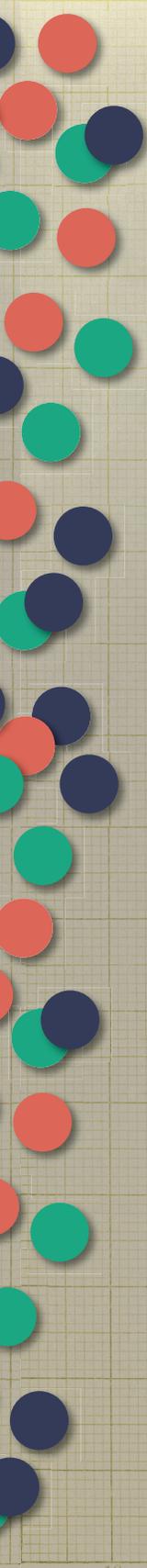
**331** | CRÔNICAS  
DA VIDA  
SERGIPANA

## AMARAL CAVALCANTE

*Ilma Fontes*

Amaral Cavalcante é personagem principal da vida intelectual sergipana desde 1946, quando nasceu de uma mulher forte e íntegra em Simão Dias. Veio no tempo certo para a capital, onde encontrou os companheiros de sua geração em plena efervescência de ideias e talentos.

Na Poesia, Hunald Alencar transbordava humanismo, e Mário Jorge inaugurava outra forma de poetar. Na Música, Marco Preto e Alcides Melo ganhavam festivais, e Amaral, algumas vezes, estava no júri. Na Dança, chegou Lu Spinelli, que revolucionou a contemporaneidade e logo teve Amaral ao seu lado, como divulgador e amigo. Na Pintura, Joubert ganhou os olhos do jornalista, do surrealismo mágico às paisagens de coqueiros soprados pelos ventos e areias. No Teatro, encontrou João Augusto Gama, Orlando Vieira, João Costa e “Arara”, Luiz Antonio Barreto. Com a jornalista Ilma Fontes fez teatro e participaram do primeiro Festival de Teatro de Estudantes no Rio de Janeiro. Desse tempo, ficaram fotografias à frente do ônibus na estrada, numa parada, pertinho do Rio. Desde então, amigos para sempre. Em



1967, Amaral dirigiu o primeiro 16mm com Ilma, atriz, em “O Rápto”. Em 1981, fundamos juntos o Folha da Praia, morando juntos (com nossos companheiros), vizinhos à Delegacia de Polícia da Atalaia. Amaral teve Êre como fiel companheiro por anos, que ficaram para sempre. Amaral e Êre fazem parte do elenco de “Arcanos (O Jogo)”, primeiro filme 35mm sergipano, produzido e dirigido por Ilma Fontes. Morando juntos tive acesso aos arquivos de poesias de Amaral e selecionei duzentas e cinquenta (em partes ou inteiras) para montar uma peça teatral com o título “Já Vou”, que nunca chegou aos palcos – senão em ensaios deliciosos com Luiz Eduardo Oliva, Zezé, Yoya, Êre, Jorge Lins, entre outros.

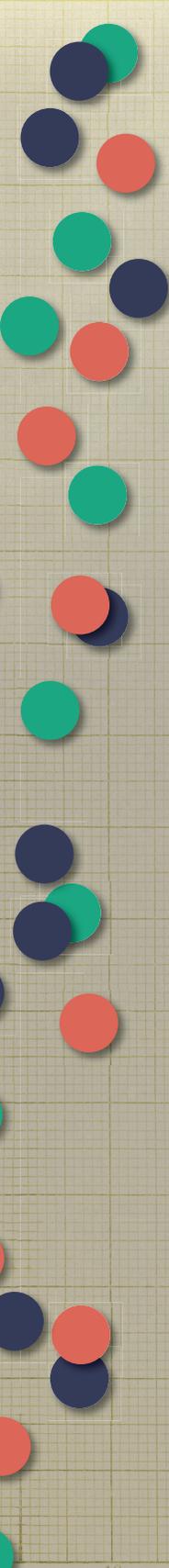
Amaral é múltiplo e único no seu jeito de ser. Se a questão fundamental é “Ser ou não ser”, Amaral é. E é o que ele quiser ser: poeta, ator, cantor, escritor, editor, guru, jornalista... Essa figura fundamental ao desenvolvimento do pensamento sergipano.

## OS CAMINHOS DO POETA

*Jorge Carvalho do Nascimento*

É difícil escrever sobre Amaral Cavalcante. Não porque dele haja pouco a dizer. Difícil mesmo é selecionar o que dizer diante da vida plúrima, vivida pelo poeta que encantou a minha geração. Quando eu o conheci na primeira metade da década de 1970, Amaral havia chegado aos 30 anos de idade, mas era de há muito um irrequieto agitador cultural. Tinha reconhecida a sua competência como intelectual, poeta, jornalista e cronista. Foi bom fazê-lo amigo e ser por ele aceito em tal condição. Admiração e amizade que me fizeram saudá-lo quando do seu ingresso na Academia Sergipana de Letras.

O menino de Simão Dias, rebento de Corina Hora do Amaral e José Cavalcante Lima carregou para sempre as marcas educativas do matriarcado familiar e o convívio com os irmãos José Nery, Tereza, Édila e Jorge. Mesmo tendo sido apartado destes aos quatro anos de idade para viver em Itaporanga D'Ajuda com as tias-avós paternas Emiliana Nery, uma professora jubilada, católica, filha de Maria, militante da Pia União, e, a presbiteriana, Maria dos Anjos. Foi esta última que, ecumenicamente,



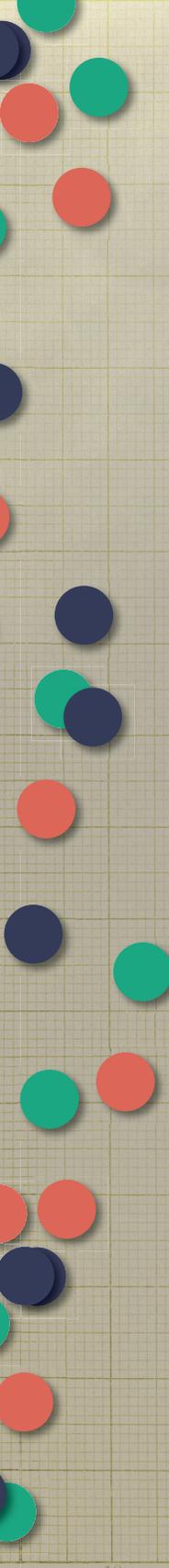
o alfabetizou e o incentivou às primeiras leituras, juntamente com o padre Arthur Moura Pereira, o vizinho da família de Amaral às margens do Rio Vaza-Barris.

Certamente, um momento importante para forjar o grande poeta e cronista que conhecemos. O estímulo de Maria dos Anjos certamente o ensinou a ser bom leitor e influenciou muito na formação do cronista e poeta. A tia-avó era uma oradora de Itaporanga D'Ajuda, que tinha guardados em seus baús discursos para todas as ocasiões: Dia da Árvore, Grito do Ipiranga, Natal, Valor do Saber. Tal como ela, Amaral aprendeu a recitá-los com voz impostada e a também angariar alguns trocados para abrilhantar os eventos sociais da cidade.

De lá, voltou para Simão Dias. Foi estudar. De Simão Dias, saiu adolescente para ser aluno interno do Colégio Agrícola em São Cristóvão. Voltou para Simão Dias, onde concluiu o Ginásio. Fez política estudantil e liderado pelo padre estanciano, Joaquim Antunes Almeida, o Padre Almeida, fundou o Grêmio Escolar daquela instituição de ensino, ao lado de Clínio Carvalho Guimarães, sob a influência do seu professor de História, Lauro Pacheco. Era o professor Lauro Pacheco quem mais falava de política para os estudantes, quem criticava o colonialismo e os abusos da propriedade latifundiária. O professor Lauro Pacheco foi uma espécie de consultor, que contribuiu na redação do Regimento Interno do Grêmio. Amaral concluiu o curso ginasial e foi o orador da sua turma.

O menino, agora rapaz, estava pronto para conquistar a capital do Estado. O ano era o tumultuado e tenebroso 1964. Amaral havia, já, vivido 18 anos. A dureza da vida se fez real. O comércio foi a alternativa de trabalho que se apresentou para garantir o próprio sustento e colaborar com a renda da família. À noite, frequentava as aulas do Atheneu. Foi vendedor ambulante de aparelhos de jantar, transportando enormes e pesadas caixas de louça na cabeça. Trabalhou na Movelaria Universal, arrumando móveis.

Ao catapultar-se para Aracaju, na bagagem, trouxe os primeiros poemas. Folhas de papel datilografadas. Foi a sua experiência de escritor, quando ele conseguiu trabalhar nos escritórios do Sergipe Jornal, onde conheceu o jornalista Luiz Eduardo Costa e fez amizade com Luduvice José, que o levou para a Academia de Jovens Escritores, organizada pela professora Carmelita Pinto Fontes. A convivência no Sergipe Jornal estimulou o aprofundamento na leitura e alargou o relacionamento social do jovem poeta de Simão Dias. Lá, conheceu Florival Santos, que o convidou para ocupar o cargo de Secretário da Galeria de Arte Álvaro Santos. Ali, um novo amigo: Clodoaldo de Alencar Filho, que o apresentou aos jovens intelectuais de Sergipe: Mário Jorge, Ilma Fontes, João Augusto e Aparecida Gama, Luiz Antônio Barreto, Nino Porto, Ivan Valença, Aderaldo Argolo e Ezequiel Monteiro. Era a poesia que agregava Amaral Cavalcante. O jornalismo era o pano de fundo. O Margelino foi o primeiro



jornal alternativo que fundou naquele período. Impresso em mimeógrafo, era distribuído entre os alternativos frequentadores do Parque Teófilo Dantas. Antecedeu o Folha da Praia, periódico alternativo que inscreveu, definitivamente, o nome do poeta Amaral Cavalcante na galeria dos grandes do jornalismo em Sergipe. Antes disso, o inquieto Amaral fez cinema, teatro, criou o Teatro Livre da Sociedade de Cultura Artística de Sergipe – a SCAS, a Associação Sergipana de Cultura – ASC, a Editora Jovens Reunidos – Jovreu e o Clube de Poesia. A maturidade chegou e encontrou o poeta presidindo a Fundação Cultural do Estado de Sergipe.

Amaral Cavalcante se fez intelectual e se expressou no âmbito de uma geração com nomes da maior importância. Todos reconhecidos. Cada um a seu modo, cada um com o seu estilo, mas merecedores do aplauso público: Jackson da Silva Lima, Ibarê Dantas, Beatriz Góis Dantas, Paulo Fernando Teles de Moraes, Terezinha Oliva, Luiz Alberto dos Santos, Antonio Carlos Manguiera Viana, Francisco José Costa Dantas, Murilo Mellins, Francisco José Alves, Antonio Samarone, Marcelo Déda, José Paulino da Silva, Maria Neli Santos, Luciano Correia, Carlos Cauê e Lílian Wanderley, dentre tantos.

Suas crônicas, hoje postadas na rede mundial de computadores, atestam a linguagem de um escritor maduro, consciente da sua responsabilidade como condutor de um grande número de seguidores, um memorialista

a seu modo, capaz de cascavilhar no passado não apenas fatos, mas detalhes deles, com os quais elabora textos antológicos.

O poeta, jornalista, empreendedor e agitador cultural Amaral Cavalcante é agora um experiente senhor de 72 anos de idade. Vida agitada, marcada por um temperamento também iconoclasta. De um Amaral que, menino, fez primeira comunhão, frequentou a Cruzada e foi coroinha, mesmo sem entusiasmo. Afinal, como ele já confessou, da Igreja Católica, gostava mesmo era da pompa dos altares, dos mistérios do senhor morto, guardado em caixão de vidro, de desfilar nas procissões com o distintivo da Cruzada e, principalmente, do serviço de alto-falantes e da música dolente que anunciava a hora do Ângelus.

É este o poeta, o cronista primoroso, o jornalista e editor saltador de obstáculos, o subversivo agente da contaminadora ideologia da cultura. É este o Amaral que Mário Britto nos apresenta. Aquele que foi consagrado ao reconhecimento da História e conquistou uma das cadeiras da Academia Sergipana de Letras. Glória que não o afasta de uma história de insatisfação intelectual, essencial à construção da felicidade.

## AMARAL E AS FOLHAS DE SUA MODERNA LITERATURA

Luciano Correia

Amaral Cavalcante já vinha das boas redações da imprensa sergipana, mas, no final dos anos 1970, quando, lá, no Sul, o verão dava abertura a novos olhares sobre o país, aqui, na província, ele quebrava a panelinha da caretice local com o frescor do *Folha da Praia*, o *mix* preparado nas areias escaldantes da Praia dos Artistas à base de jornalismo, poesia e literatura, ou seja, o *new journalism*, novas narrativas para a velha arte de contar a vida dos sergipanos. A *Folha* fez uma revolução na imprensa local, lançou nomes, comprou brigas e seguiu sua sina. Amaral não ficou só nela. Sua literatura se esparramou pelas bordas e logo entrincheirou-se em barricadas virtuais, ocupando, pois, o território já não tão livre da internet, onde conquistou novos públicos e ampliou sua nação de leitores. Agora é hora do livro, esse fetiche que resiste aos sobressaltos modernistas e há muito reclamava a assinatura da grife Amaral Cavalcante. Antes tarde: sirvamo-nos, pois, de um dos melhores cronistas da literatura brasileira atual.

## EM CIMA DE UM CAMINHÃO (\*)

*Marcelo Déda Chagas*

Maravilha, homem! Mereceria estar em qualquer antologia de histórias curtas, sejam contos ou crônicas. Prosa porreta, grávida a não poder mais de poesia, que lhe escorre dos parágrafos e pontos e vírgulas... Tá pronta. Carece apenas de uma espanadinha sutil, como aquelas que se dá nos biscuits de porcelana inglesa das avós só para espantar uma poeirinha, mas sem mexer na disposição solene com que foram postos na mesa da sala em atitude de aguardar eternidade.

Tonho Viana certo dia lhe falou em "interesse geral", "universalismos" que o texto exigiria para exhibir-se em livro. Você pensou e piscou: ninguém zomba mais da academia e reserva a ela tanto temor quanto você. Pois toma aí! Quem tá nesse caminhão? Amaral? Não, nós todos – encostos vivos montados na sua literatura para viajar e comer a poeira dos sonhos que você sonhou por nós, bandido! É a fuga de casa, poetizada e reinterpretada pela sua experiência de vida e de literatura. E mundo rural da minha Simão Dias, replicando nos seus singulares predicamentos, os campos de todo o mundo: "Oh! A vaca é a mesma que eu vi num quadro do Van Gogh...". O mundo é a sua aldeia e só compreendendo-a na sua

particularidade mais extrema é que você será capaz de cantar o universo.

É a vontade do novo, da aventura, do desenlace. É um rito de passagem que não se completa, atocaiado pela saudade matreira do bem-bom: lençolzinho cheiroso, cama macia, cuscuz com leite no café-da-manhã, beijo de mãe na testa, olhar de soslaio do pai conferindo a cria. É o medo da saudade, tantas vezes maior do que ela.

E os cheiros? Sua memória tem motor proustiano. É movida a milhões de cheiros trazidos por milhões de ventos e brisas que inventam perfumes e emprenham nuvens que você cataloga num tratado universal das tardes. Na madrugada mineira, sóbrio e acordado num hotel de Belzonte, sou arrebatado pela beleza do seu texto, pela universalidade do seu tema, pela arte com que você entretece sentimentos e os mistura ao concreto da vida. E com Humor! Humor com H maiúsculo, surpreendente, inesperado, filosófico.

Emocionei-me. Eis tudo. E isso vale mais que uma missa, vale uma missão. A missão do artista, do poeta, do artesão de memórias. Maravilha.

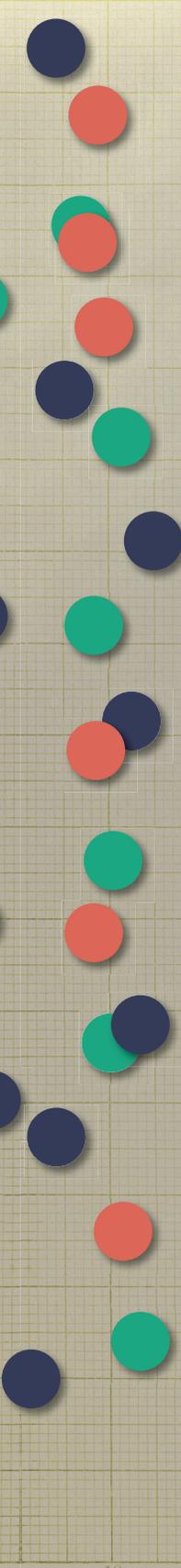
\*Esta crônica foi comentada por Marcelo Déda com o título "Em cima de um caminhão", em agosto de 2009.

## O POETA DO FOLHA DA PRAIA

*Marcos Cardoso*

Quando fui apresentado a Amaral Cavalcante, ele ostentava uma vistosa cabeleira encaracolada, um grosso bigode estilo Chevron, à Freddie Mercury, e um ar de senhor poeta. O ano era 1982 e o Folha da Praia (assim mesmo, no masculino, como ele gosta de designar) já era um jornal alternativo, de vanguarda, e que obteve sucesso com apenas um ano de fundado. Aliás, todos naquela Redação caótica devotamente o chamavam de poeta. Eu — um estudante de jornalismo, ainda no primeiro ano do curso, e um aprendiz da poesia — ficava admirado que um poeta fosse o editor do jornal.

Com a autoridade e a sensibilidade de um diretor de Redação, no dia do fechamento do jornal, Amaral regia aquela turba de jornalistas, intelectuais e malucos, fazendo-os produzir genialidades e excentricidades, ao mesmo tempo em que finalizava cada página, com o carinho de um pai que troca a roupa do filho dileto a fim de levá-lo para passear no parque. No caso, o rebento ia passear na praia todo fim de semana.



O editor colava delicadamente as colunas compostas no Jornal de Sergipe e ilustrava os textos com um desenho a nanquim ou com recortes de antigos gibis, quando o autor não recebia o prêmio de ver estampada na sua matéria uma foto de Fernando Souza, um mestre com a câmera na mão. Eu desenhava uma tira de humor e também ilustrava alguns textos a nanquim. Depois, o nanico finalizado ia para o fotolito e à offset de Ivan Valença.

Ilma Fontes, Fernando Sávio, Luciano Correia, Clara Angélica Porto, Adiberto de Souza, Carlos Magno, Ezequiel Monteiro, Zé Augusto Araújo, Carlos Walter, Augusto Aranha, dentre muitos outros velhos e jovens talentos da escrita e do jornalismo, ali encontraram o canal para veicular suas ideias e seus sonhos, logo eram os autores que davam conteúdo à publicação. Porque Amaral mesmo quase nunca escreve nos veículos que edita.

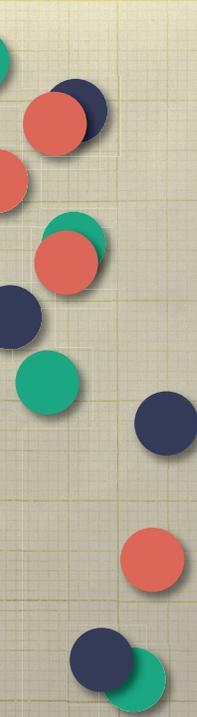
À noite, com a sensação do dever cumprido, muitos se dirigiam, invariavelmente, ao Barbudo's, o bar da hora, no calçadão da Atalaia, onde Amaral Cavalcante conduzia o debate sobre literatura e, após um gole, um trago de cigarro e uma cofiada no bigodão, antes de uma sonora gargalhada, finalizava com recomendações sobre Proust, já que era um reconhecido admirador de "Em busca do tempo perdido".

O jornalista tornou-se conhecido como poeta após a publicação de "Instante amarelo", em 1971, "poesia doce para uma atmosfera amarga de péssimas lembranças", na descrição de Luiz Antônio Barreto. "A surpresa apresentada pelo novo poeta, logo acolhida pela crítica mais autorizada, sacudia a literatura sergipana. Desde então, o nome de Amaral Cavalcante jamais deixou de circular nos ambientes intelectuais de Sergipe", expõe o velho e bom LAB. Foi o único livro de poesia do bardo simão-diense. Mas, também, para que mais?

Há um ano, escrevendo para o Observatório da Imprensa, de Alberto Dines, ele resumiu num título como se descobriu cronista e o que significa essa atividade recente, que é a matéria-prima do presente livro: "Entre o jornalismo e a poesia encontrei a crônica".

"Este negócio de crônica é uma grande novidade para mim. Meu chamego é a poesia. Mas ela não me quer, não me ama, torce o bico e me recrimina. Diz que dá pro Baudelaire; que eu não cheiro a girassóis; que não sei a Manoel de Barros uma insignificância de quintal. Malvada! A crônica me serve como um cocar de guizos", consola-se.

De um trauma fez-se o cronista. Era cobrador do Sergipe Jornal e invejava a inacessível redação. Por isso "demorou meia vida para que eu encarasse o presente sestro de escrever crônicas". E alerta: "A literatura universal não se apoquente: nada do que faço ameaça a



segurança da Academia. Não percam tempo os críticos em me justificar, não busquem os meus leitores me alçar à condição de grande descritor. O que eu tento fazer, bêbado e inconsequente, é conquistar o amor da poesia". Ah, a poesia!

## O AMIGO DE TODOS OS VINHOS

*Rian Santos*

Antônio Marcos, o professor de Literatura a quem devo a mania das palavras, sempre advertiu os alunos sobre a falsa solidão do poeta. Ele jurava de pés juntos que um homem de versos vai à feira, pega em dinheiro, adormece em frente à televisão, vencido pelo cansaço. O meu professor dizia a mais pura verdade.

Amaral Cavalcante, imortal da Academia Sergipana de Letras, por exemplo, é amigo de vinhos e bulício. O único poeta de carne e osso a quem eu dou ouvidos jamais perdeu tempo com caras e bocas, em pose parnasiana. Amaral troca a afetação do *métier*, a pompa das maiores cerimônias, por uma mesa animada, tilintando de copos, e qualquer dedo magro de prosa.

Cheio de histórias, o poeta as conta como ninguém, com um humor carinhoso, de quem sabe se fazer querido. À parte as dores na coluna, já relatadas em crônica, naturalmente, Amaral não sossega enquanto não arranca de um eventual interlocutor a mais aberta gargalhada.

Amaral é uma festa. Atenho-me aqui ao amigo. Quanto a suas letras, a fina flor da sensibilidade nativa, não faltará nunca quem as cante, em verso e prosa.

## AMARAL CAVALCANTE

*Silvia Leroy*

Fiquei muito feliz com a publicação, em livro, das crônicas de Amaral Cavalcante. Fica registrada para a posteridade essa referência bibliográfica capital para a cultura sergipana da nossa época. E a alegria em ver, perenizada, uma das mais belas expressões da nossa poesia em prosa.

Amaral é, sobretudo, um poeta e, como tal, sabe-se eterno aprendiz da vida; mas também um cidadão que quer, com o mesmo empenho, utilizar a sua competência literária como agente – transmutador talvez – da cultura e da sociedade em que vive. Sem dogma nem a priori formal ou ideológico, recusando os conceitos prévios e a torre de marfim, Amaral agarra-se à memória das vivências e segue, com suas crônicas, na busca da verdade, da sua verdade, de parceria com a alteridade que se lhe apresenta.

A identidade libertária do nosso escriba desvenda-se aos poucos graças à variedade de formas que a crônica oferece. A dupla exigência da expressão do “eu” e da interação com o outro levam-no a construir (e construir-se) por etapas, com um objetivo preciso e ética rigorosa, mas sem traçado prévio, avançando à medida

em que se afinam a afirmação do “eu” e da alteridade, a maestria no manejo da linguagem e a sua repercussão na significação do texto; assim, crônica após crônica, o seu percurso vai sendo registrado em filigrana.

Se, para o autor, o espaço do confronto explícito consigo mesmo num único texto é reservado ao poema, as suas crônicas retratam vivências pontuais, reais, partilhadas na infância sertaneja, na juventude aracajuana dos anos 1970 e os seus bares da época, na prática do jornalismo, no convívio cotidiano com os amigos; mas também com a justeza dos repentes de uma empregada doméstica aluada (*Alagoana*), de um papagaio desconfiado e de pouca conversa (*Frederico cidadão*)... De uma crônica à outra, observa-se, no plano da escrita, que o episódio verossímil passa a valer como metáfora ou alegoria, que sinestésias, hipálages e outros recursos retóricos põem em destaque a percepção do narrador, relegando ao segundo plano o fato narrado: com a linguagem poética, o texto desliza sutilmente para a introspecção, o que faz de certas crônicas verdadeiros poemas em prosa.

*Decido espanar o pó da memória nos  
armários da cozinha.*

*Rever o sorriso apatetado do biscuit,  
polir a esbelta compoteira até que surja,  
translúcida,*

*a lembrança dos doces guardados*

*(“As compoteiras”, maio 2007)*

Ou ainda, a respeito do doce de maracujá perruche:

*Bolinhas de um verde encabulado, que estalam no céu da boca os trincos do tatu-peba, coisa de sertão brabo, alpercata rangendo o couro cru na Caatinga. "Êh Perruche"*

Construída como uma renda de bilro, a obra de Amaral só pode ser vista com justeza no seu todo: cada momento (cada texto) é um ponto, uma experiência vital e linguística única, que contribui à composição da identidade do homem e do autor. O que o conjunto de suas crônicas nos traz, além das informações e emoções inerentes à história, além do prazer estético que o leitor possa partilhar, é a apreensão de um processo em curso que só se revelará por inteiro quando terminado. Dessa obra, surge, então, um magnífico bordado, sem riscado prévio, como a vida.

Como Caetano Veloso e Geraldo Vandré dizem: "sem lenço e sem documento/ os olhos cheios de cores/ o peito cheio de amores", Amaral prossegue a caminhada, "aprendendo e ensinando uma nova lição. Por que não?" E a vida continua. Que boa surpresa ele ainda nos prepara?

Obrigada, poeta.

## O OLHAR DE AMARAL

*Terezinha Alves de Oliva*

Muito cedo ainda, fomos Acadêmicos. Eu, Amaral Cavalcante e os colegas em quem a inteligência aguçada da Professora Carmelita Pinto Fontes percebeu perspectivas no mundo das Letras. Aos doze anos, eu enverguei a beca lilás – a cor da sabedoria, das Letras, da História – e fui empossada, com orgulho, na cadeira que tinha como patrono o nome do meu pai, João Oliva Alves. As fotos da cerimônia revelam olhos inocentes, algo ansiosos e perscrutadores. A novidade da Academia Sergipana de Letras dos Jovens Estudantes era absoluta! Depois da posse, os encontros semanais, o compromisso de apresentar aos “confrades” e à Professora Carmelita as últimas produções literárias, expressões de sonhos, de emoções e mesmo de denúncias, que vinham de corações jovens em poemas e crônicas.

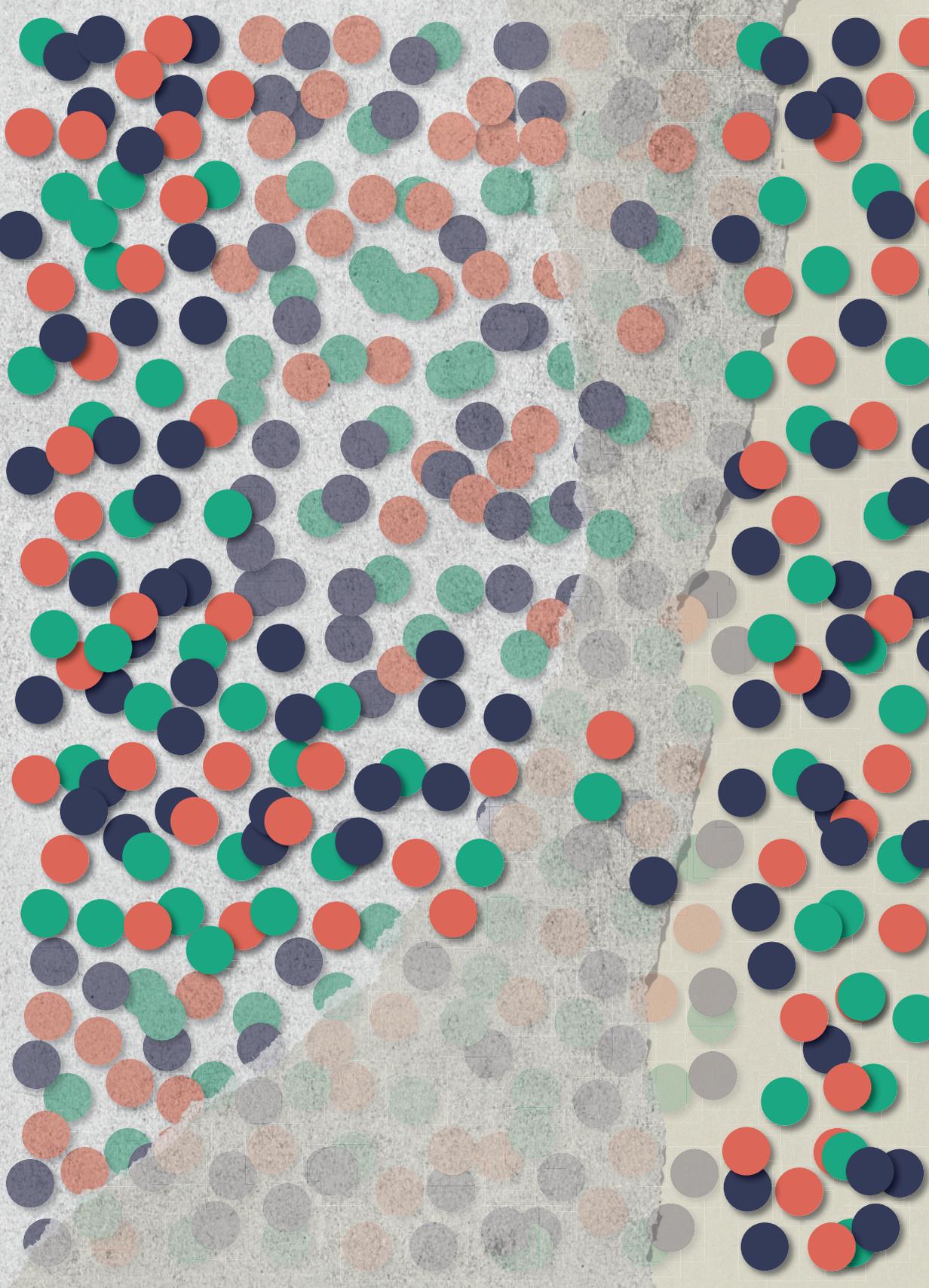
Um belo dia, chega ao grupo o poeta de Simão Dias. Voz marcante, porte longilíneo, com certo ar alternativo. A poesia forte de Amaral Cavalcante começou a marcar as reuniões semanais. Parecia mais vivido, algo maduro, subversivo, num grupo de meninos e meninas que tinham características mais ou menos homogêneas. O núcleo fundador da Academia viera do Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, o

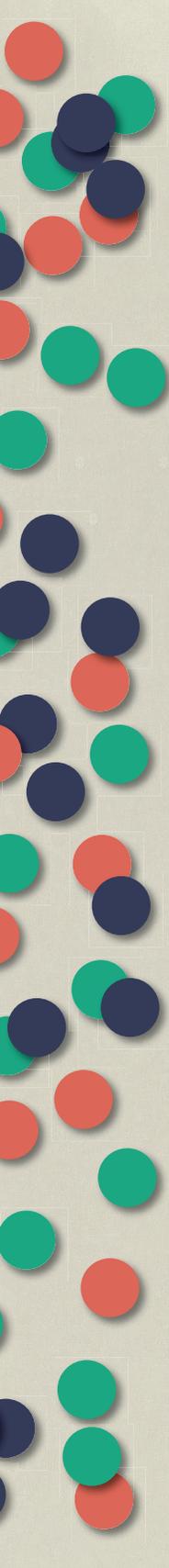


G.A., instituição que abrigou filhos da elite econômica e intelectual de Aracaju. Eu, embora estivesse entre os fundadores, era aluna do Colégio Patrocínio São José, talvez a única fora dos quadros do “Aplicação”, mas com a marca de uma escola feminina e católica.

Não me lembro de qual Colégio veio Amaral Cavalcante, mas sei que a sua poesia logo chamou a atenção, assim como a forma desembaraçada e destemida com que ele a apresentava. Calava em admiração as noites das nossas quintas-feiras. Nem tanto pelos temas, mas pela abordagem, pelo teor de uma experiência, que parecia extrapolar a nossa, a poesia de Amaral se destacava, na ousadia e na força, no conteúdo e na forma. Um belo fruto da Academia Sergipana de Letras de Jovens Estudantes, que não demoraria muito a se lançar, num Instante Amarelo, estreando antes de todos, com uma obra publicada.

O que veio depois é sabido. Um lugar conquistado na produção cultural sergipana, a incessante atividade que permanece muito viva, um gosto que não abre mão do prazer e da subversão, a chegada à imortalidade pela Academia dos adultos, ocupante que é de uma cadeira na Academia Sergipana de Letras. Hoje, além do poeta notável, Amaral é o cronista da própria vida e da vida da cidade, enxergando nesta Aracaju, um tanto pasteurizada, aquilo que só vê o olhar pleno de experiências inusitadas e a fina ironia com que, agora septuagenário, revela o “menino sabido” que ele sempre foi.

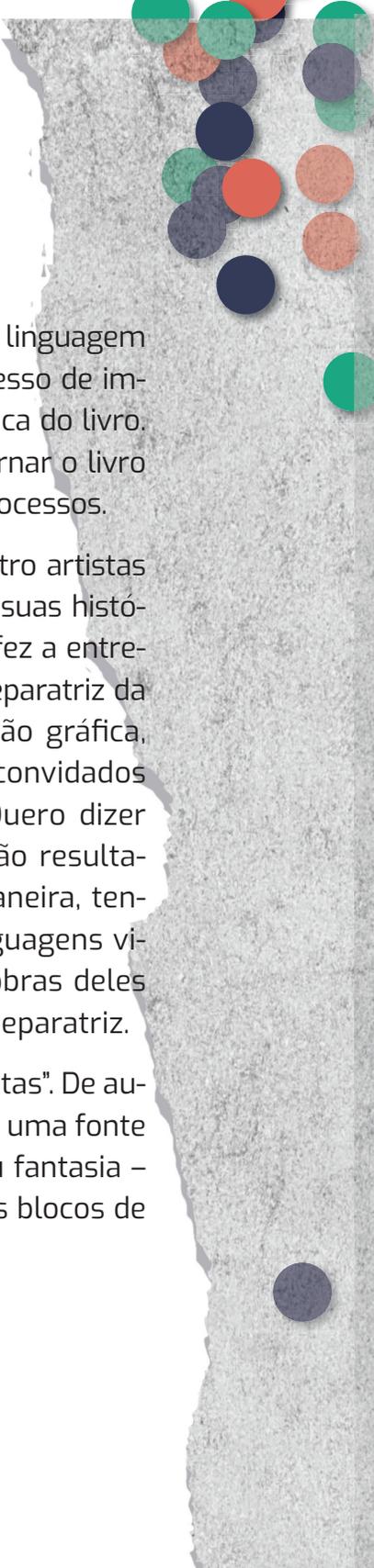




## **SOBRE O DESIGN DO LIVRO**

Com a inserção de computadores na atividade de um artista visual ou designer gráfico, no Brasil, a partir dos anos de 1980, produzir um livro tornou-se uma tarefa corriqueira. Quero dizer que basta saber manipular um software de editoração e pronto; qualquer um consegue dispor textos e imagens condicionados em uma malha invisível, que chamamos *grid*.

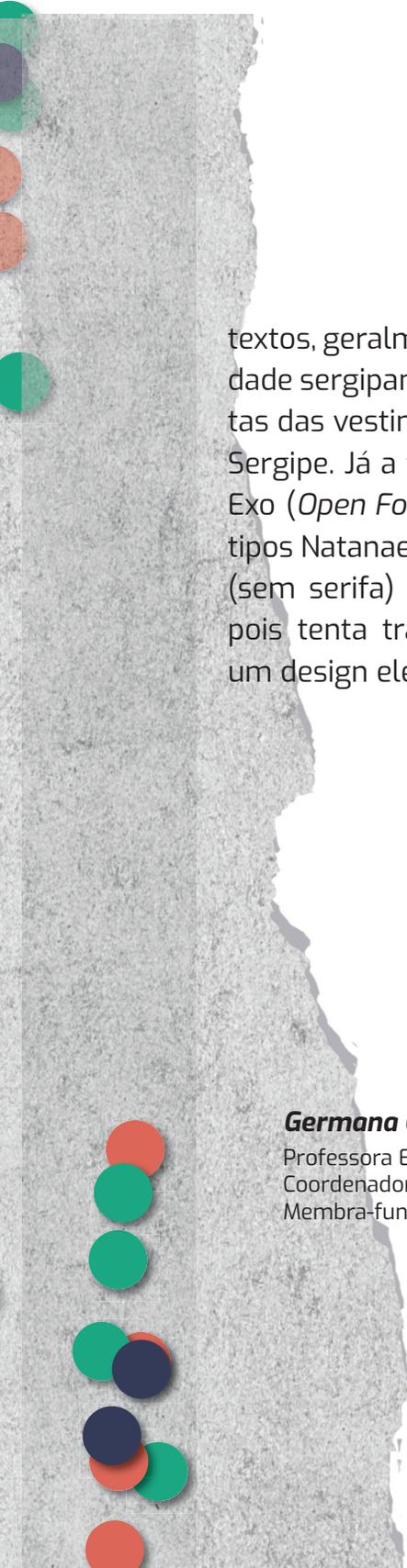
Ainda afetados pelos ecos modernistas da Escola de Design alemã (Bauhaus, 1919-1933) – “forma segue função” ou “menos é mais” –, o profissional em design, no geral, tem a ideia de que a página precisa ser, acima de tudo, funcional, prevendo, principalmente, a leitura nítida do conteúdo verbal. Entretanto, as fórmulas do Design Editorial apenas facilitam a tarefa para aqueles profissionais que não se dão conta da complexidade do projeto gráfico de um livro. A “forma” – que posso traduzir em formato (tamanho), layout e linguagem visual – certamente estabelece a relação de funcionalidade (ou de interatividade), mas também de outras experimentações do leitor com a leitura. Relewa-se que as escolhas profissionais devem definir os elementos que compõem a página configurada



(constructos gráficos), tais como: a tipografia, linguagem visual, mas, também, o tipo de papel, o processo de impressão e os acabamentos da produção gráfica do livro. As definições devem ser interligadas para tornar o livro um objeto que engendra tema, materiais e processos.

Neste livro, Amaral Cavalcante convidou quatro artistas para interpretarem visualmente o seu texto, suas histórias. Cada artista teve acesso a uma parte e fez a entrega de uma arte para que fosse inserida na separatriz da parte lida. Em um processo de desconstrução gráfica, utilizo de elementos visuais dos artistas convidados para alimentar o meu processo criativo. Quero dizer que, nesta obra, as minhas composições são resultado da mistura das quatro artes e, desta maneira, tento ampliar a interação do leitor com as linguagens visuais dos artistas, já que fragmentos das obras deles migram para outras partes do livro, fora a separatriz.

A tipografia utilizada nos títulos chama-se “Fitas”. De autoria do designer Vitor Rodrigues (Aracaju). É uma fonte display, podendo ser chamada decorativa ou fantasia – fonte projetada para ser usada em pequenos blocos de



textos, geralmente em títulos. A Fitas carrega personalidade sergipana, pois foi projetada com inspiração nas fitas das vestimentas de grupos folclóricos do estado de Sergipe. Já a fonte utilizada para os textos é da família Exo (*Open FontLicense*), desenvolvida pelo designer de tipos Natanael Gama (Lisboa); um tipo de letra *sansserif* (sem serifa) geométrica, considerada contemporânea, pois tenta transmitir uma sensação tecnológica com um design elegante.

***Germana Gonçalves de Araujo***

Professora Efetiva do Departamento de Artes e Design – DAVD/UFS  
Coordenadora Gráfica da Editora UFS  
Membra-fundadora da Academia de Letras de Aracaju



Este livro foi composto com a família tipográfica **Exo** (*Open Font License*), de autoria do designer Natanael Gama, para os textos corridos; com a tipografia Fitas, cedida pelo designer Vitor Rodrigues para a escrita dos títulos da obra e capítulos; e impresso com papel *offset* 75g/m<sup>2</sup>.